

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

KARLA ANDREA DE PAULA LEITE PEREIRA

**A SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA NA ESTRUTURA INTERNA DA
REDAÇÃO DO ENEM**

CURITIBA
2021

KARLA ANDREA DE PAULA LEITE PEREIRA

A SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA NA ESTRUTURA INTERNA DA REDAÇÃO DO ENEM

The Argumentative Sequence in the Internal Structure of the Enem Essay

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Curitiba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens. Área de concentração: Linguagem e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci

CURITIBA
2021



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Atribuição – Uso
não Comercial

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba



KARLA ANDREA DE PAULA LEITE PEREIRA

A SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA NA ESTRUTURA INTERNA DA REDAÇÃO DO ENEM

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 24 de Agosto de 2021

Prof. Roberlei Alves Bertucci, Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Evandro De Melo Catelan, Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Marcus Vinicius Da Silva Lunguinho, Doutorado
Universidade de Brasília (UnB)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 24/08/2021.

*Ao meu esposo, Flávio, e ao meu filho, Davi, presentes de
Deus em minha vida. Amo vocês!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por todas as bênçãos que têm concedido e as que ainda virão.

Agradeço ao meu esposo, pelo amor e apoio.

Agradeço à minha família, pelo encorajamento em todos os momentos e pelo exemplo que são para mim.

Agradeço ao meu orientador, pelo apoio, pela dedicação a este trabalho e por todos os conselhos e ensinamentos.

Agradeço a todos os professores do PPGEL da UTFPR, por todo o aprendizado que transmitiram e o exemplo de profissionais que são.

Por fim, agradeço aos professores que aceitaram participar da cerimônia de defesa pública desta dissertação, Prof. Dr. Evandro Catelan e Prof. Dr. Marcus Lunguinho, pelos seus comentários e observações sobre a pesquisa.

*Pois o Senhor é quem dá sabedoria;
de sua boca procedem
o conhecimento e o discernimento.*

Provérbios 2:6

RESUMO

PEREIRA, Karla Andrea de Paula Leite. **A sequência argumentativa na estrutura interna da redação do Enem**. 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

A redação do Exame Nacional do Ensino Médio é um gênero textual frequentemente estudado em escolas e cursinhos preparatórios, dado que é uma parte importante de um exame nacional e sua pontuação impacta a nota final do participante. É um tipo de texto misto, dissertativo-argumentativo, que possui características próprias, como a proposta de intervenção. Apesar de ser um gênero sem circulação social, ocorrendo apenas uma vez ao ano, é grande a sua importância na esfera em que se encontra. Assim, é imprescindível conhecer a estrutura desse gênero, para que a produção seja feita de forma assertiva. Apoiado nesse cenário e na teoria de Jean-Michel Adam (2019) sobre sequências textuais e sua importância para a construção do texto em nível mesotextual, um questionamento deu base a este estudo: a partir do protótipo sugerido por Adam, questiona-se como essas sequências são estruturadas no interior do texto, isto é, qual a ordem em que essa estrutura pré-formatada aparece? Isto posto, esta pesquisa tem por objetivo analisar a materialização da sequência argumentativa nas produções desse gênero, buscando identificar como elas se apresentam, ou seja, como elas são estruturadas no decorrer do texto, com intuito de entender seus aspectos composicionais e linguísticos (macroproposições e proposições), estritamente no nível textual da análise teorizada por Adam (2019). Para isso, serão utilizados os estudos de Adam sobre as sequências textuais, em especial a argumentativa, isso porque presume-se que esse gênero possua essa classe de sequências dado o seu tipo de texto. Esta pesquisa tem base investigativa, sendo classificada como uma pesquisa quanti-quali, realizada por meio do estudo bibliográfico e análise de textos, com foco na área de linguística textual. Foram analisadas redações “nota mil” e redações com notas mais baixas (disponíveis no banco de redações Digitus), dando base para um comparativo entre os dados encontrados. Os resultados obtidos indicaram que a sequência argumentativa está presente nas duas classes de redações analisadas, porém nas redações “nota mil” há sequências argumentativas mais claras, bem definidas e que atendem tanto o protótipo de Adam como as exigências de correção do exame. Em contrapartida, nas outras redações, os critérios de correção não foram atendidos satisfatoriamente e houve maior dificuldade em definir as macroproposições, sobretudo pela carência de elementos linguísticos de coesão e pouco detalhamento de informações, o que encarrega o leitor de fazer as relações necessárias ao entendimento do texto, situação essa que achata a nota final da redação.

Palavras-chave: Argumentação. Sequência argumentativa. Redação do Enem. Texto dissertativo-argumentativo.

ABSTRACT

PEREIRA, Karla Andrea de Paula Leite. **The argumentative sequence in the internal structure of the Enem essay**. 2021. 142 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

The Enem essay is a textual genre frequently studied in schools and preparatory courses, given that it is an important part of a national exam and its score impacts the participant's final grade. It is a mixed type of text, dissertative-argumentative text, which has its own characteristics, such as the intervention proposal. Despite being a genre without much circulation, occurring only once a year, its importance in the sphere in which it is found is great. Thus, it is essential to know the structure of this genre, so that the production is done in an assertive way. Based on this scenario and considering Jean Michel-Adam's theory on textual sequences and their importance in the construction of the text at the mesotextual level, a question was based on this study: from the prototype suggested by Adam, we question how these sequences are they structured within the text, that is, what order does this preformatted structure appear? That said, this research aims to analyze the materialization of the argumentative sequence in the productions of this genre, seeking to identify how they are presented, that is, how they are structured throughout the text, in order to understand their compositional and linguistic aspects (macropropositions and propositions), strictly at the textual level of analysis theorized by Adam (2019). For this, Adam's studies (2019) on textual sequences will be used, especially the argumentative one, because it is assumed that this genre has this class of sequences given its type of text. This research has an investigative basis, being a quantitative-quali research, carried out through bibliographical study and text analysis, focusing on the field of textual linguistics. Essays with grade 1000 and essays with lower grades (Digitus newsroom bank) were analyzed, providing the basis for a comparison between the data found. The results obtained indicated that the argumentative sequence is present in the two classes of essays analyzed, however, in the essays with a good grade, there are clearer, well-defined argumentative sequences that meet both Adam's prototype and the exam's correction requirements. On the other hand, in other newsrooms, the correction criteria were not satisfactorily met and there was greater difficulty in defining the macro propositions, especially due to the lack of linguistic elements of cohesion and little detailing of information, which makes the reader responsible for making the necessary relations to the understanding of the text, a situation that flattens the final note of the essay.

Keywords: Argumentation. Argumentative sequence. Enem essay. Dissertation-argumentative text.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Níveis ou patamares de análise	39
Figura 2 – Sequência argumentativa completa	48
Figura 3 – Nível justificativo.....	49
Figura 4 – MP Arg. 0	50
Figura 5 – MP Arg. 1	51
Figura 6 – MP Arg. 4	51
Figura 7 – Sequência argumentativa completa	52
Figura 8 – Proposta de redação Enem 2019.....	55
Figura 9 – Redação 1 (RD 1)	70
Figura 10 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 1).....	71
Figura 11 – Sequência argumentativa resumidora (RD 1)	74
Figura 12 – Redação 3 (RD 3)	75
Figura 13 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 3).....	76
Figura 14 – Sequência argumentativa resumidora (RD 3)	79
Figura 15 – Redação 6 (RD 6)	80
Figura 16 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 6).....	81
Figura 17 – Sequência argumentativa resumidora (RD 6)	84
Figura 18 – Redação 10 (RD 10)	85
Figura 19 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 10).....	86
Figura 20 – Sequência argumentativa resumidora (RD 10)	89
Figura 21 – Redação (RD 11)	90
Figura 22 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 11).....	91
Figura 23 – Sequência argumentativa resumidora (RD 11)	94
Figura 24 – Redação 12 (RD 12)	96
Figura 25 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 12).....	97
Figura 26 – Sequência argumentativa resumidora (RD 12)	102
Figura 27 – Redação 14 (RD 14)	103
Figura 28 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 14).....	104
Figura 29 – Sequência argumentativa resumidora (RD 14)	107
Figura 30 – Redação 18 (RD 18)	108
Figura 31 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 18).....	109
Figura 32 – Sequência argumentativa resumidora (RD 18)	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização composicional: planos de texto e estruturação sequencial	45
Quadro 2 – Competências a serem avaliadas no Enem	56
Quadro 3 – Níveis de desempenho da Competência 1	57
Quadro 4 – Princípios de estruturação da redação do Enem.....	58
Quadro 5 – Níveis de desempenho da Competência 2	59
Quadro 6 – Níveis de desempenho da Competência 3	60
Quadro 7 – Níveis de desempenho da Competência 4	61
Quadro 8 – Níveis de desempenho da Competência 5	62
Quadro 9 – Considerações sobre as análises.....	117

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: O INÍCIO DA JORNADA.....	12
2	DA TECNOLOGIA AO GÊNERO: UM CAMINHO PELA LINGUAGEM	20
2.1	TECNOLOGIA: EM BUSCA DE UM CONCEITO	20
2.2	LINGUAGEM E LÍNGUA: EM BUSCA DE UMA DELIMITAÇÃO	24
2.3	A ESCRITA: EM BUSCA DE UMA NOVA TECNOLOGIA	26
2.4	GÊNERO: EM BUSCA DE UMA EXPLICAÇÃO	31
2.4.1	A visão de Adam sobre os gêneros	37
2.5	SÍNTESE DO CAPÍTULO	40
3	DA SEQUÊNCIA TEXTUAL AO ENEM: PERCORRENDO TEORIAS.....	42
3.1	CONSTRUÇÃO DO TEXTO: AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	42
3.1.1	Sequência argumentativa	47
3.2	REDAÇÃO DO ENEM: O GÊNERO EM EVIDÊNCIA	53
3.3	VARIÁVEIS TEXTUAIS: A PROCURA DE CRITÉRIOS	64
3.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	65
4	ANÁLISE DOS DADOS: PROSSEGUINDO PARA O ALVO	66
4.1	METODOLOGIA: IDEALIZANDO O PERCURSO	66
4.2	RESULTADOS: EXPLORANDO OS DADOS	69
4.2.1	Análise das redações nota mil	70
4.2.2	Análise das redações do banco Digitus	89
4.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO: REVISITANDO A TRAJETÓRIA	112
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FIM DA JORNADA?	119
	REFERÊNCIAS.....	126
	APÊNDICE A – REDAÇÃO 2	130
	APÊNDICE B – REDAÇÃO 4	131
	APÊNDICE C – REDAÇÃO 5	132
	APÊNDICE D – REDAÇÃO 7	133
	APÊNDICE E – REDAÇÃO 8	134
	APÊNDICE F – REDAÇÃO 9.....	135
	APÊNDICE G – REDAÇÃO 13	136
	APÊNDICE H – REDAÇÃO 15	137
	APÊNDICE I – REDAÇÃO 16.....	138

APÊNDICE J – REDAÇÃO 17	139
APÊNDICE K – REDAÇÃO 19	140
APÊNDICE L – REDAÇÃO 20	141
ANEXO A – PROPOSTA DE REDAÇÃO: ENEM 2019	142
ANEXO B – PROPOSTA DE REDAÇÃO: ENEM 2018	143

1 INTRODUÇÃO: O INÍCIO DA JORNADA

Uma atividade fundamental nas interações comunicativas é a argumentação, seja na escrita ou na fala, presente em maior ou menor grau de expressividade em nossos enunciados. Isso porque, conforme sustenta José Luiz Fiorin (2011, p. 69), “argumentar é, pois, construir um discurso que tem a finalidade de persuadir”. Logo, seja em uma entrevista de emprego, em um favor solicitado, em uma postagem nas mídias sociais ou em uma tese de doutorado, a argumentação está presente. Especialmente na escrita e com foco no meio acadêmico, a argumentação deve acontecer de forma clara, coerente e coesa (ANTUNES, 2010; KOCH, 2000), assim, para persuadir uma audiência (uma banca de defesa, um professor de determinada disciplina...), o produtor do texto, nesse caso, deve dispor de vários recursos para atingir o seu objetivo, seja no nível discursivo ou textual. Com isso, destacando o estudo do texto, propriamente, é possível encontrar elementos linguísticos que suportem que essa determinada produção é majoritariamente argumentativa, do ponto de vista linguístico-textual da análise.

Sobre esse assunto, em seus estudos, Jean-Michel Adam (2019) propôs uma teoria de análise textual e discursiva que explora os limites internos e externos do texto, propondo diversas variáveis de análise que estão interligadas. No nível textual, uma dessas variáveis é a análise de sequências textuais, do que o autor chama os construtos formadores dos textos. Dentre as sequências expostas pelo teórico, há a sequência argumentativa, que trata a “argumentação como uma forma de composição elementar” (ADAM, 2019, p. 146), não devendo ser confundida com a argumentação em geral, visto que há outros elementos discursivos que constituem um enunciado argumentativo. Uma sequência argumentativa é um conjunto de macroproposições que tem como finalidade apresentar um raciocínio argumentativo. Logo, com base nisso, espera-se que um texto de caráter argumentativo possua, predominantemente, sequências argumentativas.

A partir desse pressuposto, faz-se importante o estudo do texto, o entendimento dos elementos construtivos (macro e microelementos) e a compreensão da utilização da língua nessa determinada situação de ocorrência, isto é, inclinada à argumentação, principalmente em produções utilizadas com frequência no meio acadêmico. Ademais,

estudos nessa área podem contribuir para discussões sobre as práticas de ensino atuais e a própria pesquisa em linguística textual.

A proposta da pesquisa que será realizada é o estudo sobre a linguagem em sua forma escrita, buscando entender sua construção, utilização e finalidade, considerando desde a palavra como uma ferramenta tecnológica (COULMAS, 2014) empregue pelo homem para interação e para expressão de sua opinião, nesse caso, gerando como resultado um texto argumentativo. Isso evidencia as relações entre linguagem e tecnologia tão caras a este estudo, como também abre portas para uma breve discussão sobre tecnologia cognitiva, iniciada por Marcelo Dascal (2004), a qual pode encontrar na sequência argumentativa aqui analisada um exemplar concreto desse conceito. O estudo também pretende buscar, a partir do texto de um determinado gênero (uma forma de expressão escrita do ser humano), entender como o homem mobiliza esquemas sociocognitivos, desenvolvidos ao longo de sua vida (pessoal e acadêmica), na produção de um enunciado a fim de realizar sua intenção comunicativa, o que nesta pesquisa é o ato de argumentar com base em elementos linguísticos.

Com vistas ao estudo da sequência argumentativa em textos que tendem a ter predominância argumentativa e circulam no ambiente acadêmico, o gênero “redação do Enem” é uma boa categoria para análise, dada sua importância na vida acadêmica. Esse gênero é abordado e estudado, especialmente nos anos finais do ensino médio, porque faz parte do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), uma prova aplicada pelo governo aos estudantes e candidatos a vagas no ensino superior. A nota alcançada pelo candidato pode possibilitar o ingresso em universidades públicas e institutos federais, bem como conseguir bolsas e financiamentos em instituições privadas, vindo daí a sua importância ao estudante concluinte do ensino médio.

No contexto do Exame, a redação do Enem é chamada de texto dissertativo-argumentativo, um gênero misto, portanto, por mesclar elementos comuns da dissertação e da argumentação. Márcio Cantarin, Roberlei Alves Bertucci e Rogério Almeida (2017, p. 83) afirmam que dissertar é “[...] fazer uma reflexão teórica sobre um assunto”, o que pressupõe que o autor use seu repertório sociocultural e utilize recursos de diferentes fontes na exposição. Quanto à argumentação, a própria cartilha do Enem (BRASIL, 2019) indica que o candidato deve defender um ponto de vista com argumentos consistentes, propondo uma intervenção ao problema discutido. Assim, a mescla observada em gêneros como a redação do Enem envolve a

dominância da argumentação para a construção do texto, visto que o objetivo principal é a defesa de um ponto de vista, com aspectos da dissertação (reflexão teórica e /ou aprofundamento do tema) a partir da perspectiva que será defendida.

Em relação ao texto dissertativo-argumentativo, Maria Luiza Coroa (2017, p. 69) faz uma diferenciação interessante entre o dissertativo-expositivo e o dissertativo-argumentativo, sustentando que esse último tem o objetivo “de dar a conhecer alguma coisa ao leitor — informá-lo ou ensiná-lo —, como também pretende o tipo expositivo, mas o tipo argumentativo busca mais: visa convencer o leitor sobre a verdade dos sentidos que constrói”. Logo, o texto dissertativo-argumentativo tem como objetivo a argumentação sobre algum tema, a qual deve ser evidenciada e compreendida, usando elementos dissertativos com caráter argumentativo para expressar corretamente sua opinião no momento de escrita do texto. Na redação do Enem, esse é o tipo de texto solicitado aos participantes para desenvolvimento durante o exame, e, dado seu caráter monitorado e altamente regulado (com competências específicas que são pontuadas na correção das redações, como também uma estrutura predeterminada), essas relações argumentativas e dissertativas podem ser encontradas, especialmente em redações com nota máxima (redações nota mil), aquelas consideradas prototípicas do gênero¹.

Quando se fala a respeito do estudo de gêneros, logo retoma-se o conceito de Mikhail Bakhtin (1997, p. 279), um dos mais utilizados para trabalhos nessa área, como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Adam (2019, p. 33), seguindo o mesmo caminho, considera que “os gêneros [...] são padrões sociocomunicativos e sócio-históricos que os grupos sociais compõem para organizar as formas da língua em discurso”, e assume também certa estabilidade desses compostos. Porém, Adam (2019) vai além: considera também as sequências, objeto de estudo desta pesquisa, esquemas relativamente estáveis, talvez até mais que os gêneros por serem formas prototípicas². São conjuntos de proposições que se relacionam e formam enunciados,

¹ Consideramos aqui as redações nota mil como prototípicas do gênero, pois elas atendem todas as exigências para que esse texto seja compatível com o que se espera no exame, recebendo, assim, a nota máxima. Essa definição está de acordo com a pesquisa de Bertucci (2021a), que também as considera como prototípicas em seus estudos.

² A hipótese de Adam (2019, p. 50) é a de que “entre os ‘tipos relativamente estáveis de enunciado’ e as regularidades composicionais de que fala Bakhtin, é preciso destacar as regularidades sequenciais. [Dessa forma,] As sequências parecem se reduzir a alguns tipos elementares de composição de enunciados.” À vista disso, as sequências são formas complexas e tipificadas, estruturas “[...] bastante flexíveis e suficientemente estáveis para estarem ativas como padrões de reconhecimento tanto na produção quanto na recepção-interpretação” (ADAM, 2019, p. 65), portanto, podem ser consideradas prototípicas.

logo, não é possível tratar das sequências sem passar por conceitos como gênero e texto, concepções que serão mais bem discutidas no Capítulo 3 desta dissertação.

As sequências são meso-unidades da estrutura composicional dos textos, assim, apesar de serem uma categoria de análise da linguística textual, isto é, mais voltada à pesquisa do que ao ensino, entender como essas estruturas se organizam e são encadeadas pelo produtor do texto traz grande impacto ao ensino de produção textual, pois dessa forma também se compreende como as produções prototípicas são construídas e organizadas em sua estrutura interna e, a partir desse conhecimento, direcionar o estudante sobre como produzir esses textos. Esse conhecimento também pode intervir em outras áreas da vida do ser humano, isso porque o argumentar está presente nas relações humanas e nas atividades linguísticas, como já foi exposto, de modo que saber estruturar linguisticamente a argumentação abre um leque de possibilidades ao falante, as quais ele pode (ou não) escolher, seja na escrita da redação do Enem, seja na escrita de um texto de outra área. Estudos que buscam analisar esses fenômenos da língua podem auxiliar tanto o entendimento do gênero e da língua como capacitar os estudantes a dominar diferentes formas do uso da língua. Como bem afirmou Adam (2019, p. 23):

Nas tarefas, tanto de compreensão quanto de produção [de textos], o conhecimento de esquemas prototípicos apenas dota intérpretes e produtores de um conjunto de estratégias de resolução de problemas. Como observa Walter Kintsch [1982, p. 96], a propósito da leitura: “É certamente possível não se valer dessas estratégias, mas ser capaz de empregar estratégias organizacionais específicas pode ser uma ajuda poderosa ao leitor”.

Alguns pesquisadores, como Josélia Ribeiro (2012), se debruçaram sobre o tema, analisando textos de alunos do ensino fundamental e médio com o intuito de verificar como as sequências argumentativas se concretizavam nessas produções. De acordo com Ribeiro (2012, p. 10), “não podemos mais somente apontar falhas, discutir problemas e dificuldades, necessita-se de estudos voltados ao desenvolvimento da competência linguística de nossos alunos”. Para ela, esse tipo de abordagem promove reflexões que podem contribuir para a superação de dificuldades de leitura e escrita, a fim de desenvolver a competência linguísticas dos estudantes, por isso a escolha de estudar as sequências, provocando, assim, reflexões sobre o ensino da produção de textos na escola.

Flávia Cristina Oliveira (2016) também estudou a sequência textual proposta por Adam no gênero redação do Enem, enfocando sua pesquisa na estrutura composicional textual/discursiva e os tipos de acordo e técnicas argumentativas da Nova Retórica, verificando as macroproposições e o plano do texto defendido por Adam. De forma ampla, a pesquisa de Oliveira (2016) pretendia demonstrar os aspectos internos e externos do gênero redação do Enem, visto que “reconhecer essas características auxilia professores e interessados em produção textual do ensino básico a conhecerem esse gênero e, assim, orientarem os alunos a produzi-lo” (OLIVEIRA, 2016, p. 17).

É de consenso entre esses estudiosos que a pesquisa e o conhecimento dos fenômenos da língua e da estrutura composicional do texto auxilia o ensino e a aprendizagem dos gêneros, propiciando aos alunos um repertório linguístico maior que poderá ser utilizado durante a produção de textos. No caso da redação do Enem, há critérios de correção como domínio da modalidade escrita formal da língua, dos mecanismos linguísticos argumentativos e da estrutura do texto, em que aqueles conhecimentos são o diferencial entre notas maiores e menores. Em virtude disso, este trabalho se encaixa nos estudos de linguística textual, intencionando evidenciar aspectos da construção das sequências e, por consequência, do gênero, que poderão se desdobrar em novas pesquisas do tema e no ensino de critérios mais assertivos de produção textual.

Sabe-se que o ensino específico das sequências textuais não é um fator recorrente durante o aprendizado escolar do participante, porém como elas são construtos formadores dos textos, entende-se que essas formas são adquiridas da mesma maneira que a língua escrita, que os gêneros, que as formas de argumentar, no decorrer da vida. Assim, durante a produção textual, o participante coloca em prática o conhecimento adquirido durante as várias experiências e situações sociocomunicativas de sua vida.

A partir desse panorama, e levando em consideração que o gênero redação do Enem é um texto do tipo dissertativo-argumentativo, no qual se espera que a sequência argumentativa seja a dominante, tem-se a seguinte questão-problema: a partir do protótipo sugerido por Adam, questiona-se como essas sequências são estruturadas no interior do texto, isto é, qual a ordem em que essa estrutura pré-formatada aparece? Com isso, espera-se observar se as sequências se apresentam

da forma que o teórico postulou (com suas macroproposições e níveis de organização) e se é possível encontrar elementos que as identifique/delimita.

Essas questões foram base para desenvolver o objetivo desta pesquisa, o qual é analisar a materialização da sequência argumentativa proposta por Adam (2019) em textos modelo redação do Enem, buscando identificar como elas se apresentam, ou seja, como são estruturadas no decorrer do texto. Isso com vistas a entender os aspectos composicionais e linguísticos que marcam a construção da argumentação, verificando se ela está assentada em esquemas argumentativos relativamente estáveis, sob uma perspectiva da linguística textual e discursiva proposta por Adam, especificamente no nível da análise textual do discurso.

Uma vez que “categorização e categorias são os elementos fundamentais, na maior parte do tempo inconscientes, de nossa organização da experiência” (KLEIBER, 1990, p. 13 *apud* ADAM, 2019, p. 14), deixar de analisar um texto em seu nível linguístico/composicional é não atentar para todos os aspectos e elementos que compõe esse enunciado, elementos esses percebidos pelo produtor. Jean-Paul Bronckart (1997, p. 138 *apud* ADAM, 2019, p. 15) afirma que:

[...] uma classificação de textos não pode se basear sobre o único critério facilmente objetivável, a saber, as unidades linguísticas que neles são empiricamente observáveis. Qualquer que seja o gênero a que eles pertencem, os textos são, de fato, compostos, segundo modalidades muito variáveis.

Contudo, isso não omite a responsabilidade das pesquisas em observar todas as variáveis que formam os gêneros, sejam elas linguísticas, discursivas, sociais, dentre outras. Com isso, uma visão ampliada e completa do texto será possível de ser alcançada, visto que todas as suas partes são conhecidas e verificáveis.

Para isso, alguns objetivos específicos foram delimitados, como:

- coletar e analisar textos do gênero redação do Enem nota mil e textos modelo redação do Enem que não alcançaram nota máxima no banco de redações Digitus;
- comparar a composição da sequência argumentativa nos textos selecionados;
- analisar como a estrutura da sequência pode explicar o desempenho do

texto (melhor ou pior nota).

Adam (2019) reconhece que durante a pesquisa com textos, o pesquisador é levado ao estudo de marcas linguísticas presentes naquele exemplar, isso porque o falante também percebe a diferenciação entre um texto narrativo e um não narrativo, por exemplo, por meio da observação da língua. Isso evidencia que, apesar de vários aspectos influenciarem a caracterização pelo falante de um determinado gênero, os elementos linguísticos fazem parte desses aspectos e muitas vezes, pode ser o que mais se sobressai para ele nesse processo. O autor também reconhece que essa caracterização linguística pode ser, às vezes, um pouco contraditória, contudo, é importante, visto que sem o conhecimento de categorias linguísticas, por exemplo, a compreensão dos enunciados seria impossível. Portanto, seu conselho é que o estudo dos elementos linguísticos deve exigir uma “[...] prudência saudável que não deve, contudo, nos impedir de formular hipóteses de trabalho” (ADAM, 2019, p. 14).

Isso posto, com a finalidade de nortear o estudo, algumas hipóteses podem ser levantadas antes das análises, as quais poderão ou não serem validadas durante a investigação. São elas:

- por ser um texto dissertativo-argumentativo, espera-se que a sequência dominante ou resumidora seja a argumentativa;
- presume-se que os textos mais bem avaliados possuam sequências argumentativas com macroproposições mais bem definidas;
- imagina-se que textos que obtiveram notas baixas sejam compostos por sequências argumentativas incompletas, levando em consideração as macroproposições denominadas por Adam (2019) ou por sequências que não consigam ser determinadas como argumentativa.

A partir desse panorama, esta pesquisa de dissertação está organizada em cinco capítulos, sendo esta introdução o primeiro. No segundo, é realizado um estudo teórico de conceituação e delimitação dos temas “tecnologia” e “gênero”, traçando um caminho histórico em busca de uma concepção adequada que fundamente este trabalho e a direção que será adotada no decorrer da pesquisa. Para isso, serão abordados assuntos como o conceito de tecnologia, a relação entre tecnologia e linguagem, a diferenciação entre linguagem e língua, e, por fim, a compreensão do que é gênero partindo do que foi pressuposto sobre tecnologia e linguagem.

O terceiro capítulo é dedicado ao entendimento mais aprofundado das noções de Adam sobre a construção do texto, em especial da sequência textual, dando ênfase

à sequência argumentativa. Também é analisado o texto dissertativo-argumentativo do Enem, um gênero com características próprias, com grande estabilidade e altamente regulado. Nesse capítulo também serão levantadas algumas variáveis observadas por Adam que podem ser consideradas como critérios para a identificação ou não de sequências argumentativas.

O quarto capítulo é destinado à análise dos textos e à apresentação da metodologia utilizada para o estudo, bem como os resultados encontrados e algumas conclusões a partir do que foi examinado. Espera-se verificar como se dá a sequencialidade argumentativa proposta por Adam (2019) em textos modelo Enem feitos em situações reais de uso, constatando as características elencadas pelo teórico em seus estudos.

Por fim, na última parte desta pesquisa são feitas algumas considerações sobre o tema estudado, a jornada até o término da dissertação e possibilidades de projetos futuros sobre o assunto abordado. Almeja-se, sempre, chegar ao final com a sensação de dever cumprido, de satisfação pelo trabalho realizado e de entusiasmo em seguir na área de pesquisa em linguística.

Em resumo, salienta-se que a busca aqui empreendida é de uma perspectiva da linguística textual, analisando elementos composicionais das sequências textuais, com suas características gramaticais e semânticas, não adentrando nos aspectos discursivos da pesquisa de Adam (2019), mas também não os excluindo, pois entende-se que o processo de construção da argumentação inclui diversos fatores que não serão explorados, como a intencionalidade, pertencentes a outros campos de investigação linguística. Também não é o objetivo aqui exaurir os estudos das sequências textuais, em especial a argumentativa, ou do gênero redação do Enem, e sim possibilitar outras discussões sobre o tema.

2 DA TECNOLOGIA AO GÊNERO: UM CAMINHO PELA LINGUAGEM

O pensar sobre a tecnologia em relação à linguagem pode ser um trabalho complicado, pois, à primeira vista, não parece existir uma conexão entre essas duas áreas. Porém, conforme os estudos vão se aprofundando, percebe-se que elas estão fortemente ligadas, o que possibilita depreender aproximações entre tecnologia (VARGAS, 2009) e linguagem (BENVENISTE, 1988). Contudo, é preciso, num primeiro momento, definir o que são esses temas, para, depois, apontar possíveis interfaces entre eles, e, por último, definir como tecnologia o principal instrumento para construção do objeto de análise desta pesquisa, a escrita, e, em decorrência, os produtos resultantes dela, como os gêneros textuais escritos, também como ferramentas tecnológicas.

2.1 TECNOLOGIA: EM BUSCA DE UM CONCEITO

Atualmente, há um “largo e indiscriminado emprego” do termo “tecnologia”, nas mais diferentes áreas e com os mais diversos propósitos, “o que a torna ao mesmo tempo uma noção essencial e confusa” (VIEIRA PINTO, 2005, p. 219). Definir *tecnologia*, com um conceito único e delimitado, não é uma tarefa fácil, especialmente nos dias de hoje, em que encontramos diversas definições para essa palavra (RÜDIGER, 2003; VIEIRA PINTO, 2005; CUPANI, 2016), desde uma visão mais comum, como sendo sinônimo de “técnica”, até concepções sociológicas mais complexas, com a chamada “ideologia da tecnologia” (VIEIRA PINTO, 2005)³. Essa quantidade de definições possíveis se deve ao seu caráter complexo e múltiplo, sendo que cada uma delas prioriza um aspecto, colocando-o como seu objeto de análise.

Quando pensamos em algo tecnológico, logo nos vem à memória a técnica, ou algo “produzido mediante algum procedimento sujeito a regras” (CUPANI, 2016, p. 15), por exemplo, o celular, esse aparelho concebido com base em especificações, com peças determinadas, com um sistema de uso próprio, enfim, com várias técnicas.

³ Não abordaremos aqui todos os conceitos elencados pelos autores, mas sim noções que vão ao encontro desta pesquisa, como tecnologia sendo algo que não é dado, não é natural ao ser humano, mas desenvolvido por ele, e técnica sendo o conhecimento de como utilizar/transformar/desenvolver essa tecnologia.

Isso nos mostra que técnica e tecnologia andam lado a lado; mas é possível dizer que são a mesma coisa?

Francisco Rüdiger (2003, p. 76) assinala que a técnica, para os antigos, era a “práxis criadora individual”, variando de uma pessoa para outra, sendo “uma forma de saber de que o homem se serve para produzir o que a natureza não lhe proporciona espontaneamente”. Essa práxis teve algumas definições ao longo dos séculos: até o século XVII, era sinônimo para arte (*technè*), um processo que tem o objetivo de modificar a realidade; no século XVIII, inicia-se a transformação do conceito de *técnica* para *tecnologia*, sendo a primeira identificada como descrição das artes (ofícios, manufaturas, habilidades); do século XIX em diante, a tecnologia toma mais corpo; no início é vista como “uma forma especial de técnica (uma técnica científica)” (GOFFI, 1996, p. 25 *apud* RÜDIGER, 2003, p. 74). Conforme o tempo, foi tomando a forma do entendimento mais comum, como o “conjunto formado por equipamentos e estruturas materiais” (RÜDIGER, 2003, p. 74), mas não o único, visto que o termo adquiriu diversos conceitos. Hoje, o conceito adotado de técnica é que ela é uma abstração, uma ideia, um conjunto de saberes; já tecnologia é a “designação de uma espécie de estrutura material dotada de funcionalidade operatória ao mesmo tempo constante e flexível” (RÜDIGER, 2003, p. 75), materializada nas diversas máquinas, equipamentos e artefatos desenvolvidos ao longo do tempo.

É curioso notar que cada época teve a tecnologia necessária ao seu meio e trabalho, não sendo possível que uma tecnologia fosse criada antes de outra previamente necessária (como o carro antes da roda, por exemplo). Ela poderia, sim, muitas vezes, ter sido desenvolvida mais cedo (POE, 2011), mas foi criada quando a necessidade de transformação e aperfeiçoamento atingiu a todos daquele momento, junto com o investimento feito por um grupo com interesses específicos, em sua maioria econômico, conforme assevera Álvaro Vieira Pinto (2005, p. 244):

O transporte ferroviário só veio a se constituir em alvo da pesquisa inventiva quando se tornou patente a insuficiência da tração animal para movimentar volumosas e pesadas cargas, principalmente o carvão inglês destinado a navegação e a exportação. Antes, quando se tratava apenas de levar hortaliças ao mercado da cidade próxima, ninguém julgaria insatisfatória a carroça puxada por cavalos. A determinação da mudança de atitude de pensamento encontra-se na acumulação dos efeitos que os dados presentes da realidade, decorrentes de uma fase anterior, operam sobre a consciência, mostrando as imperfeições do mundo existente, incitando a descoberta de novos objetos, métodos e técnicas para substituir as presentemente em vigor.

É evidente que esses não foram os únicos motivos para a invenção de novas tecnologias. Nesta dissertação, neste momento, destaca-se como as tecnologias têm esse caráter de aprimoramento e evolução; porém, mais adiante, tratar-se-á novamente desse assunto.

É interessante notar que a tecnologia tem grande impacto na sociedade (VARGAS, 2009; CUPANI, 2016). Desde o seu início, o pensar tecnológico influenciou a forma com que o ser humano lida e se relaciona com o mundo natural. Milton Vargas (2009, p. 16) assevera que a tecnologia “exige da sociedade em que ela se instalou uma reformulação de sua estrutura e metas, compatível com a utilização dos benefícios que trouxe”. Isso porque a tecnologia faz a ponte entre o mundo natural (que está na natureza e não foi criado pelo ser humano) e o mundo artificial (aquele criado e transformado pelo homem), alterando desde simples tarefas até culturas e convenções sociais, o que demanda a adaptação do ser humano, tanto individual como coletivamente.

Nessa mesma linha, Alberto Cupani (2016, p. 189) reitera que a tecnologia se tornou um “elemento inerente às sociedades industriais” e que esse vínculo e influência estão cada vez maiores. Isso porque, no desenvolvimento da sociedade, a tecnologia acaba “modificando sua cultura e, por conseguinte, a personalidade de seus membros”. Mesmo quando não é muito perceptível, a tecnologia e suas produções têm grande impacto social. Tomemos por exemplo a calculadora: atualmente (com o senso comum de tecnologia sendo objetos cada vez mais digitais), é difícil notá-la como um objeto tecnológico. Porém, ela tanto o é, que, além de auxiliar com a realização de operações matemáticas, influenciou o ensino da matemática e o uso no dia a dia. Por exemplo, hoje, em algumas áreas (como a comercial/financeira) não se realiza mais contas de “cabeça”, especialmente as mais complexas. Isso mostra como esse artefato tecnológico influenciou várias esferas da sociedade e hoje sua utilização está tão costumeiro.

A tecnologia está tão arraigada no cotidiano que perdeu-se a capacidade de maravilhamento, de percepção dos artefatos tecnológicos ao redor e de como eles impactam em cada vida. Thomas Berker, Maren Hartmann, Yves Punie e Katie Ward (2005 *apud* BARTON; LEE, 2015) denominam esse fenômeno de “domesticação da tecnologia”, por ser algo tão normalizado, torna-se também corriqueiro o surgimento de alguma coisa que transforme a vida das pessoas e, por seu acesso a essas novas tecnologias ser mais fácil, não há mais espanto ou fascínio. Em um sentido um pouco

diferente, Vieira Pinto (2005, p. 266) afirma que a tecnologia, utilizada pela parcela financeira e politicamente dominante da população, especialmente em lugares subdesenvolvidos, aliena o homem, que fica mais propenso “ao maravilhamento e à admiração do que à indagação crítica”, isto é, com o intuito de adquirir tecnologia de lugares chamados desenvolvidos para resolver os problemas do país atrasado, para progredir, com a visão de que apenas o outro faz/tem/cria tecnologia.

Essas visões dúbias da tecnologia⁴ e suas intervenções na sociedade mostram o caráter valorativo de que falava Cupani (2016), e dão margens aos estudos das visões fáusticas ou prometeicas da tecnologia, conforme Rüdiger (2003), as quais, respectivamente, trazem/apresentam uma concepção negativa para o uso da tecnologia (imposição dos meios técnicos, tecnocracia, materialismo exacerbado *etc.*), e de um olhar positivo, benéfico (organização social orientada pela técnica, usufruto do progresso tecnológico, máquina como instrumento de libertação). Isso é intrigante para os estudiosos da tecnologia e da sociedade, visto que mostra como a tecnologia não muda apenas o mundo, mas também o próprio homem. Isso porque “o homem, que por essência está destinado a procurar a natureza, para, sobre ela, se constituir a si mesmo, encontra em lugar dela cada vez mais a obra de outros homens” (VIEIRA PINTO, 2005, p. 225). Assim, os seres humanos são o que são pelo que criam/produzem, porque é isso, essa tecnologia, esses artefatos tecnológicos que fazem a mediação do mundo natural para o mundo artificial, e, em decorrência, para a sociedade, para o homem (VIEIRA PINTO, 2005). Essas definições, essas visões e opiniões são um excelente motivo para conhecer, estudar e explorar cada vez mais esse campo da tecnologia, pois, como disse Vieira Pinto (2005, p. 315), “o homem tem de pesquisar o mundo onde está para nele produzir condições que lhe permitam sobreviver”.

Com tudo isso, questiona-se: qual é a relação entre tecnologia e linguagem? Qual ideia de linguagem pode se aproximar dessas noções de tecnologia? Para responder a essas questões, são apresentadas, a seguir, algumas noções de língua e linguagem.

⁴ Não nos deteremos neste trabalho em aprofundar os estudos nesses conceitos, mas são de grande valia para conhecimento, especialmente os escritos de Álvaro Vieira Pinto sobre essa outra visão de tecnologia.

2.2 LINGUAGEM E LÍNGUA: EM BUSCA DE UMA DELIMITAÇÃO

Um elemento importante para o desenvolvimento da técnica e da tecnologia, segundo Vargas (2009), foi a linguagem. Isso porque é a partir da capacidade simbólica humana que mentalmente torna-se possível associar coisas entre si, formando imagens mentais que não seriam imagináveis sem o signo. É por meio da linguagem, elemento primordial para se estabelecerem relações simbólicas no mundo, que o homem cria, produz e transforma. Assim, a tecnologia e a linguagem são as pontes que fazem a mediação com o mundo, do mundo natural para o mundo artificial, aquele que é aperfeiçoado pelo ser humano.

É mister lembrar que a linguagem não é um instrumento tecnológico (BENVENISTE, 1988), ela é inerente ao homem, uma propriedade intrínseca do ser humano, o que o separa dos outros animais, é o que o constitui como sujeito. Assim, ela é uma “faculdade humana, característica universal e imutável do homem” (BENVENISTE, 1976, p. 20). Vargas (2009, p. 10-11), mesmo afirmando que ela surgiu junto com a técnica, assegura que se pode “conjecturar que o desenvolvimento do caráter simbólico, das reações do homem ao meio ambiente, ter-se-ia desenvolvido, a princípio muito lentamente, como num longo aprendizado; mas uma vez estabelecido, acelera-se cada vez mais”. Por isso, esse surgimento em conjunto pode ter durado centenas de séculos. Logo, não quer dizer que a linguagem seja uma tecnologia, visto que não é algo criado pelo homem, mas nasce com essa faculdade, sendo uma condição para que haja tecnologia.

Ernst Cassirer (2012) explica, a partir dos estudos do biólogo Jakob Johann von Uexküll, que os animais possuem um sistema receptor e um sistema efetuator, nos quais a espécie recebe os estímulos externos e reage a eles, chamando o conjunto desses sistemas de círculo funcional. Já o homem possui um círculo funcional diferente, uma marca distintiva da vida humana, pois além dos sistemas receptor e efetuator, há também o sistema simbólico, pelo qual perpassam todas as formas da vida social, visto que “o homem não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades imediatas [como os animais]. Vive, antes, em meio a emoções imaginárias, em esperanças e temores, ilusões e desilusões, em suas fantasias e sonhos” (CASSIRER, 2012, p. 49).

Sobre esse caráter simbólico da linguagem, Émile Benveniste (1976, p. 27) afirma que ela “representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à

condição humana, a faculdade de simbolizar”. Isto é, a capacidade de representação de algo real (não necessariamente algo material, mas a forma original, seja de um objeto, seja de um sentimento, por exemplo) por um signo, assim como compreender que um signo representa algo real. Importante é que essa capacidade inata só está presente no animal racional homem (e por isso o racional) e em mais nenhum outro. Benveniste (1976) explica que o símbolo para o homem é diferente do sinal para o animal, sendo esse um fato estritamente físico ao qual o animal responde, já aquele é interpretado pelo homem, que inventa, compreende e aprende os símbolos. Assim, “o animal obedece à palavra porque foi treinado para reconhecê-la como sinal; mas não saberá jamais interpretá-la como símbolo” (BENVENISTE, 1976, p. 29).

Em suma, a linguagem é a realização da nossa capacidade simbólica, e a partir dessa capacidade simbólica que podemos criar, transformar e aperfeiçoar as coisas, vê-se assim que linguagem e tecnologia, como afirmou Vargas (2009), caminham juntas, fazendo a ponte entre o real e o virtual. Nesse mesmo sentido, remetendo à técnica, ou à capacidade de criar/transformar algo, que, como visto, só é possível a partir da linguagem, Vieira Pinto (2005, p. 239) reflete que:

Só o homem, por ser dotado dos órgãos sensoriais e do sistema de reflexos condicionados requeridos, torna-se capaz de desempenhar o tipo de ação que deve ser reconhecida como técnica, forma de atos vitais negada aos animais irracionais, que permanecem no nível da ação infratécnica.

Diferentemente da linguagem, as línguas são “um arranjo sistemático de partes” (BENVENISTE, 1976, p. 22), um sistema que materializa a linguagem. É chamado de sistema, pois tem a característica de se adaptar e readaptar, sendo regida por estruturas de muitos níveis, numa relação de interdependência entre seus elementos, de forma que se algum for alterado, os demais sofrerão influência e alterações também. Este estudo, ao abordar a estrutura, refere-se às relações e sua organização dentro do sistema linguístico nos seus diversos níveis, por exemplo a estrutura fonológica, a estrutura sintática *etc.* A língua não é inata como a linguagem, mas é adquirida nas relações sociais feitas ao longo da vida (seja quando pequeno com os pais, seja no período escolar, seja em qualquer relação com o outro). Vê-se, assim, a língua como instrumento para a linguagem, para expressar e comunicar a capacidade simbólica humana, a qual varia conforme a cultura e a sociedade. É imprescindível citar que, sem língua, não há sociedade, assim como não há linguagem

sem língua. Esses conceitos são complementares. Sobre isso, Benveniste (1976, p. 27) argumenta que:

De fato é dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas freqüentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu. E por que tantas mitologias, tendo de explicar que no início dos tempos alguma coisa pôde nascer do nada, propuseram como princípio criador do mundo essa essência imaterial e soberana, a Palavra.

Com as palavras de Benveniste (1976), é possível perceber a importância da língua, em seus diversos estados (oral, escrito). É a partir do uso da língua que o homem se relaciona com o outro, formando culturas, sociedades. Por isso, uma não se concebe sem a outra. O escritor também assinala que a língua é aprendida pelo ser humano, desde criança com a aquisição da língua e da consciência do meio social (BENVENISTE, 1976). Desse modo, se a língua é ensinada e aprendida, ela pressupõe uma técnica. Igualmente, ao verificar ao longo da história de uma língua o seu desenvolvimento, percebe-se que ela foi se transformando, se aperfeiçoando e, ainda hoje e sempre, continuará em evolução, o que pode ser visto claramente na escrita, por exemplo. Diante disso, pode-se considerar a língua, e não a linguagem que própria do ser humano, um artefato tecnológico, criado pelo homem (talvez não de forma consciente, mas deliberadamente) e não dado pela natureza. Em algumas de suas formas mais nitidamente do que em outras, por exemplo, o ser humano nasce com um sistema que lhe permite falar (BENVENISTE, 1976) desenvolvendo essa habilidade com o tempo (e com a aquisição da língua). Porém, não se nasce pronto para escrever, com um sistema que foi feito exatamente para isso, mas aprende-se essa técnica. Sobre isso, discute-se mais no próximo tópico, no qual explora-se mais a tecnologia e, em especial a tecnologia cognitiva e a escrita.

2.3 A ESCRITA: EM BUSCA DE UMA NOVA TECNOLOGIA

Algumas ações que os seres humanos fazem por meio da linguagem, materializadas pela língua, podem ser consideradas tecnologias, ou, mais especificamente, tecnologias cognitivas (DASCAL, 2004). Dascal propôs o uso do termo *tecnologia cognitiva* (TC) para tecnologias

que foram projetadas para usos cognitivos ou que foram apropriadas para tais usos. [...] Por "tecnologia cognitiva" (TC), quero dizer, assim, todos os meios sistemáticos – materiais ou mentais – criados por seres humanos que são significativa e rotineiramente usados para a realização de objetivos cognitivos (DASCAL, 2004, p. 2, tradução própria⁵).

Assim, por exemplo, a calculadora ou o relógio seriam exemplos materiais de tecnologias cognitivas, pois auxiliam ou transformam alguma ação cognitiva, no caso, calcular ou verificar o tempo. Desse modo, ler, formular hipóteses ou fazer uma crítica são exemplos de tecnologias cognitivas mentais. Isso porque não é próprio ao ser humano fazer isso, como é a linguagem, mas são coisas que se aprende a fazer e para as quais existem estratégias e técnicas para serem realizadas. Por esse motivo, são consideradas tecnologias.

Além de Dascal (2004), Vieira Pinto (2005, p. 239) também estabelece uma relação entre processos mentais e tecnologia:

Já no funcionamento mental, possível em virtude da estrutura nervosa superior adquirida no curso da evolução, existe uma técnica, na realidade a mais originária, a prototécnica, pois é a matriz de todas. A repetição de experiências engendra o ato do pensamento que realiza as condições intelectivas para qualquer operação prática posterior. Pensar o mundo constitui a técnica primordial.

Vieira Pinto (2005) coloca à mostra a percepção de que há atividades que acontecem internamente (no organismo humano: o cérebro) que podem ser consideradas técnicas, dado que não são feitas espontaneamente, mas há operações, ou procedimentos, a serem cumpridos em coletivo para que ocorra a ação. Fazendo uma diferenciação do que poderia ser qualificado como tecnologia, Vieira Pinto (2005, p. 240) afirma que:

Desde porém que o alimento chega à boca, os atos digestivos que a seguir se desenrolam são uniformes, justamente porque daí por diante cessa a relação do homem com o meio exterior, em forma de reflexos condicionados, desaparece a contradição com a realidade, tendo início o domínio das atividades fisiológicas, para as quais a natureza fornece a todos as mesmas estruturas anatômicas e nervosas e os mesmos reflexos incondicionados que as fazem funcionar. Por isso, enquanto o pensamento institui a origem e a modalidade primeira de todas as técnicas, as demais funções fisiológicas, não pertencendo a esfera da vida de relação do ser com o mundo, são invariáveis, não admitindo a qualificação de técnicas.

⁵ Original: "Cognitive technologies, however, are those that either have been designed for cognitive uses or else have been appropriated for such uses. [...] By 'cognitive technology' (CT), I mean, thus, every systematic means – material or mental – created by humans that is significantly and routinely used for the performance of cognitive aims".

Assim, ocorrem ações no corpo humano que não podem ser caracterizadas como um elemento tecnológico, visto que são inatas a todo o ser humano, sendo realizadas sem a necessidade de aprendê-las. Mas há ações, como alguns processos cognitivos, que são treinados durante toda a vida, como o pensamento crítico, ou a persuasão, para os quais existem meios para se aprender. Essas ações tecnológicas do corpo, assim como artefatos que auxiliam a sua realização, são denominados de tecnologias cognitivas.

Nesse meio, a escrita também é tida como tecnologia, já que não se nasce pronto para ler e escrever; pelo contrário: há todo um processo para se aprender e há também vários tipos de escrita, que mudam de sociedade para sociedade, e que também foram se transformando através do tempo. Essa é uma tecnologia que mudou a vida e as relações sociais, um “instrumento indispensável da organização social, da execução do poder e do lucro econômico, a escrita tem moldado o mundo tal como ele é hoje, e nada sugere que outra inovação tecnológica venha a superá-la num futuro previsível.” (COULMAS, 2014, p. 161).

Diferentemente da fala ou da sinalização, que são adquiridas naturalmente, isto é, todos são expostos a elas desde que nascem, a partir do momento em que o homem aprendeu a utilizar o seu aparelho fonador e suas mãos para se expressar, aprendeu isso de forma relativamente fácil, a escrita, diferentemente, foi algo custoso de aprender, pois o ser humano não nasceu “pré-programado” para realizar tal tarefa. A hipótese de Marshall T. Poe (2011, p. 50, tradução nossa⁶) é de que

[...] alguma mudança macro-histórica que fez com que as mídias então existentes – gestos e fala – se tornassem insuficientes para os propósitos de alguns grupos organizados, levando tais grupos a aplicar uma técnica já conhecida – a escrita – na criação de uma nova mídia.

Isso porque já haveria a possibilidade de essa tecnologia ter surgido, mas não existia ainda a necessidade de ser aplicada em massa nem, tampouco o interesse de grupos específicos em promover essas mídias à existência, uma vez que as pessoas já se comunicavam e utilizavam as funções simbólicas da linguagem, funções essas exigidas pela escrita (VARGAS, 2001; POE, 2011).

⁶ Original: “some macro-historical shift made existing media – gesture and talking – insufficient for the purposes of some organized groups, and that this or these groups engineered a preexisting technical capacity – the ability to write – into a new medium”.

No estudo de Poe (2011) sobre tecnologias (ou mídias, como ele as denomina) — fala, escrita, imprensa, mídias audiovisuais, *internet* —, a partir das teorias de Harold Innis, ele acrescenta que uma nova tecnologia só surgiu, no sentido de estar disponível às massas (pois elas já teriam sido descobertas, mas não teriam atingidos as “regras” para o seu uso), quando algumas etapas tinha sido alcançadas: (i) novas condições econômicas da época; (ii) insuficiência técnica; (iii) aumento da demanda por parte de grupos organizados (no caso, esses grupos podem ser: organizações econômicas, organizações políticas ou organizações religiosas; grupos presentes em todas as sociedades); (iv) geração de novas tecnologias. O autor ainda acrescenta mais dois itens, (v) tempo e (vi) facilidade de uso e prazer gerado. O autor mesmo exemplifica:

Para dar um exemplo pertinente, levou vários milhares de anos para a escrita ir da ideia para o implemento amplamente utilizado; demorou apenas algumas décadas para o computador pessoal fazer o mesmo. [...] Para dar outro exemplo pertinente, foram necessários mais de quatro séculos após a introdução da imprensa para alfabetização em massa para se desenvolver na Europa; demorou apenas algumas décadas para a televisão se tornar um marco da vida cotidiana. (POE, 2011, p. 15, tradução nossa⁷)

Isso comprova que algumas etapas na história se repetiram para uma nova tecnologia vir à tona. Também mostra que algumas dessas ferramentas são mais atraentes e acessíveis (para uso) do que outras, tornando a sua disseminação mais rápida.

Com a escrita não foi diferente. Todas as etapas sinalizadas por Poe tiveram que acontecer para a escrita emergir. Primeiro, Poe (2011) mostra que a escrita poderia ter surgido muito tempo antes do que aconteceu, uma vez que já era possível tecnicamente, com base no fato de o homem primitivo já ter capacidade simbólica e existirem gravuras registradas de 40.000 a 30.000 a.C. mostrando que a humanidade já conseguia simbolizar que aquela imagem representava outra coisa — isso também comprova que a capacidade simbólica, a faculdade da linguagem é inata ao homem. Porém, nessa época, a demanda era muito baixa. Conforme o tempo foi passando, e o homem foi se desenvolvendo, novos acontecimentos ocorreram — agrupamento em bandos, necessidade de comunicação entre si, além da caça —, começaram a utilizar

⁷ Original: “To take a pertinent example, it took several thousand years for writing to go from idea to widely used implement; it took only several decades for the personal computer to do the same. [...] To take another pertinent example, it took more than four centuries following the introduction of the printing press for mass literacy to develop in Europe; it took only a few decades for television to become a staple of everyday life”.

a plantação (agricultura), veio a necessidade de comunicação com outros bandos (culturas/sociedades); e algum tempo depois, com as sociedades mais estabelecidas, surgiu a necessidade de organização social, tributos, taxas, estoque *etc.* Esse panorama da época levou à criação primeiro dos números até chegar na escrita fonética (POE, 2011).

Um elemento que possibilitou que a escrita fosse disponibilizada para a população foi a imprensa, pois, com o surgimento dela, foram desenvolvidas a economia (capitalismo mercantil), a burocracia (relatorias, regulamentos...) e a religião (a palavra de Deus).

O capitalismo mercantil exigia que a alfabetização operasse de maneira eficaz. Pense na trilha de papel que a produção e a troca capitalista deixam [...]. Da mesma forma, a burocracia exigia que a alfabetização funcionasse corretamente. Escritórios modernos processam uma quantidade enorme e muitos tipos diferentes de papel [...]. Finalmente, para ler naturalmente precisa de alfabetização para assim desenvolver a sua religião. O próprio Lutero questionou se cada crente era “sacerdote” o suficiente para interpretar as escrituras à sua própria maneira. [...] A confluência sem precedentes do capitalismo, da burocracia e da leitura da Palavra no início da Europa moderna levou à explosão da primeira cultura impressa do mundo. (POE, 2011, p. 81-82, tradução nossa⁸)

Com esse fenômeno acontecendo na Europa, Sylvain Aurox (1992) afirma que outro evento também se desenvolveu: o nascimento de dicionários e gramáticas. Para ele,

Esse processo de "gramatização" mudou profundamente a ecologia da comunicação humana e deu ao Ocidente um meio de conhecimento/dominação sobre as outras culturas do planeta. Trata-se propriamente de uma revolução tecnológica que não hesito em considerar tão importante para a história da humanidade quanto a revolução agrária do Neolítico ou a Revolução Industrial do século XIX. (AUROUX, 1992, p. 8-9)

Esse progresso só foi possível, de novo, pela tecnologia de impressão. Isso é importante porque a gramática tem, nessa época, um caráter pedagógico para o aprendizado da língua, não somente uma forma de descrevê-la. O dicionário também foi um instrumento muito importante tanto para o ensino/aprendizagem da língua

⁸ Original: “*Mercantile capitalism required literacy to operate effectively. Think about the paper trail that capitalist production and exchange leaves [...]. Similarly, bureaucracy necessitated literacy to run right. Modern offices process a huge amount and many different kinds of paper [...]. Finally, reading religion naturally needs literacy to do its godly work. Luther himself went back and forth on the issue of whether every believer was “priest” enough to interpret scripture in his or her own way [...]. The unprecedented confluence of capitalism, bureaucracy, and reading religion in early modern Europe lead to the explosion of the world’s first Print Culture.*”

quanto para a unificação da língua de uma sociedade. Essas duas ferramentas tecnológicas, a gramática e o dicionário, constituem o processo da gramatização, “que conduz a descrever e a instrumentar uma língua” (AUROUX, 1992, p. 65).

É por essas transformações que a escrita ainda tem importância em todas as esferas comunicativas. É relevante lembrar que, mesmo atualmente, com novas tecnologias surgindo a cada dia, a escrita não substituiu e nem substituirá a fala como principal recurso simbólico (POE, 2011). Porém, a sua utilização gerou e gera muitas mudanças sociais (COULMAS, 2014). Por isso, a importância do seu estudo. Saber utilizar essa tecnologia da melhor forma possível abre possibilidades e novas estratégias para a comunicação, auxiliando o escritor no processo de interação e relação com ele mesmo, com o outro e com o mundo. Nesse sentido, Vieira Pinto (2005, p. 315) afirma que “Todo conhecimento adquirido representa um caminho para chegar à realização daquilo que desde então se sabe ‘o que é’ e ‘como fazer’”. Nas sociedades letradas, os seres humanos aprendem a escrever desde cedo, sabe-se o que é e como fazer isso, porém é possível fazer melhor quando se obtém um conhecimento mais profundo dessa prática.

2.4 GÊNERO: EM BUSCA DE UMA EXPLICAÇÃO

A partir do que foi visto até aqui em relação à tecnologia, pode-se inferir que ela está mais presente nas experiências físicas e sociais do que se percebe pelo senso comum. Não é possível afirmar, à primeira vista, que a escrita seja uma tecnologia, mas, quando se aprofunda no tema, compreendendo seu conceito, fica evidente sua função como artefato tecnológico desenvolvido pelo homem. Por consequência, é possível dizer que elementos formados a partir do uso da escrita também são considerados dispositivos tecnológicos, pois, assim como o seu material composicional, eles também foram desenvolvidos e aperfeiçoados pelo ser humano.

Para Bakhtin (2016, p. 23)⁹, a linguagem tem uma função comunicativa, “sua essência se resume à expressão do mundo individual do falante”, sendo que a língua tem o objetivo de auxiliar o homem a expressar a sua própria existência. Logo, a língua é necessária para todas as interações do ser humano, por meio das atividades linguísticas. Por sua vez, essas ações são denominadas ‘enunciados’. Pode-se

⁹ A versão utilizada da obra de Bakhtin é a de 2016, tradução para o português da coletânea *Estética da Criação Verbal*, publicada em russo em 2003, e textos publicados pela primeira vez em 1997.

afirmar isso a partir do momento que se entende enunciado como uma “unidade de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 31), sendo ele a forma real de emprego da língua nos diversos campos da atividade humana. O autor (2016, p. 16-17) afirma que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. Assim, cada vez que a língua é utilizada com um propósito e em condições específicas em uma esfera da vida, criam-se enunciados. Esses enunciados, por sua vez, são materializados por meio do que Bakhtin denominou como gêneros do discurso.

Esses enunciados são atividades linguísticas produzidas por cada indivíduo no momento de seu uso, contudo não deixam de ser “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12), isto é, possuem características próprias que podem ser observadas em diversos textos daquele gênero, em alguns mais visíveis que em outros, isso porque eles “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” de atividade humana (BAKHTIN, 2016, p. 11). Por exemplo, atributos que caracterizam um texto como pertencente ao gênero ata de dissertação são mais evidentes do que atributos que caracterizam um texto como pertencente ao gênero bilhete. No entanto, mesmo com menor clareza, ou menos propriedades notórias, ainda assim há características do gênero que o concebem como tal.

Sobre isso, Bakhtin (2016, p.12) declara que:

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade.

Desse modo, a multiplicidade de gêneros que vão sendo formados, desenvolvidos, modificados (tornando-se mais simples ou complexos) ou caindo em desuso ao longo do tempo demonstra seu caráter flexível, multiforme, dinâmico e variante.

Dentro desse contexto, é interessante a diferenciação que Bakhtin fez, evidenciando que há gêneros primários, aqueles que se formam nas interações discursivas imediatas (os gêneros orais), e os gêneros secundários, que “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (BAKHTIN, 2016, p. 15), e por isso são predominantemente escritos. Essa distinção é relevante porque o autor afirma que na composição dos gêneros secundários está presente também os primários, sendo por eles incorporados e

reelaborados, transformando-se nesse gênero mais complexo, por exemplo, a réplica de um diálogo cotidiano em um romance é um gênero secundário, por ser mais complexo e não ser uma situação comunicativa imediata, mas uma reprodução. Isso demonstra as propriedades heterogêneas e composicionais dos gêneros secundários, construídos socialmente.

Nesse sentido, Luiz Antônio Marcuschi (2010, p. 31) afirma que,

sendo os gêneros fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros. [...] Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano.

Isso porque, eles corporificam aspectos da esfera comunicativa e da época histórica em que estão inseridos e “refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social” (BAKHTIN, 2016, p. 20), manifestando assim as “condições específicas e as finalidades de cada referido campo” da atividade humana (BAKHTIN, 2016, p. 11). Para Marcuschi (2010, p. 19), eles são “fruto de trabalho coletivo, [que] contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. [...] Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”. Ou seja, o autor corrobora o que já dizia Bakhtin (1997), deixando evidente que os gêneros são criados pelos usuários da língua, sofrendo interferência das carências sociais, culturais e tecnológicas da época em que nascem, indo ao encontro também dos estudos de Poe (2011) sobre o desenvolvimento de novas tecnologias.

É interessante que Marcuschi (2010) usa a expressão “trabalho” para descrever o que são os gêneros, isso induz o leitor a pensar o quanto de esforço, dedicação, planejamento, escolhas, avaliação, dentre outras atividades foram necessárias para a produção de um determinado gênero. Essas ações revelam que não é algo natural a sua produção, mas uma tarefa que emprega tanto tecnologias materiais (escrita, suporte...) como tecnologias cognitivas (refletir, escolher, avaliar, escrever...). Assim, vale observar, também, que o autor classifica os gêneros como “artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano” (MARCUSCHI, 2010, p. 31), o que reforça a sua compreensão de que são um produto (“artefato construído”) resultante das interações marcadas cultural e historicamente.

Outro ponto fascinante da fala de Marcuschi (2010) é que os gêneros estão ligados às necessidades da sua época (por isso, “marcadas culturalmente”). Tal fato se comprova no decorrer da história: alguns gêneros só surgiram após o advento do papel, outros após a criação da prensa, do telefone, do rádio, da televisão, dos computadores, da *internet*, e, dentro desta, dos *softwares* e aplicativos, das mídias sociais. Enfim, a relação da língua, do texto, dos gêneros com outras inovações tecnológicas (digitais ou analógicas) dá lugar a novas criações, novas produções, novas tecnologias linguísticas, novos gêneros. Esse processo não parece ter fim, pelo contrário, está em constante evolução, transformação e variação, afinal, como afirma Bakhtin (1997, p. 297), “a variedade virtual da atividade humana é inesgotável”, a capacidade de produção do ser humano nasce e morre com ele; logo, enquanto existir vida, existirá mudança, criatividade, inovação, tecnologia.

É importante lembrar que os gêneros não são criados livremente, todos os dias, por todas as pessoas, são construções que vão se desenvolvendo com o decorrer da história, da sociedade na qual se encontra, das necessidades dessa sociedade; assim como outra tecnologia, os gêneros atravessam um longo percurso (alguns mais rápidos que outros) até se efetivarem como uma tecnologia usual. Bakhtin (2016, p. 20) já apresentava essa questão, afirmando que os gêneros “são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo [...] pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos”.

A partir do momento de criação e fixação do gênero em uma sociedade, eles são repassados aos usuários, da mesma forma que uma criança aprende a falar — aprende a sua língua materna —, ela também vai assimilando os gêneros, a partir de seu uso. Bakhtin (2016, p. 41-42) assevera que:

Ao falante não são dadas apenas as formas da língua nacional (a composição vocabular e a estrutura gramatical) obrigatórias para ele, mas também as formas igualmente obrigatórias de enunciado, isto é, os gêneros do discurso: estes são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto às formas da língua. Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele, mas dados a ele.

Essa citação deixa claro que os gêneros não são algo natural, mas criações humanas, de um grupo específico em um determinado momento do desenvolvimento social, que devem ser e são aprendidas no decorrer da vida de um falante, “dados” a ele: ressalta-

se o fato de Bakhtin ter afirmado que, para os falantes, os gêneros “têm significado normativo”. Essa propriedade de ser ensinado e aprendido também ressalta outra característica dos gêneros, o que remete à mais conhecida expressão de Bakhtin (“enunciados relativamente estáveis”): eles possuem atributos que são recorrentes nas manifestações daquele gênero, isto é, eles **não são** uma “combinação absolutamente livre de formas da língua” (BAKHTIN, 2016, p. 42). Assim, apesar de serem individuais — usados pelo falante no momento da interação —, eles estão sujeitos a características que o generalizam e a aspectos que o diferenciam de outros gêneros, por exemplo, há propriedades que fazem de um texto uma receita e de outros uma bula de medicamentos.

Voltando ao conceito primordial de Bakhtin¹⁰, os gêneros são formados por três grandes elementos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

O primeiro, conteúdo temático, vai além do assunto que o gênero aborda. O tema está associado à esfera comunicativa em que o gênero ocorre e aos elementos externos, como características temporais e espaciais. William Roberto Cereja (2005, p. 202) declara que o tema “é a expressão de uma situação histórica concreta”, formado tanto pelos “elementos estáveis da significação, mas também os elementos extraverbaes, que integram a situação de produção, de recepção e de circulação” (CEREJA, 2005, p. 202). Logo, o conteúdo temático de um gênero está intrinsecamente ligado ao seu ambiente de produção, assim como aos elementos linguísticos utilizados para significar no interior do texto, do exemplar do gênero.

O segundo elemento, o estilo, está fortemente relacionado ao gênero e ao produtor do texto, isso porque ele reflete a sua individualidade. Há de se levar em consideração que existem gêneros mais propensos ao aparecimento do estilo individual e gêneros menos prováveis dessa característica, como, gêneros literários permitem transparecer mais os estilos de seus criadores do que os gêneros jurídicos. O ambiente e a esfera comunicativa em que o gênero circula são grandes influenciadores do estilo, pois neles encontramos as condições de produção do gênero. Bakhtin (2016, p. 18) nos diz que o estilo é:

¹⁰ Este trabalho se detém nas sequências textuais propostas por Adam (2019), sendo que essas estão inseridas na estrutura composicional do texto, um dos elementos que constituem os gêneros. Porém há outros pontos da teoria de Bakhtin que são interessantes ao estudo dessa temática, mas que não são o alvo de análise aqui, como a polifonia e o dialogismo, sobre os quais cabem pesquisas específicas, para que se possa compreendê-los em sua complexidade.

indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva.

Isso é, o estilo é entendido como as escolhas que o falante faz tanto em relação ao tema e, de forma mais importante, em relação à construção dos gêneros e seus elementos composicionais – nesse ponto também se pode incluir o uso da língua pelo falante.

O último elemento é a construção composicional, o elemento estrutural do gênero. Teresa Cristina Wachowicz (2010) afirma que esse é o aspecto mais previsível dentre os elementos constitutivos elencados por Bakhtin. “Há determinados convencionalismos sociais que garantem a previsibilidade de estruturas textuais. [...] Sob o ponto de vista histórico, o tempo e as relações sociais dão conta de sedimentar usos e garantir uma previsibilidade textual” (WACHOWICZ, 2010, p. 50). Por exemplo, a oratória retórica clássica previa uma tese sustentada por argumentos, hoje esse esquema é percebido em gêneros como o artigo de opinião. O mesmo acontece com narrativas clássicas como as fábulas, as quais continham uma situação inicial, uma complicação, um desfecho e uma moral, esquema esse que é esperado, atualmente, em um filme por exemplo. Isso quer dizer que a construção composicional do gênero é caracterizada pela sua utilização em uma determinada esfera discursiva e estabelecida pelo uso em um contínuo de tempo. É essa mesma previsibilidade que permite ao produtor do gênero subverter o seu texto, por exemplo, escrever um artigo de opinião em formato de poesia. O leitor/receptor do gênero reconhece essa transgressão justamente pela estabilidade do gênero artigo de opinião em sua estrutura.

A proposta de Adam (2019) sobre as sequências textuais está incluída nesse último elemento constituinte do gênero posto por Bakhtin. Por esse motivo é importante entender a visão desse teórico sobre o tema, visto que sua pesquisa se fundamentou também nos estudos de Bakhtin. Logo, o próximo tópico se deterá no conceito de gênero para Adam.

2.4.1 A visão de Adam sobre os gêneros

Adam (2019) fundamenta sua teoria da composição dos textos nos estudos de Bakhtin sobre os gêneros do discurso, tentando ampliar e estruturar grande parte desses estudos no viés da linguística textual. Para Adam (2019), Bakhtin estendia os limites da pesquisa com língua/linguagem para além da frase quando falava nos “tipos relativamente estáveis de enunciado”, pensando no todo de sua composição e não apenas em unidades. Além disso, Bakhtin propôs a distinção entre os gêneros primários e secundários, sendo que estes são formados a partir da reelaboração e transformação dos gêneros primários. Adam corrobora essa ideia, afirmando que os gêneros primários estão presentes nos gêneros secundários, sendo a hipótese de que eles “[têm] o mérito de fundar a complexidade das formas mais elaboradas em um certo número de formas elementares” (ADAM, 2019, p. 27). Desse modo, afirma que certas formas primárias “correspondem a formas elementares de narração, de descrição, de argumentação, de explicação e de diálogo. Assim, a estrutura elementar da narrativa se encontra na base de piadas, da narrativa oral e da anedota [...]” (ADAM, 2019, p. 28). Com isso, fundamenta seu entendimento sobre a relativa estabilidade do gênero se encontrar principalmente em sua estrutura composicional.

A partir desses estudos, então, Adam caracteriza os gêneros como “padrões comunicativos e sócio-históricos que os grupos sociais compõem para organizar as formas da língua em discurso” (ADAM, 2019, p. 33). São práticas e formações sociodiscursivas que se materializam por meio dos textos, logo, “não há textos sem gêneros” (ADAM, 2019, p. 33). É significativo perceber que o autor usa o termo “padrões” para definir os gêneros, deixando claro que, sim, eles possuem estabilidade que lhe confere certa padronização, ou prototipicidade, característica que Adam estuda a partir das sequências textuais. Outro ponto da conceituação do teórico é que ele afirma que não há textos sem gêneros, isso porque, para ele, os textos são a concretização real dos gêneros. Logo, quando se escreve um texto, por exemplo, na prática se está corporificando um padrão comunicativo da língua, um enunciado complexo, por isso não há como produzir um texto sem estar realizando essa atividade comunicativa/linguística.

Ainda em sua concepção de gêneros, Adam (2019) diferencia os gêneros do discurso e os do texto, além de acrescentar a categoria das sequências textuais como um aspecto de análise complementar do gênero. Quando fala em gêneros do

discurso, o autor argumenta que são as formações de enunciados de cada área, de cada esfera discursiva, por exemplo, os do discurso jornalístico, político *etc.*; já os gêneros de texto são aqueles em que é possível “distinguir, sobre bases linguísticas, os gêneros da narração, como a fábula, o conto, a anedota [por exemplo...]” (ADAM, 2019, p. 34), isto é, quando se está com o foco especialmente no produto texto e sua composição. Apesar disso, eles atravessam os gêneros do discurso, pois cada gênero reflete as características da esfera em que circula (propriedade discursiva), porém a perspectiva predominante é a textual. Essas categorias complementares são propostas de organização da textualidade e da discursividade, englobando tanto os aspectos dos gêneros levantados por Bakhtin (tema, estilo e construção composicional) como aspectos discursivos, convidando a olhar para o gênero a partir de níveis de análises discursivos e textuais, que buscam dar conta da complexidade desse objeto.

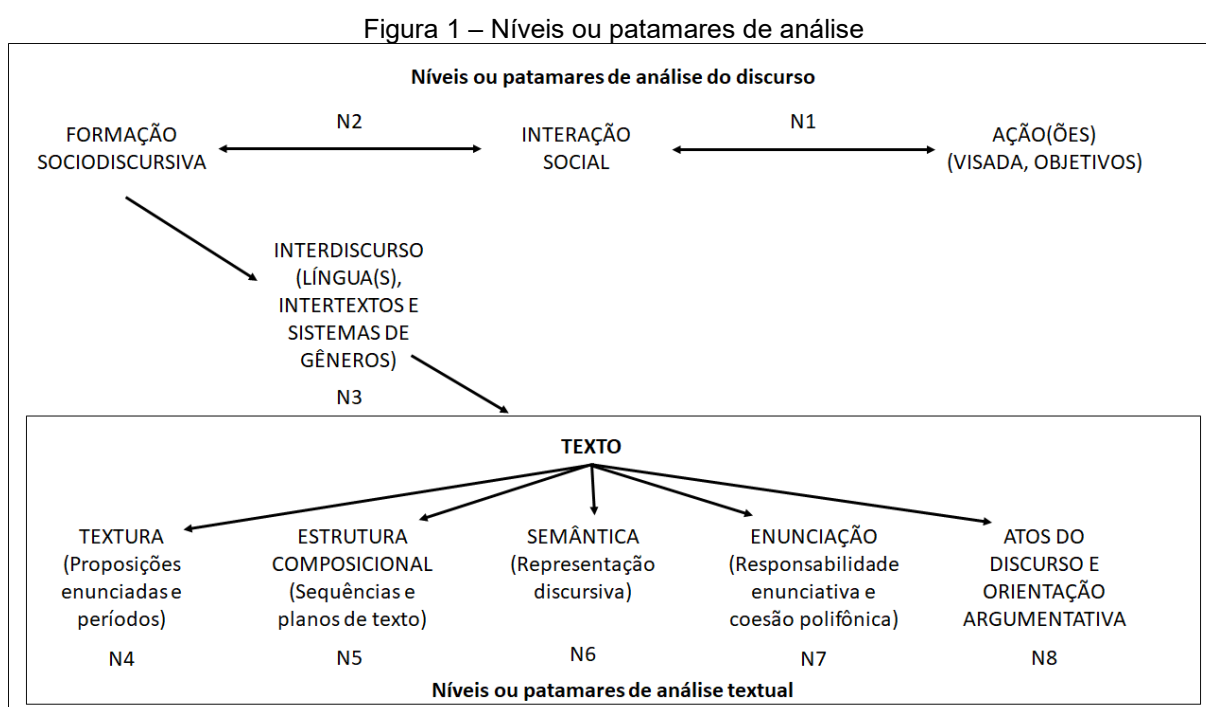
Por meio desses níveis, ou planos de análise, Adam (2019) inclui seu conceito de sequência e a hipótese adotada para isso. Segundo ele, “entre os ‘tipos relativamente estáveis de enunciados’ e as regularidades composicionais de que fala Bakhtin, é preciso destacar as regularidades sequenciais. As sequências parecem se reduzir a alguns tipos elementares de composição dos enunciados” (ADAM, 2019, p. 50). Portanto, estaria nas sequências textuais a característica mais forte de generacidade, pois elas são categorias de textualização prototípicas que “articulam e hierarquizam os agrupamentos de enunciados em um nível mesotextual”, o qual perpassa todos os gêneros e, assim como eles, é aprendida paralelo à língua. Isso porque, “ao aprender a língua de um grupo social, aprendemos ao mesmo tempo os gêneros discursivos nos quais essa língua se realiza e que a restringem” (ADAM, 2019, p. 50), por consequência, também se aprende suas estruturas e formas prototípicas.

Sobre isso, Evandro de Melo Catelão e Mônica Magalhães Cavalcante (2017, p. 411) sintetizam que, conforme a proposta de Adam,

é possível olhar para os gêneros não apenas como tipos de práticas discursivas que integram formações sociodiscursivas ou domínios (jornalístico, religioso, literário, acadêmico *etc.*), mas também considerá-los a partir de agenciamentos pré-formatados de proposições e macroproposições, classificáveis em cinco relações macrossemânticas básicas, adquiridas por impregnação cultural [...].

Ou seja, no estudo do gênero é viável observar tanto aspectos sociodiscursivos como aspectos mais linguísticos-textuais, considerando a prototipicidade das sequências textuais no seu nível composicional, conforme a teoria de Adam.

De forma a exemplificar o estudo de um gênero, Adam elaborou um esquema que englobe os níveis de análise que ele descreve durante sua pesquisa. De acordo com Adam (2019), a análise pode ocorrer em vários patamares, uma vez que um gênero não é formado por apenas um elemento, mas é uma construção discursiva e textual. Assim, o pesquisador propôs alguns níveis de análise, indicando os patamares de análise do discurso e onde se encaixam, bem como as análises textuais, conforme a figura a seguir.



Fonte: adaptado de Adam (2019, p. 34).

Esse esquema desenvolvido por Adam (2019, p. 34) apresenta “planos de organização e de análise não hierárquicos”, que podem auxiliar o entendimento desse objeto complexo que é o texto. Na parte superior estão os níveis com determinações mais discursivas, os quais não serão analisados aqui. Na parte inferior, os itens mais textuais. Nessa parte inferior também se encontra os componentes dos gêneros elencados por Bakhtin: estilo (N4), composição (N5) e temática (N6). Os níveis N7 e N8 se aprofundam nos componentes interacionais e polifônicos explorados pelos teóricos do Círculo, os quais também não serão tratados durante a análise. É

importante lembrar que não há uma hierarquia de predominância desses níveis, há sim um funcionamento sistêmico de todos na construção do texto, no qual tudo está conectado e se relaciona.

Logo, mesmo que apenas um nível não dê conta de explicar todo o texto e descrevê-lo completamente, o entendimento de cada nível é necessário para que a construção do enunciado aconteça de maneira assertiva, bem como a interpretação e a análise. É possível ler esse esquema de Adam (2019) dando ênfase aos aspectos discursivos, com uma leitura descendente da figura, ou, de forma oposta, fazendo uma leitura ascendente, partindo das análises textuais, não tendo assim uma linearidade para a análise e a interpretação. É importante frisar que neste trabalho, seguindo os pressupostos de Adam a respeito da prototipicidade dos gêneros, focaremos no nível N5, no qual se encontram as sequências textuais e os planos do texto, nível que compreende o elemento da construção composicional de Bakhtin.

De acordo com Adam (2019), por fim, os gêneros são formações sociodiscursivas compostos por aspectos discursivos e textuais, nos quais a relativa estabilidade apresentada por Bakhtin é destacada em estruturas pré-formatadas de mesoestruturação, no nível textual da organização do gênero. Sua teoria não se opõe à de Bakhtin, ao contrário, tem nela sua base para estudar pontos específicos, como a estrutura composicional, presente no nível N5 do seu esquema de análise. A partir disso, Adam (2019) procura definir “a relativa estabilidade dos gêneros”, anunciada por Bakhtin, teorizando que ela se encontra nas sequências textuais, o seu objeto de estudo, o qual será mais bem explorado no próximo capítulo.

2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo foi realizada uma revisão sobre conceitos importantes que atravessam a pesquisa. A começar por tecnologia, a ponte entre o mundo natural e o artificial, materializada nos diversos artefatos e elementos desenvolvidos pelo homem; passando pela linguagem, a realização do sistema simbólico, e pela língua, a materialização da linguagem; para assim chegar ao conceito de gênero para Bakhtin (2016) e, especialmente, para Adam (2019), o qual para este último são as práticas e formações sociodiscursivas. Esse caminho foi necessário para compreender o que são as sequências textuais — essas unidades complexas de arranjos pré-formatados

de proposições que constroem os gêneros. Assim, no próximo capítulo será aprofundado o exame das sequências, bem como do gênero redação do Enem.

3 DA SEQUÊNCIA TEXTUAL AO ENEM: PERCORRENDO TEORIAS

Neste capítulo serão abordadas com mais profundidade o que são as sequências textuais propostas por Adam (2019), com foco especial na sequência argumentativa, o objeto de análise desta pesquisa, bem como a redação do Enem, gênero que será utilizado para verificar a materialização das sequências argumentativas. Logo, também será realizada uma caracterização desse gênero, seus elementos constitutivos e os atributos que o qualificam como tal. Ao final, serão elencadas algumas variáveis que integram as sequências textuais, as quais poderão ser utilizadas como critérios de análise no estudo detalhado dos textos do Enem.

3.1 CONSTRUÇÃO DO TEXTO: AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

O texto é, conforme Adam (2019, p. 33), “a materialização semiótica de uma ação sócio-histórica de fala”, isto é, a forma concreta de uma interação social apresentada de forma verbal ou não verbal, formando uma unidade de comunicação. Um texto sempre está atrelado a um gênero, devido ao fato de que, como já explicou Bakhtin (2016), os seres humanos se comunicam por meio de enunciados, os quais são materializados nos gêneros. Assim, “nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras” (BAKHTIN, 2016, p. 39), é possível perceber o gênero utilizado a partir de marcas recorrentes em seus exemplares, as quais foram assimiladas durante o decorrer da vida. Isso é o que Bakhtin chamou de relativa estabilidade. Adam (2019) desenvolve a proposta do teórico russo ao propor a teoria de sequências, pois, na grande variedade de tipos de enunciados, há vários tipos de regularidades composicionais (cada gênero tem padrões específicos). Nesse sentido, entende-se que as sequências materializam essa regularidade e podem ser delimitadas em uma quantidade viável de análise.

Na estrutura de um texto, segundo Adam (2019), há períodos, parágrafos e sequências, os três grandes agrupamentos de proposições. Para o autor, as proposições são unidades semânticas de base, “inteligíveis em sua significação linguística intrínseca, mas fora da situação e/ou isoladamente desprovida de sentido” (ADAM, 2019, p. 55). Um bloco de proposições forma uma macroproposição, que, por

sua vez, só “toma o seu próprio significado apenas em relação a outras macroproposições” (ADAM, 2019, p. 46). E, ao agrupamento dessas macroproposições, Adam dá o nome de sequência, uma ‘estrutura relacional pré-formatada’. Segundo Adam (2019, p. 46), uma sequência é então:

- Uma rede relacional decomponível em partes interligadas entre si (as macroproposições) e conectadas ao todo que elas constituem (uma sequência);
- Uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna pré-formatada que lhe é própria e que, portanto, está em relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do que é parte constitutiva: o texto.

Percebe-se que as sequências são unidades de texto complexas, porém tipificadas, mais regulares que os gêneros, porque são arranjos pré-formatados de macroproposições, que também são arranjos pré-formatados de proposições, enfim, um encadeamento de proposições e macroproposições relacionados entre si¹¹. As sequências também “articulam e hierarquizam agrupamentos de enunciados em nível mesotextual pré-genérico que, assim, atravessa todos os gêneros. Essas regras de mesoestruturação são, como os gêneros do discurso, objeto de aprendizagem paralela à língua” (ADAM, 2019, p. 50). Logo, da mesma maneira que o falante aprende a língua e os gêneros, ele também assimila essas formas pré-formatadas que constroem os enunciados.

Adam propôs cinco tipos de sequências textuais prototípicas, baseadas nas relações macrossemânticas adquiridas “ao mesmo tempo que a língua, por impregnação cultural (pela leitura, pela escuta e pela produção), e transformadas em esquemas de reconhecimento e de estruturação da informação textual” (ADAM, 2019, p. 46), são elas: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. Portanto, uma sequência textual será considerada explicativa, por exemplo, quando analisada a relação entre seus elementos (macroproposições e proposições). Elementos gramaticais podem ser mais recorrentes em uma sequência que em outra, mas não são suficientes para caracterizá-las; por exemplo, o uso de passado simples é comum numa sequência narrativa, mas não é suficiente, uma vez que “Tudo depende de seu lugar em um encadeamento sequencial dado”, como afirmou Adam (2019, p. 55).

¹¹ Nesses arranjos pré-formatados de proposições e macroproposições que Adam se baseia para demonstrar a estabilidade das sequências, visto que esses encadeamentos são estruturas mais regulares e menos fluídas do que os gêneros.

Seguindo a linha traçada por Adam, de que uma unidade constitui outra unidade de nível superior em complexidade, chega-se ao texto: uma combinação complexa de sequências textuais. O estudioso propôs quatro hipóteses de construção do texto, são elas (ADAM, 2019, p. 56-57):

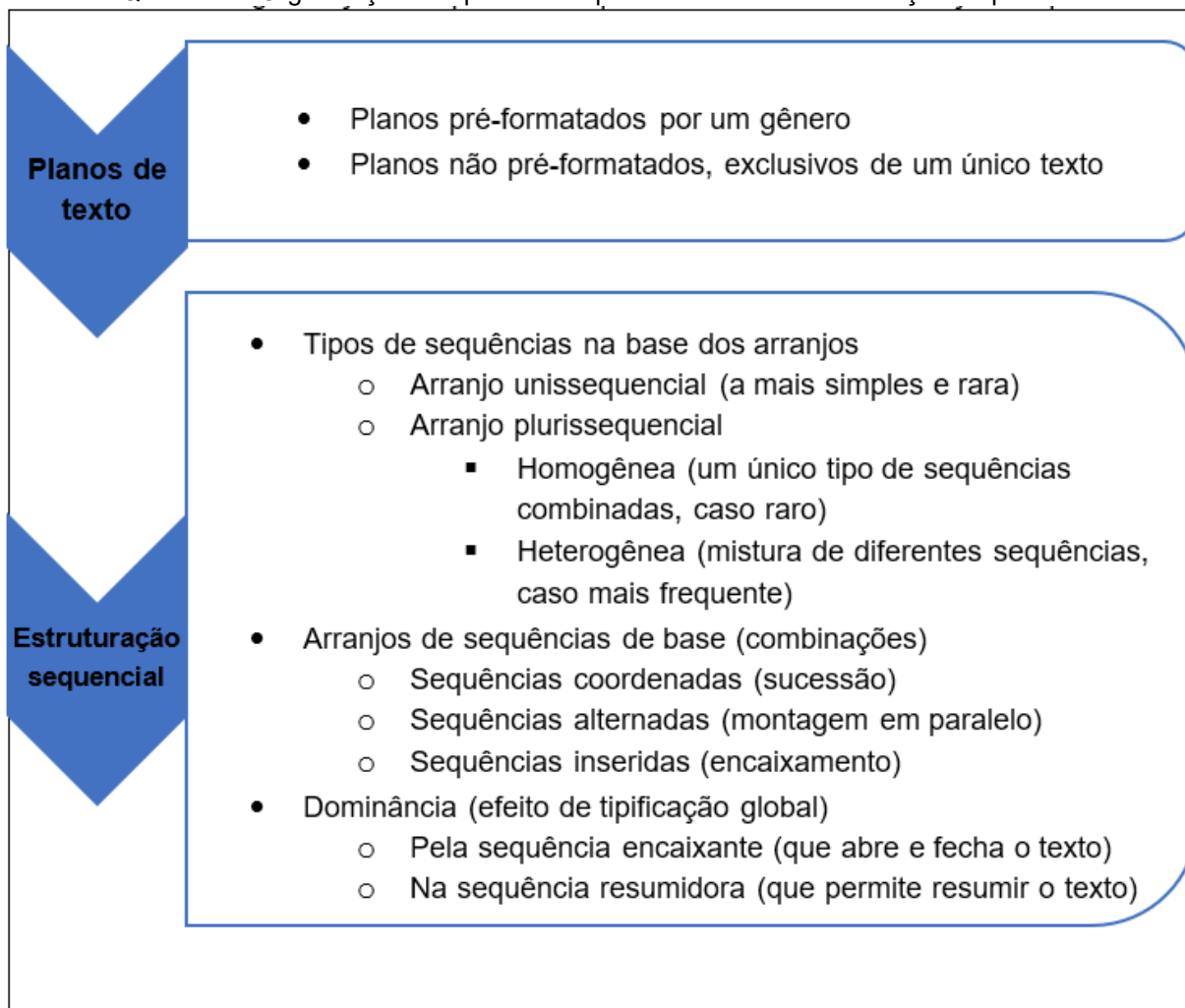
- 1) texto com apenas uma sequência (uma quase homogeneidade, relativamente excepcional);
- 2) um texto com várias sequências do mesmo tipo, por exemplo, todas narrativas (podendo ser com sequências lineares e coordenadas – uma depois da outra – ou sequências inseridas – uma sequência narrativa inserida em uma outra sequência narrativa);
- 3) um texto com misturas de sequências (o texto mais frequentemente encontrado com encadeamento de estruturas sequenciais heterogêneas, podendo ser com a inserção de sequências heterogêneas ou o efeito dominante sequencial – um tipo de sequência é mais predominante nesse texto);
- 4) um texto com poucas sequências identificáveis (aqueles formados por sucessões de frases ou períodos relacionados entre si pelas ligações semânticas; texto com coerência, mas sem coesão, por exemplo).

Essas hipóteses levantadas por Adam (2019) suscitam perguntas que podem ser feitas durante a análise das redações, por exemplo: como são as sequências no texto do Enem? É possível que haja sequências não identificadas nesse texto? Entrando nesse tema de organização sequencial dentro do texto, Adam (2019) se aprofunda no que denomina de plano de texto.

A estruturação das sequências em um texto é organizada pelo seu plano de texto, no qual ficam estabelecidas as suas demarcações gráficas e segmentação, como parágrafos, títulos, estrofação, dentre outros aspectos relativos ao texto e sua construção e apresentação. Existem planos de textos fixos, como uma receita culinária, no qual já é pré-determinado a estrutura e a composição do texto; e planos de texto ocasionais, nos quais a estrutura é mais ou menos identificada a partir da segmentação e/ou dos organizadores textuais. É possível que dentro desse plano de texto haja sequências incompletas sem que isso interfira na sua estruturação, pois com um plano de texto bem delimitado essa particularidade pode ser complementada.

Um plano de texto pode ser reconhecido a partir de um gênero, pois ele se encontra na sua organização composicional, conforme quadro abaixo.

Quadro 1 – Organização composicional: planos de texto e estruturação sequencial



Fonte: adaptado de Adam (2019, p. 59).

Com base nessa estrutura apresentada por Adam (2019), percebe-se que um plano de texto é formado por encadeamentos sequenciais, que podem ser homogêneos ou heterogêneos. Já esses encadeamentos de sequências podem ser estruturados de três formas: com sequências coordenadas, com sequências alternadas, com sequências inseridas. A partir dessa organização sequencial, é possível perceber o efeito de dominância do texto, que o caracteriza como um exemplar de determinado tipo de texto. Esse efeito de dominância pode ser visto pela sequência encaixante, ou seja, a sequência que inicia e termina o texto; ou pela sequência resumidora, que permite, de forma resumida, observar os encadeamentos sequenciais e a organização do texto em questão. O gênero aqui analisado, redação

do Enem, é um gênero de base argumentativa, assim espera-se que a dominância seja a da sequência argumentativa. No decorrer da análise, esse efeito de dominância será observado a partir da sequência resumidora do texto.

Quando se fala em plano de texto da redação do Enem, tem-se a impressão de que ele já é pré-formatado, isso porque há na estrutura externa uma definição do que há de conter o texto, como: tese, argumento, proposta de intervenção, ainda mais no gênero do Enem, um gênero mais monitorado e que tem competências a serem analisadas. Ainda assim é possível questionar se há outros elementos que compõem e influenciam esse plano de texto. Se é um plano de texto fixo, qual a ordem de estruturação das sequências?

A teoria de gêneros de Bakhtin foi o ponto de partida para os estudos de Adam, especialmente a propriedade de relativa estabilidade do gênero. Adam (2019), apoiando-se nesse trabalho, propôs que a estabilidade não está somente no gênero como um todo, mas, principalmente, em sua construção composicional, em especial nas sequências. Para o Adam (2019), é nelas que reside a maior estabilidade (que nos gêneros), por isso, ele assume que podem ser chamadas de 'sequências prototípicas'. Ele usa essa expressão porque é "em relação a um reconhecimento de formas culturalmente adquiridas que um segmento de texto pode ser interpretado como uma sequência mais ou menos narrativa, argumentativa, ou descritiva *etc.*" (ADAM, 2019, p. 63). Logo, a prototipicidade da sequência não é estável, mas também não é tão maleável como nos gêneros.

Adam (2019), para explicar o conceito de sequência como protótipo, utiliza a noção de pássaro, afirmando que ele nos permite distinguir entre os diversos tipos de animais existentes, como uma coruja ou um avestruz, sem deixar de tirar proveito do protótipo primeiro adquirido culturalmente. Da mesma forma, para o pesquisador, é possível identificar um esquema prototípico de uma sequência descritiva para diferenciá-la de uma sequência dialogal. "É o esquema ou imagem mental do protótipo abstrato, construído a partir de propriedades típicas da categoria que permite o reconhecimento subsequente deste ou daquele exemplo como mais ou menos prototípico" (ADAM, 2019, p. 63).

Adam (2019) também reitera que sempre existirão exemplos que podem não parecer tão claros e colocar em xeque a sequência, porém o que é essencial não é encontrar critérios definitórios estáveis ou condições necessárias, mas sim perceber, durante as análises, agrupamentos de atributos de importância variável. Muitas vezes

alguns elementos têm importância diferentes para cada gênero, por isso é fundamental encontrar traços convergentes que permitem estabelecer o agrupamento de elementos relacionados. Voltando ao exemplo de Adam (2019), o pinguim pode ser menos percebido como um pássaro, mas essa exceção nos faz justamente buscar o que ele tem para ser incluído nessa categoria. Logo, é imprescindível aceitar uma “lógica de mais ou menos e não mais de tudo ou nada, evitando, com isso, confundir protótipo e realização textual, [assim] podemos começar a explicar o fato de que uma sequência [...] seria meramente uma exemplificação mais ou menos típica” (ADAM, 2019, p. 64). As sequências são, desse modo, flexíveis, plásticas e, ao mesmo tempo, estáveis, para assim proporcionar o reconhecimento de padrões em sua produção, interpretação e recepção.

De acordo com a teoria de Adam (2019), há cinco tipos de sequências: descritiva, narrativa, argumentativa, explicativa e dialogal. Para que se possa reconhecer os padrões e atributos essenciais para atender a finalidade deste trabalho, é necessário conhecer e entender, especificamente, como é organizada a sequência argumentativa, alvo deste estudo. Por isso, não será explorada aqui a síntese das demais sequências, no entanto, recomenda-se a leitura do tema consultando a obra original do teórico. Logo, o próximo tópico se deterá no aprofundamento da sequência argumentativa.

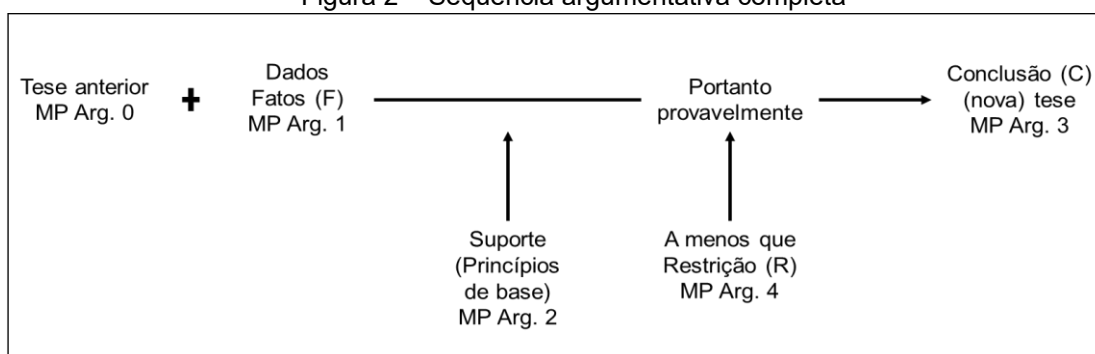
3.1.1 Sequência argumentativa

Para entender a sequência argumentativa, é necessário, primeiramente, compreender que ela não é a argumentação em geral e não pode ser confundida como tal. Argumentar é construir uma representação de algo e partilhar com um auditório procurando provocar ou aumentar a adesão a essa tese (ADAM, 2019). Para realizar essa ação, há diversas formas e estratégias, por isso ela pode ser abordada tanto no nível discursivo e de interação social, quanto no nível textual da linguagem. Tomando por base o conceito de Adam, a argumentação será tida aqui como uma forma de composição elementar da textualidade, no seu nível linguístico textual.

Para basear a sua teoria de sequência argumentativa, Adam (2019) parte dos conceitos de silogismo e entimema, bem como de teóricos que também propuseram concepções e comentários sobre esquemas argumentativos, como Stephen Toulmin e Christian Paulin, em que a argumentação é a relação entre os dados e a conclusão.

Adam também propõe um protótipo de sequência argumentativa, mais completa e complexa do que as propostas em seus primeiros estudos, mas que não estrutura uma ordem linear imutável, ou seja, a depender do plano de texto e da intenção do produtor, uma macroproposição (MP) poderá aparecer antes na construção da sequência. A sequência, em si, é formada por cinco macroproposições que podem ou não estar presentes na sequência, a depender do objetivo da argumentação, são elas: MP Arg. 0 (tese anterior), MP Arg. 1 (dados/fatos), MP Arg. 2 (suporte/princípios de base), MP Arg. 3 (conclusão/nova tese) e MP Arg. 4 (restrição/a menos que).

Figura 2 – Sequência argumentativa completa

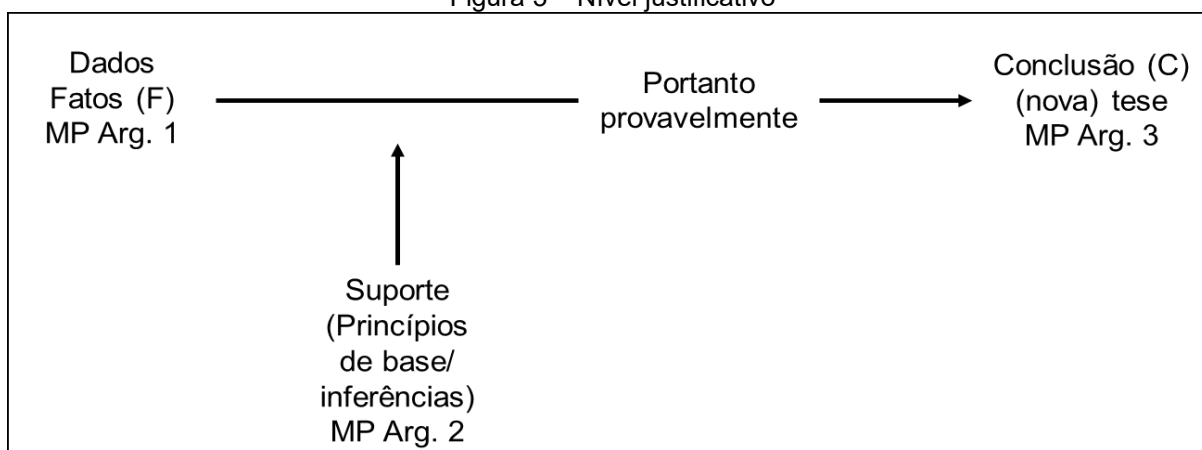


Fonte: adaptado de Adam (2019, p. 164).

Essa sequência abre possibilidades para dois níveis de argumentação, o primeiro nível, o justificativo, formado apenas pelo MP Arg. 1, MP Arg. 2¹² e MP Arg. 3, no qual a “estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos relatados” (ADAM, 2019, p. 164), em que não há uma refutação dos dados nem uma contra-argumentação.

¹² A MP Arg. 2, para Adam (2019), tanto no nível justificativo como no dialógico, é o encadeamento que assume o papel de “passagem”, isto é, que corresponde ao movimento argumentativo entre os dados e a conclusão. Essa macroproposição pode, ou não, estar explícita no texto. Logo, em algumas situações esse movimento argumentativo é inferido pelo leitor, a partir das informações contidas em outras macroproposições. Por isso, em uma produção, o suporte para a MP Arg. 1 pode ser uma inferência ou uma parte explícita do texto que garantem esse microencadeamento argumentativo.

Figura 3 – Nível justificativo



Fonte: elaborado pela autora, com base em Adam (2019, p. 164).

Ao segundo nível, dialógico ou contra-argumentativo, acrescenta-se a MP Arg. 0 e MP Arg. 4, no qual “a argumentação é negociada com um contra-argumentador (auditório) real ou potencial. A estratégia argumentativa visa a transformação de conhecimentos” (ADAM, 2019, p. 164), conforme a Figura 3. Como a sequência não é estática, algumas vezes a ordem ou a presença da macroproposição não é vista, por estar subentendida no texto ou por estar em uma posição diferente da indicada por Adam.

Para tornar essas macroproposições mais claras, Adam (2019) utiliza alguns exemplos de textos reais, sejam eles literários ou não (como discursos ou texto publicitário). O primeiro exemplo apresentado aqui é do nível justificativo, evidenciando que a ordem pode ser alterada, mas a função da macroproposição continua a mesma (dados ou conclusão). O texto utilizado foi extraído de Bérénice, de Racine.

1(a) Bérénice é rainha, portanto Roma não a imagina como sua Imperatriz.

1(b) Roma não imagina Bérénice como Imperatriz, pois ela é rainha.

Em 1(a), tem-se o dado (Bérénice é rainha), a MP Arg. 1, e a conclusão (Roma não a imagina como sua Imperatriz), a MP Arg. 3, introduzida pelo conector ‘portanto’. Nesse exemplo o dado é um argumento que justifica a conclusão. No exemplo 1(b) a ordem foi invertida, iniciando pela conclusão que é justificada pelo dado, apresentado posteriormente, introduzido pelo conector ‘pois’. Em ambos os casos há a utilização de um dado como argumento, gerando uma conclusão, os quais são apresentados

pela utilização de conectores argumentativos de conclusão, quando o dado é apresentado primeiro, e de explicação, quando é iniciado pela conclusão. A MP Arg. 2 (suporte) é subentendida no texto por meio do processo de inferência que o leitor faz, visto que algumas informações são dadas, como o fato de ela ser rainha, ou anteriormente ter sido citado que ela é estrangeira, assim, o que legitima a conclusão é o processo de dedução feito no momento da leitura, fazendo uma ponte entre o dado e a conclusão.

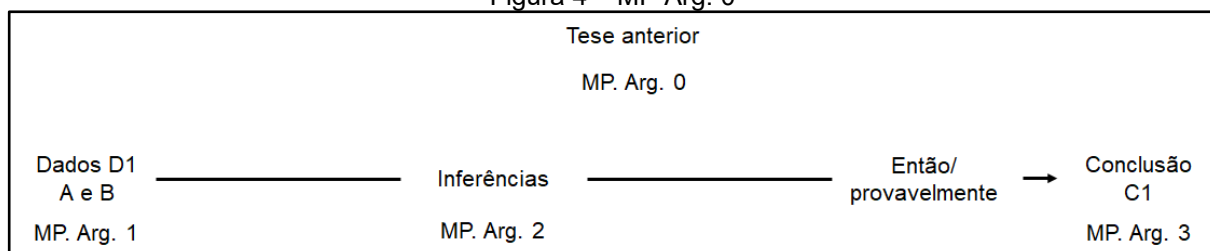
O nível justificativo é menos complexo que o dialógico/contra-argumentativo, mesmo não seguindo uma ordem linear. Mesmo assim é importante na construção de um texto e pode aparecer em diferentes ordens e tamanho.

O próximo exemplo é do nível dialógico/contra-argumentativo, apresentando uma sequência com a MP Arg. 4 (restrição/a menos que). O excerto utilizado será de um texto publicitário.

2. (a) Os homens amam as mulheres (b) que têm as mãos suaves
2. (c) Você sabe disso.
2. (d) Mas você sabe também (e) que você lava a louça.
2. (f) Contudo não desista do seu charme, (g) use Mir Rose, (h) sua louça ficará limpa e brilhante.
2. (i) E suas mãos, graças ao extrato de pétalas de rosa contido no Mir Rose, ficarão mais suaves e mais bonitas.
2. (j) Elas não poderão lhe dizer nada além de obrigado. (k) Seu marido também.

Nesse exemplo, as proposições A e B (dados D1) formam a MP Arg. 0 com uma conclusão inferencial (se você é mulher e tem mãos suaves os homens irão te amar), admitindo que o leitor chegou a essa conclusão (C1) em C, estabelecendo uma sequência argumentativa (SA 1).

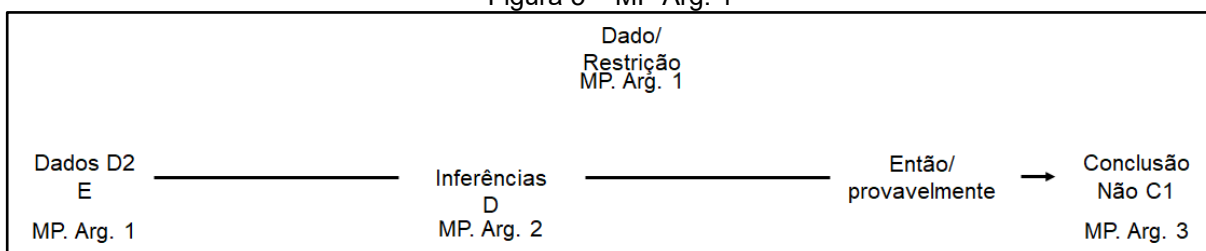
Figura 4 – MP Arg. 0



Fonte: adaptado de Adam (2019, p. 173).

O conectivo ‘mas’ introduz um dado com valor de restrição, apresentando um novo dado (D2) que também é conhecido do leitor (D e E), que contraria a conclusão inferida na MP Arg. 0. Logo, se você “lava a louça”, infere-se que você “não tem mãos suaves”, assim a conclusão seria que “os homens não a amarão” (conclusão não C1). Nesse ponto se encontra uma sequência argumentativa encaixada com valor de restrição.

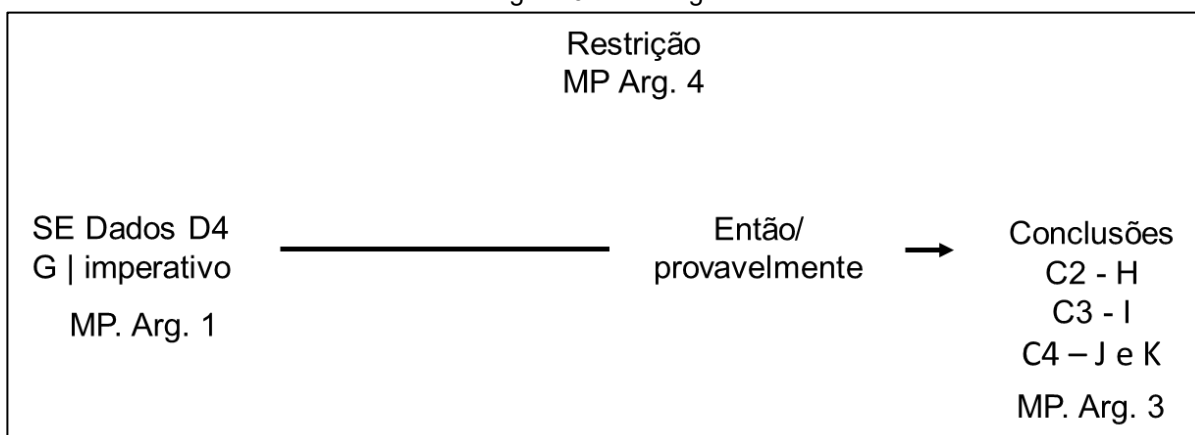
Figura 5 – MP Arg. 1



Fonte: adaptado de Adam (2019, p. 174).

Porém, mesmo nesse encadeamento argumentativo, pela continuação do texto, há outra restrição, introduzida pela proposição F, o que leva a entender que há uma conclusão diferente do que se infere. Esse movimento é marcado pelo conector ‘contudo’, que refuta as inferências anteriores e introduz novo dado – D3 (o uso de Mir Rose) – com três conclusões explícitas no texto, sem a necessidade de inferir, por ‘se’ você usar Mir Rose, ‘então’, você terá os benefícios elencados pelo autor. Isso também é evidenciado pelas proposições no futuro e no imperativo, mostrando que o autor tem total certeza no resultado que ocorrerá ao usar o produto, reafirmando a conclusão C1, inferida no começo.

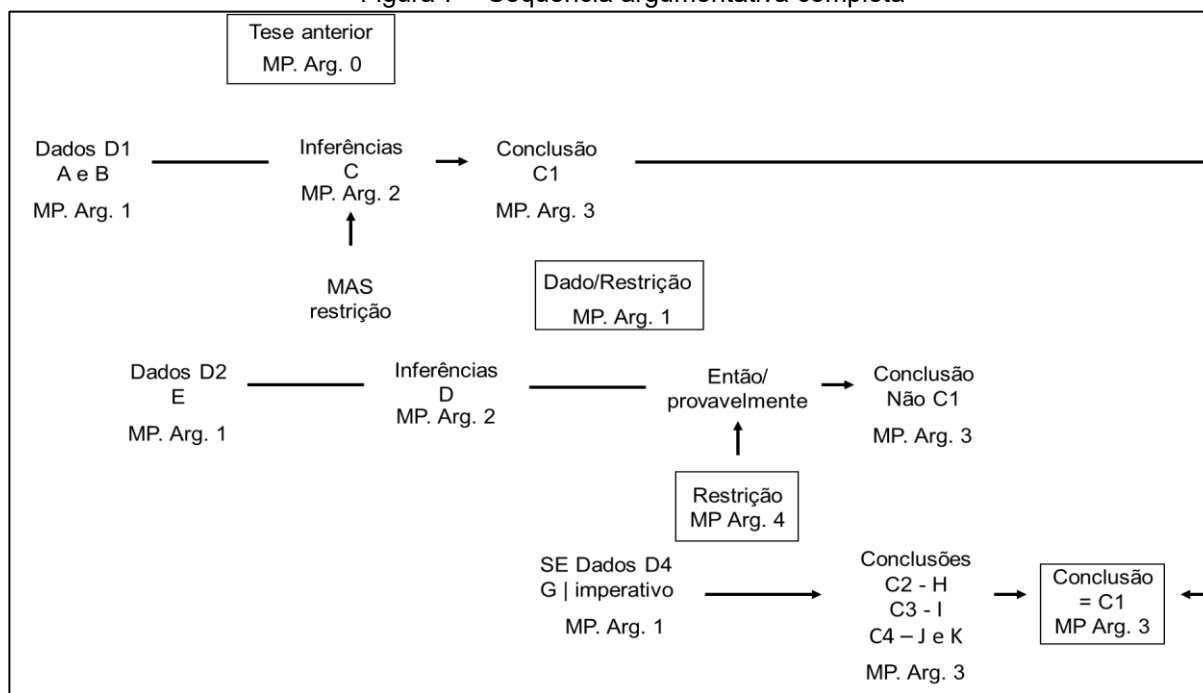
Figura 6 – MP Arg. 4



Fonte: adaptado de Adam (2019, p. 174).

A partir disso, pode-se esquematizar a sequência com todos os movimentos argumentativos.

Figura 7 – Sequência argumentativa completa



Fonte: adaptado de Adam (2019, p. 173).

Esse último exemplo (FIGURA 7) deixa claro os dois pontos passíveis de contra-argumentação, como afirmou Adam (2019), seja no início, a partir de uma tese anterior, seja ao final, com a introdução de uma restrição que contrasta algum dado apresentado antes. Nesse caso, a tese anterior e a conclusão estão em acordo, pois a restrição veio contrapor um dado contrário, mas é possível que a restrição contraponha um dado que sustente a tese anterior, nessa situação, ter-se-ia uma conclusão diferente da inferida no início do texto.

Nesse exemplo de Adam (2019), também é possível observar que um único texto pode formar uma sequência argumentativa completa, sendo essa formada por outras sequências dentro de suas macroproposições. Também é possível verificar a importância da utilização de conectores e tempo verbal, por exemplo, na construção da argumentação, modalizando o discurso do autor em favor do seu objetivo argumentativo. Esses exemplos nos dão pistas das variáveis que podem estar presentes nas redações modelo Enem que marcam a presença dessa sequencialidade argumentativa nesses textos, o que será visto mais adiante. Eles

também podem indicar que esses esquemas pré-formatados podem ser considerados ferramentas cognitivas, as quais foram aprendidas no decorrer da vida e, no momento em que é necessário seu uso, o produtor aplica modelos prototípicos que já são de seu conhecimento, “ativando” um item guardado na memória, mesmo sem ter, muitas vezes, a percepção clara ou definida de quando “aprendeu” essa ferramenta, podendo ter sido na escola, quando exposto ao estudo de diferentes textos, ou então em sua vida cotidiana, nas suas interações comunicativas desde que foi ensinado a usar a língua. A redação do Enem pode, então, ser um exemplo da aplicação desses esquemas e se eles seguem essas estruturas argumentativas.

3.2 REDAÇÃO DO ENEM: O GÊNERO EM EVIDÊNCIA

Desde o ano de 1998, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e Ministério da Educação (MEC) realizam a prova do Enem, inicialmente, com o objetivo principal de avaliar o desempenho dos alunos que estão finalizando o ensino médio. Com o decorrer do tempo, os números relativos a essa prova foram aumentando (inscrições, municípios de realização, instituições de ensino superior que usam a nota do exame, dentre outros), e ela foi passando por modificações e atualizações.

No ano de 2009, o Enem passou por uma grande remodelação, alterando aspectos importantes como: a quantidade de questões — 180 questões, sendo 45 para cada área do conhecimento (Linguagens, códigos e suas tecnologias; Ciências humanas e suas tecnologias; Ciências da natureza e suas tecnologias; e, Matemática e suas tecnologias) —, a aplicação da prova passa a ser feita em dois dias, a redação passa a ser somente de texto dissertativo-argumentativo, as matrizes de referência da prova são reformuladas, e o exame passa a certificar a conclusão do ensino médio. Foram muitas mudanças que impactaram diretamente o estudante e, porque não dizer, todo o sistema de ensino no Brasil.

Já no ano de 2017, foi realizada uma consulta pública para definir melhorias para o exame. Assim, o exame passou a ser aplicado em dois domingos consecutivos, a prova passou a ser personalizada com o nome e número de inscrição do participante, novos recursos de segurança foram adotados e, uma das principais mudanças, a adoção de vídeo-prova em Libras para surdos e deficientes auditivos. Atualmente, o Enem é utilizado para, além de avaliar o desempenho do estudante,

auxiliá-lo no ingresso ao ensino superior (a partir de programas como Sistema de Seleção Unificada, ou SiSU; Programa Universidade para Todos, ou Prouni; e em universidades portuguesas que aceitam a nota do exame), acesso a financiamento estudantil (Programa de Financiamento Estudantil, ou FIES, e Prouni) e o desenvolvimento de indicadores educacionais. Mais recentemente, em 2019, o Enem testou a aplicação de provas digitais, a ser realizada novamente na edição seguinte. A data seria o ano de 2020, porém, em virtude da pandemia do coronavírus COVID-19, a prova foi realizada de forma impressa nos dias 17 e 24 de janeiro de 2021, e de forma digital nos dias 31 de janeiro e 7 de fevereiro de 2021.

Para os alunos que fizeram a versão mais recente da prova, foram disponibilizadas as matrizes de referência do Enem, documento que apresenta quais as competências e habilidades esperadas que os alunos precisam ter em cada área do conhecimento, assim como os objetivos de conhecimento de cada área: a Cartilha do Participante, documento com recomendações e critérios de cada competência avaliada na redação. No *site* do Inep, encontra-se disponível para *download* a cartilha, as provas e os gabaritos das versões anteriores, para auxiliar o candidato a estudar e conhecer a prova do Enem. Além disso, no ano de 2020, excepcionalmente, foram liberados os manuais de capacitação dos corretores da redação (também no *site* do Inep), utilizados no treinamento dos profissionais que corrigem as redações com um conteúdo um pouco mais discriminado sobre cada competência a ser avaliada no exame (e sempre tido como material sigiloso¹³). Toda essa capacitação para o candidato realizar a prova é um exemplo claro de como esse gênero é “dado” às pessoas, como falava Bakhtin (2016). É um gênero ensinado e que tem suas características repassadas para que seja desenvolvido de forma apropriada, ou seja, existe uma forma mais adequada para essa atividade linguística, uma técnica que é lecionada e possibilita ao participante aprimorar suas habilidades textuais referentes a esse gênero.

O objeto de estudo deste trabalho é a redação do Enem, por isso não será detalhada a primeira parte da prova (as questões objetivas). Vamos nos deter apenas na redação e seus atributos e competências, até porque ela é uma parte importante da prova, sua nota compõe a nota final do participante, o que pode impactar diretamente os seus objetivos futuros. Para isso, utilizaremos a *Cartilha do*

¹³ Cf. os manuais de cada competência em: BRASIL. Inep. **Outros documentos**: Enem. s.d. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem-outros-documentos>. Acesso em: 4 nov. 2020.

Participante e os manuais dos corretores oferecidos pela plataforma, assim será possível entender o que se pede e como é avaliada.

A prova de redação do Enem exige que o participante redija um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, de no mínimo 8 e no máximo 30 linhas, a partir de uma situação-problema que é vinculada a um tema de ordem social, cultural, científica ou política (BRASIL, 2019). A situação-problema e o tema são apresentados na proposta de redação, que contém instruções para a redação, textos motivadores sobre o tema (excertos de reportagens, livros, artigos, gráficos, infográficos, publicidade, dentre outros que podem ser utilizados para levantar alguma questão sobre o tema) e o cabeçalho da questão no qual está claro o tema sobre o qual o aluno se debruçará em seu texto. No ano de 2019, o tema da redação foi “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”, e foram apresentados quatro textos motivadores: o Texto 1 foi um excerto de um livro sobre o que é cinema; o Texto 2, o excerto de um artigo tratando da representação do real no cinema; o Texto 3 era um infográfico que apresentava o percentual de brasileiros que frequentam cinemas *versus* o consumo de filmes na televisão; e o Texto 4 foi o fragmento de um texto publicado pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE) em seu *site* a respeito da implantação dos cinemas no Brasil (ANEXO A). A proposta da redação foi a seguinte:

Figura 8 – Proposta de redação Enem 2019

<p>PROPOSTA DE REDAÇÃO</p> <p>A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.</p>

Fonte: Brasil (2019a, p. 20).

Como pode ser visto na Figura 8, é necessário que o participante escreva a redação a partir da leitura e compreensão dos textos motivadores e de seu conhecimento de mundo, adquirido no decorrer de sua vida. Também é necessário que ele respeite o tipo do texto (dissertativo-argumentativo), o qual requer uma tese e argumentos sobre o tema, e apresentar uma proposta de intervenção, normalmente contida na conclusão do texto¹⁴.

¹⁴ Normalmente a proposta de intervenção se encontra ao final do texto, após a argumentação sobre o tema, porém isso não é uma regra, não há uma posição/parágrafo definido em que a proposta deva

Apesar de ser bem delimitado o tema e o objetivo que deve ser cumprido com a redação, o aluno é livre para escolher o enfoque a seguir na redação e criar a proposta de intervenção que melhor adapte-se à sua argumentação, desde que o tema geral seja abordado. Logo, para que a produção e a correção sejam corretas e justas, o aluno tem acesso a competências que devem ser atingidas no decorrer de sua produção, para que assim também o corretor tenha objetos palpáveis de correção e todos falem a mesma língua, isto é, saibam exatamente o que tem que ser feito e o que deve ser corrigido e pontuado. Ao todo são cinco competências que avaliarão o desempenho e a construção do texto, podendo ser atribuída nota de 0 a 200 em cada competência, totalizando 1000 pontos. O Quadro 2 apresenta todas elas, que serão comentadas a seguir.

Quadro 2 – Competências a serem avaliadas no Enem

Competência 1:	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
Competência 2:	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência 3:	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência 4:	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência 5:	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Fonte: Cartilha do Participante (BRASIL, 2019, p. 6).

A Competência 1 — demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa — está diretamente relacionada ao que é pedido na proposta de redação,

estar, a única norma é que o texto apresente uma proposta, ficando a cargo do aluno decidir em que momento do texto ele vai incluir essa parte.

escrever o texto utilizando a “modalidade escrita formal da língua portuguesa”. Logo, ela avalia se o participante tem o domínio dessa modalidade da língua, das regras e convenções estabelecidas para a escrita formal. Além das regras gramaticais, também são observadas nessa competência a fluidez da leitura, dada pela construção sintática, por isso, o avaliador corrigirá o texto considerando os “possíveis problemas de construção sintática e a presença de desvios (de convenções da escrita, gramaticais, de escolha de registro ou de escolha vocabular)”. O Enem deixa claro aos alunos as notas que poderão ser alcançadas de acordo com o que o avaliador encontra no texto. Cabe salientar que um texto que receba a nota máxima nessa competência (200 pontos) pode ter um desvio, desde que não ocorra reincidência no texto, apenas uma pequena falha. Isso pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 3 – Níveis de desempenho da Competência 1

200 pontos	Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizarem reincidência.
160 pontos	Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.
120 pontos	Demonstra domínio mediano da modalidade escrita formal da língua portuguesa e de escolha de registro, com alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita.
80 pontos	Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da língua portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
40 pontos	Demonstra domínio precário da modalidade escrita formal da língua portuguesa, de forma sistemática, com diversificados e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
0 ponto	Demonstra desconhecimento da modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Fonte: Brasil (2019a, p, 12).

A Competência 2 — compreender a proposta da redação e aplicar conceitos de várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa — está relacionada ao tema e ao tipo do texto que é pedido. Nela os avaliadores verificarão se o participante:

se apropria da proposta de redação – aplicando conceitos de várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema de forma plena e consistente –, bem

como do texto dissertativo-argumentativo, demonstrando conhecimento sobre os limites estruturais da tipologia textual em prosa (BRASIL, 2019b, p. 5).

Nessa competência são necessárias as habilidades de leitura, interpretação e escrita, isso porque o candidato precisa entender o tema, produzir uma tese, selecionar argumentos e deixar o seu ponto de vista claro no decorrer do texto, atendendo assim as especificidades desse tipo de texto, que não apenas expõe ou descreve uma ideia/tese, mas a defende com argumentos e dados claros. A Cartilha do Participante apresenta o que é o tipo de texto dissertativo-argumentativo e algumas estratégias que podem ser usadas em sua construção.

Quadro 4 – Princípios de estruturação da redação do Enem

<p>I – Apresentar uma tese, desenvolver justificativas para comprovar essa tese e uma conclusão que dê um fechamento à discussão elaborada no texto, compondo o processo argumentativo (ou seja, apresentar introdução, desenvolvimento e conclusão).</p>	<p>TESE – É a ideia que você vai defender no seu texto. Ela deve estar relacionada ao tema e apoiada em argumentos ao longo da redação.</p> <p>ARGUMENTOS – É a justificativa para convencer o leitor a concordar com a tese defendida. Cada argumento deve responder à pergunta “por quê?” em relação à tese defendida.</p>
<p>II – Utilizar estratégias argumentativas para expor o problema discutido no texto e detalhar os argumentos utilizados.</p>	<p>ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – São recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor:</p> <ul style="list-style-type: none"> • exemplos; • dados estatísticos; • pesquisas; • fatos comprováveis; • citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto; • pequenas narrativas ilustrativas; • alusões históricas; e • comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos.

Fonte: Brasil (2019a, p. 17).

Nessa competência são utilizados seis níveis de análise, observando ambos os elementos principais: tema e tipo. Quanto ao tema, é importante que a produção se adeque à proposta, abordando todos os seus elementos, tendo um bom desempenho, com uma discussão que apresente argumentos que vão além dos textos

motivadores, demonstrando o repertório sociocultural do candidato. Em relação ao tipo, verifica-se a estrutura do texto (introdução, argumentação e conclusão), do ponto de vista da construção e não do conteúdo de cada (isso será analisado em outras competências). A partir disso, no Quadro 5 são apresentados os níveis de análise dessa competência.

Quadro 5 – Níveis de desempenho da Competência 2

200 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo.
160 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.
120 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.
80 pontos	Desenvolve o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou apresenta domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo, não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão.
40 pontos	Apresenta o assunto, tangenciando o tema, ou demonstra domínio precário do texto dissertativo-argumentativo, com traços constantes de outros tipos textuais.
0 ponto	Fuga ao tema/não atendimento à estrutura dissertativo-argumentativa. Nestes casos a redação recebe nota zero e é anulada.

Fonte: Brasil (2019d, p. 18).

A Competência 3 — selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista — está relacionada à construção de sentidos no texto, como o escritor elabora a tese e apresenta os argumentos, enfim, trata da inteligibilidade da redação. Alguns fatores que constroem essa inteligibilidade são:

- Seleção de argumentos.
- Relação de sentido entre as partes do texto.
- Progressão temática adequada ao desenvolvimento do tema, revelando que a redação foi planejada e que as ideias desenvolvidas são, pouco a pouco, apresentadas, de forma organizada, em uma ordem lógica.
- Desenvolvimento dos argumentos, com a explicitação da relevância das ideias apresentadas para a defesa do ponto de vista definido. (BRASIL, 2019, p. 19).

Essa competência é atingida com o auxílio do projeto de texto, isto é, um “esquema geral da estrutura de um texto, no qual se estabelecem os principais pontos pelos quais deve passar a argumentação a ser desenvolvida” (BRASIL, 2019d, p. 11). Ter um projeto de texto não significa que o participante deve escrever algo à parte exemplificando-o, mas sim que durante a leitura da redação seja possível identificar a presença de um projeto, de uma estratégia clara para defender o ponto de vista adotado. Esse projeto de texto torna evidente que o candidato fez usos das habilidades cognitivas requeridas nessa competência (selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos). A Competência 3 também possui seis níveis de análise para a pontuação da redação.

Quadro 6 – Níveis de desempenho da Competência 3

200 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista.
160 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.
120 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista.
80 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista.
40 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista.
0 ponto	Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista.

Fonte: Brasil (2019d, p. 20).

A Competência 4 — demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação — trata da coesão textual. Nela avalia-se a “capacidade de o participante demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. [...] como o participante se vale dos recursos coesivos para articular os enunciados de seu texto” (BRASIL, 2019e, p. 4). O avaliador observa a estrutura lógica e formal para que as partes do texto estabeleçam relações entre si e como elas se articulam. Para que isso ocorra, é recomendável que o participante faça uso de recursos coesivos, como os operadores argumentativos, conectores, locuções adverbiais, dentre outros elementos linguísticos que garantem a articulação e as relações de continuidade. Em um texto relativamente

curto como é a redação do Enem, o uso desses recursos é essencial no encadeamento de ideias, visto que eles “serão os responsáveis pela concatenação de ideias, fazendo o texto avançar na formulação de argumentos” (BRASIL, 2019e, p. 5), porém a simples inclusão deles não faz um bom texto, eles precisam ser usados de forma adequada e diversificada. Assim, o avaliador precisa estar atento, pois um texto pode apresentar uma grande variedade de elementos coesivos mas estarem empregados de forma inadequada. Por isso, essa competência também tem seis níveis de análise, conforme o quadro abaixo.

Quadro 7 – Níveis de desempenho da Competência 4

200 pontos	Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
160 pontos	Articula as partes do texto, com poucas inadequações, e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
120 pontos	Articula as partes do texto, de forma mediana, com inadequações, e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos.
80 pontos	Articula as partes do texto, de forma insuficiente, com muitas inadequações e apresenta repertório limitado de recursos coesivos.
40 pontos	Articula as partes do texto de forma precária.
0 ponto	Não articula as informações.

Fonte: Brasil (2019a, p. 23).

A última competência, a Competência 5 — elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos —, está conectada com outro ponto solicitado na proposta da redação: apresentar proposta de intervenção. A redação do Enem possui esse diferencial, não é apenas fazer uma conclusão do texto dissertativo-argumentativo, mas propor uma solução efetiva ou estratégias de combate para o problema discutido. Assim, o avaliador observará se “o participante demonstra ter construído, ao longo de sua formação, conhecimentos para propor, em seu texto, uma intervenção para um problema de ordem social, científica, cultural ou política, sem ferir os direitos humanos.” (BRASIL, 2019f, p.4). Esse é um bom momento para que o candidato demonstre o seu preparo para o exercício da cidadania, além dos conhecimentos desenvolvidos ao longo de sua formação. A proposta de intervenção deve estar alinhada ao tema e em conformidade com o seu projeto de texto, também deve ser bem detalhada e elaborada evidenciando o ator social que executá-la-á, o meio para execução e sua finalidade, e algum outro detalhe

que o autor julgar necessário para que fique bem clara a sua proposta. Na correção, os avaliadores também julgam por esse critério, considerando os cinco elementos básicos: ação, agente, modo/meio, efeito e detalhamento. Logo, a proposta que contemple todos esses elementos obterá a nota máxima. Isso significa que não interessa ao corretor o número de propostas de intervenção que o participante proponha, mas se ela está completa. Assim, os seis níveis de desempenho da Competência 5 são:

Quadro 8 – Níveis de desempenho da Competência 5

200 pontos	Elabora muito bem proposta de intervenção, detalhada, relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
160 pontos	Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
120 pontos	Elabora, de forma mediana, proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
80 pontos	Elabora, de forma insuficiente, proposta de intervenção relacionada ao tema, ou não articulada com a discussão desenvolvida no texto.
40 pontos	Apresenta proposta de intervenção vaga, precária ou relacionada apenas ao assunto.
0 ponto	Não apresenta proposta de intervenção ou apresenta proposta não relacionada ao tema ou ao assunto.

Fonte: Brasil (2019a, p. 26).

A soma das notas em cada competência forma a nota final na redação. Percebe-se que é bem complexa a análise, mesmo para o avaliador. Por isso, redações que obtenham discrepâncias de notas de correção são avaliadas por um terceiro corretor, para que seja uma avaliação mais justa e coerente com o que o exame pede. Há também alguns pontos de análises que podem zerar a redação, sem a análise de outros critérios, são eles:

- fuga total ao tema;
- não obediência à estrutura dissertativo-argumentativa;
- extensão total de até 7 linhas;
- cópia integral de texto(s) da Prova de Redação e/ou do Caderno de Questões;
- impropérios, desenhos e outras formas propositais de anulação, em qualquer parte da folha de redação;
- números ou sinais gráficos fora do texto e sem função clara;

- parte deliberadamente desconectada do tema proposto.

Esses itens que zeram uma redação evidenciam a importância do que Adam (2019) chamou de plano de texto. No caso do Enem, há um plano de texto fixo, isto é, um texto do tipo dissertativo-argumentativo sobre um tema proposto pela organização do exame, sobre o qual o candidato deve propor uma tese, apresentar argumentos que a sustente e, por fim, desenvolver uma proposta de intervenção ao problema. Logo, ações que não respeitem esse plano de texto altamente estruturado e monitorado não são avaliadas, recebendo a nota zero.

Por fim, é imprescindível fazer uma análise da redação do Enem de acordo com a teoria de gêneros de Bakhtin. Relembrando o que foi citado na seção anterior, um gênero é um “enunciado relativamente estável”, formado pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se perceber sobre o que já foi visto sobre a redação do Enem que ela abrange todos esses aspectos. Ela é um enunciado que acontece em uma esfera da atividade humana: a realização de um exame da esfera educacional. De acordo com Bakhtin (2016, p. 11-12):

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Dessa forma, a redação do Enem está refletindo esse campo, pois é parte de um concurso, no qual o estudante se debruça sobre um tema específico a cada ano (conteúdo), por meio de um texto dissertativo-argumentativo que possui condições específicas de produção, conforme evidenciado nas competências avaliadas (construção composicional). É possível, então, encontrar regularidades nos exemplares desse gênero que o caracterizem como tal. Com base nisso, e nos estudos de Adam, as regularidades do gênero provavelmente se encontrem na prototipicidade das sequências textuais, especialmente da sequência argumentativa, dado que a argumentação é um recurso indispensável desse gênero. Por isso, esta pesquisa se deterá nesse gênero para verificar a materialidade da sequência argumentativa, por meio de suas macroproposições, de traços convergentes que possibilitem agrupar parte desses elementos linguísticos. Diante disso, o próximo tópico se deterá em evidenciar esses itens para que a observação das sequências seja mais clara.

3.3 VARIÁVEIS TEXTUAIS: A PROCURA DE CRITÉRIOS

A partir do panorama apresentado até aqui, a presente análise se desenvolverá no estudo do nível N5, tratando especificamente da sequência textual argumentativa. Sabendo que todos esses níveis são complementares, não é possível, como reconhece Adam (2019, p. 36), “atribuir a cada tipo de sequência uma distribuição muito rigorosa de marcas morfossintáticas”. Contudo, é possível encontrar regularidades e elementos que conferem, nos exemplares daquele gênero, a presença da sequencialidade. Por esse motivo, este tópico apresentará algumas variáveis, e não padrões estáticos, do que é possível encontrar para verificar a materialização da sequência argumentativa nos textos modelo Enem, utilizando para isso redações que são consideradas exemplos para esse gênero, aquelas que receberam a nota mil, comparando com redações modelo Enem com notas menores.

Cabe ressaltar que a argumentação em si é formada também por diversos aspectos que garantem essa função, porém aqui, conforme situado por Adam (2019, p. 146), definiremos a “argumentação como uma forma de composição elementar, situamo-nos, dessa vez, no nível N5 da organização da textualidade”, preocupando-se com os aspectos composicionais e verificando se está fundada em encadeamentos mais ou menos estáveis.

Partindo do conceito apresentado por Adam (2019) e da caracterização da redação do Enem feita anteriormente, alguns questionamentos podem ser levantados para serem investigados nas análises¹⁵, tais como:

- As sequências encontradas atendem o protótipo defendido por Adam?
- Há sequências inseridas? Se sim, em todos os parágrafos?
- Há a predominância de algum nível de sequência nesses textos?
- Há mais características de sequências regressivas ou progressivas?
- Sempre aparece de forma clara a tese anterior ou ela é inferida pelo leitor?
- Os dados e suporte estão definidos no texto?
- O suporte está presente em todas as redações?
- Há proposta de intervenção sempre se encaixaria como restrição?
- Há elemento linguísticos que podem indicar uma macroproposição?

¹⁵ No item 4.1, serão especificados os textos utilizados para análise e de onde foram coletados.

Esses questionamentos, que podem aparecer durante as análises, são base para a pergunta principal da pesquisa, o que será realmente observado: de que modo a estrutura interna se aproxima da estrutura da sequência de Adam? O intuito é o de verificar como elas se apresentam nesse texto, como são estruturadas e se isso ocorre da forma que Adam teorizou.

3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo foi apresentado um estudo sobre as sequências textuais na visão de Adam (2019), em especial da sequência argumentativa, com o intuito de entender como é formada e as relações entre suas macroproposições. Após esse estudo, foi realizada uma exposição sobre o gênero Enem e todas as competências avaliadas nessa redação, para que fosse possível conhecer esse objeto de pesquisa. Por fim, foram levantadas questões a serem investigadas nas redações sob análise. O próximo capítulo se deterá nessa etapa da pesquisa, buscando analisar as redações com foco nos questionamentos feitos previamente.

4 ANÁLISE DOS DADOS: PROSSEGUINDO PARA O ALVO

4.1 METODOLOGIA: IDEALIZANDO O PERCURSO

Este estudo se propõe a ser uma pesquisa “quanti-quali”, com predominância dos estudos qualitativos (ALARCÃO, 2014), de base investigativa, com o intuito de observar a teoria de Adam (2019) sobre as sequências argumentativas em textos do gênero redação do Enem, podendo assim auxiliar no entendimento do gênero e na compreensão da argumentação. Isso se dará por meio de estudos bibliográficos e análise dos textos. Para isso, a organização do trabalho está pautada em:

- seleção e coleta de um *corpus* de texto do gênero redação Enem;
- análise da estrutura do texto com vista a delimitar as sequências argumentativas; e,
- estudo crítico dessas sequências.

Para isso, a pesquisa constitui-se de um *corpus* composto de duas categorias de redações do Enem. Metade do *corpus* é formado por 10 (dez) redações nota mil produzidas por candidatos do Enem do ano de 2018, com o tema “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na *internet*”. Como o número de alunos que alcançam a nota mil é baixo, comparado ao número de inscritos nos exames, essas redações são utilizadas nos manuais do candidato do ano posterior, bem como são utilizadas na íntegra em reportagens sobre o tema nos diversos meios de comunicação. As redações aqui utilizadas foram retiradas da Cartilha do Participante do Enem 2019, disponível para todas as pessoas no *site* oficial do exame. É relevante a análise desses textos, porque elas podem ser consideradas exemplos prototípicos do gênero, tendo em vista que alcançaram a nota máxima, sendo assim, são modelos certificados de um texto do tipo dissertativo-argumentativo. Cada redação foi codificada para que não seja utilizado o nome real do participante, assim elas receberam as letras RD, para redação, e um número que a segue, por exemplo RD 1.

A outra metade do *corpus* é formada por 10 (dez) redações dissertativo-argumentativas, modelo Enem, realizadas por alunos de curso pré-vestibular em

Curitiba-PR. Essas redações pertencem banco de redações Digitus¹⁶ — desenvolvido pelo professor doutor Roberlei Alves Bertucci (UTFPR), em parceria com o curso pré-vestibular Cursinho Solidário de Curitiba-PR. Os textos selecionados não atingiram nota mil, de acordo com a correção dos professores voluntários do Cursinho Solidário, as notas desses textos, pelo contrário, são consideradas medianas, estando entre 400 e 700 pontos, isso porque a pontuação demonstra que a redação atende minimamente aos critérios preestabelecidos de correção. O tema dessas redações foi o do Enem de 2018, “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na *internet*”. Esses textos também foram nomeados com a mesma codificação dos anteriores, sendo classificados a partir do número RD 11. Essa codificação auxilia durante o processo de análise e apresentação dos dados, facilitando a leitura e visualização dos objetivos.

Todos os dados levantados nas etapas anteriores serão, por fim, interpretados com base na teoria de Adam (2019) sobre sequência argumentativa, com o intuito de verificar como ela ocorre em situações reais de uso da língua escrita. Para cada texto analisado, foram delimitadas as sequências e macroproposições que o formam e, a partir disso, foram levantados elementos que podem ser considerados padrões para aquela situação, por exemplo, o uso de determinado tempo verbal em uma macroproposição. Nas análises das redações nota mil do banco Digitus, foi observada a materialização da sequência nesses textos, bem como os encontros e desencontros linguísticos e composicionais.

Adam (2019) descreveu cinco tipos de sequências, como também indicou que um texto é formado por várias sequências, nem sempre do mesmo tipo. A despeito disso, aqui será observada apenas a sequência argumentativa e suas macroproposições. E, embora possam existir outras sequências nessas redações se analisadas com este intuito, aqui essas partes formantes do texto assumem o papel de uma macroproposição em virtude da argumentação desejada. Dessa forma, uma eventual sequência descritiva, por exemplo, pode ter o valor de dado, ou seja, MP.

¹⁶ O banco de redações Digitus possui um acervo produzido por alunos durante o seu período de estudo no curso pré-vestibular. São textos produzidos com base nas produções solicitadas em exames de processos seletivos, como a UFPR e o Enem; neste último caso, os textos são produzidos de acordo com as competências observadas no Exame e sobre temas que já foram disponibilizados nas avaliações do Enem, além de outras propostas sugeridas pelos professores do curso. Esses textos são corrigidos pelos professores seguindo os mesmos critérios de correção do Enem, com notas de 0 a 1000 pontos. Durante as correções, os professores também podem deixar comentários que expliquem sua avaliação e demonstrem ao aluno pontos que podem ser melhorados ou aprofundados.

Arg. 1, dentro da sequência argumentativa. Por esse motivo, o estudo e descrição das demais sequências não será abordado nessas análises, porquanto o objetivo é o exame, exclusivamente, da sequência argumentativa.

É importante ressaltar que as análises se encontram no nível textual, não adentrando ao nível discursivo do texto, mas detendo-se na estrutura composicional das sequências. Não se descarta a concepção de que o texto é formado por diversos elementos, porém acredita-se ser necessário conhecê-los e examiná-los individualmente, para que quando observados em conjuntos a interpretação seja correta, uma vez que eles são parte importante na construção da redação e sua inobservância ou transgressão pode levar o candidato a zerar sua pontuação.

Essa ação interpretativa das informações levantadas mostra a importância da pesquisa qualitativa-interpretativista e do próprio pesquisador, pois os dados por si só não oferecem respostas, eles necessitam do olhar atento e cuidadoso do investigador. Sobre isso, Norman Denzin e Yvonna Lincon (2003, p. 17) afirmam que a pesquisa qualitativa:

Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações [...]. Os pesquisadores estudam as coisas no seu cenário, tentando entender e interpretar os fenômenos em termos de significados que as pessoas a eles conferem.

Esta é a estrutura que organiza a pesquisa: a utilização de práticas de análise, tanto qualitativas quanto quantitativas, que geram representações (dados), as quais serão analisadas e interpretadas em seu uso, levando em consideração o significado que o autor procurou dar a ela. Logo, esta pesquisa também se caracteriza como do tipo descritivo, já que, conforme Amado Luiz Cervo e Pedro Alcino Bervian (1966, p. 50), esse tipo de investigação trata do “estudo e da descrição das características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada”, ações que são realizadas neste estudo para verificar a sequência argumentativa conforme propôs Adam (2019). Outras interpretações poderão ser encontradas a partir desses dados, sob diferentes bases de análises, porém esta pesquisa se detém na análise textual do gênero, em seus elementos linguísticos e estruturantes.

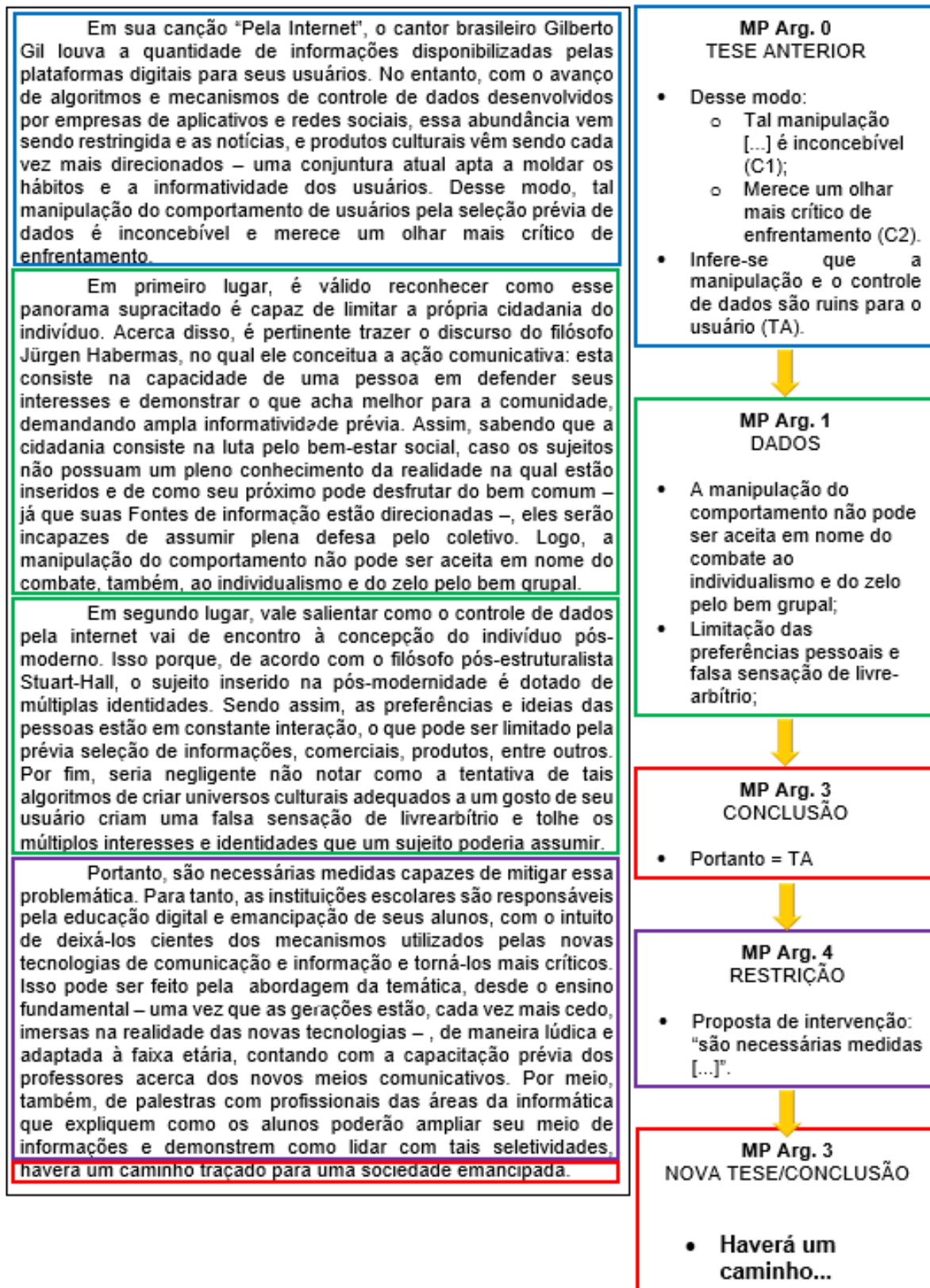
4.2 RESULTADOS: EXPLORANDO OS DADOS

Neste tópico serão apresentadas as análises do *corpus* de redações conforme a teoria de Adam (2019). A seguir serão apresentadas as análises completas de quatro redações de cada categoria, isso em virtude da extensão do texto. As demais redações estão analisadas de forma reduzida no capítulo Apêndices desta pesquisa.

4.2.1 Análise das redações nota mil

Figura 9 – Redação 1 (RD 1)

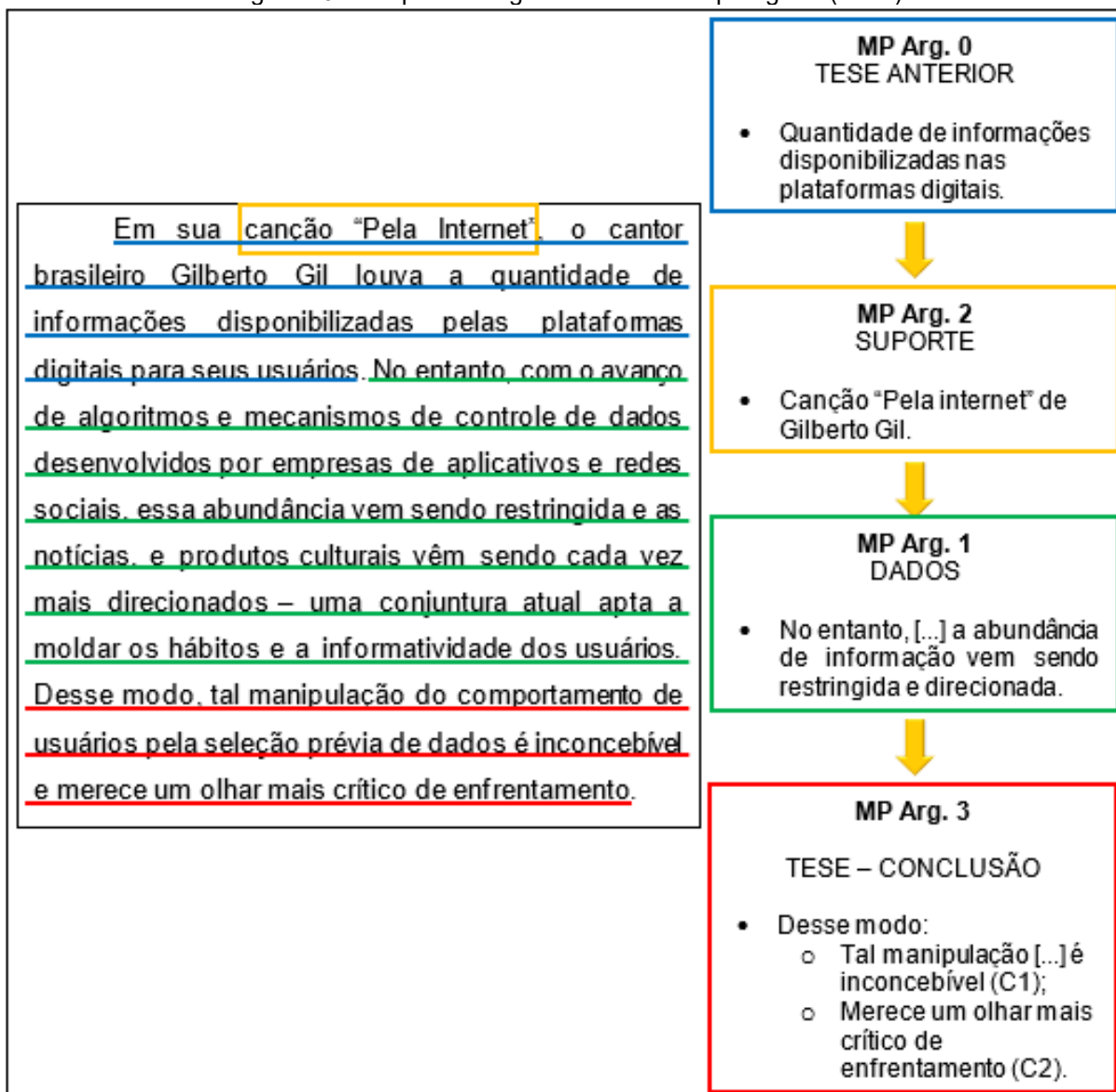
REDAÇÃO 1



Fonte: elaborado pela autora.

A RD 1 é a primeira a ser analisada que alcançou a nota máxima: 1000 pontos. A primeira macroproposição observada na redação é a MP Arg. 0 (Tese Anterior), que dá início ao texto, conforme Figura 10.

Figura 10 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 1)



Fonte: elaborado pela autora.

Essa MP é formada também por uma sequência argumentativa inserida dialógica, na qual tem-se a MP Arg. 0, MP Arg. 2, MP Arg. 1 e MP Arg. 3, conforme será visto a seguir. O texto começa com um dado com valor de tese anterior (MP Arg. 0) "quantidade de informações disponíveis nas plataformas digitais", apresentado a partir de um suporte (MP Arg. 2), canção do compositor Gilberto Gil denominada "Pela internet", a qual fala também do ambiente virtual, exaltando, assim, um ponto positivo

da *internet*. Porém, logo depois, é acrescentado um dado (MP Arg. 1) que é o oposto da afirmação anterior, marcado pelo uso do conector ‘no entanto’, trazendo para a discussão um ponto negativo importante sobre os dados na *internet*. A partir disso é manifestada a conclusão, a partir do conectivo ‘desse modo’, tendo dois pontos importantes, o primeiro é que “tal manipulação do comportamento de usuários pela seleção prévia de dados é inconcebível” (C1) e, o segundo, que ela “merece um olhar crítico de enfrentamento” (C2). Com essa conclusão é possível inferir a tese anterior de que a manipulação e o controle de dados são ruins para o usuário, destacado pelo uso do adjetivo modalizador ‘inconcebível’, apontando o caráter negativo dessa prática na *internet*.

Nos dois parágrafos seguintes são apresentados os dados (MP Arg. 1) que sustentam a argumentação. No parágrafo segundo e terceiro, há dados que remetem à tese anterior, quanto à manipulação do comportamento. Logo, cada um está retomando e reforçando a conclusão inicial, especialmente pelo uso dos operadores argumentativos de adição usados no início de cada parágrafo, ‘em primeiro lugar’ e ‘em segundo lugar’, proporcionando a continuidade do tema. É possível também destacar sequências argumentativas nesses parágrafos.

No segundo parágrafo (MP Arg. 1/D1) é inserido o primeiro dado, com o uso do conectivo de adição/enumeração ‘Em primeiro lugar’, para isso há uma sequência argumentativa de nível justificativo e ordem progressiva. Ela inicia com a apresentação do dado (MP Arg. 1), “limitação da cidadania do indivíduo”, fazendo também uma ligação com o parágrafo anterior, “esse panorama supracitado”, logo, aquela situação culmina no dado apresentado nesse início de parágrafo. Seguindo, a próxima proposição indica o suporte para esse dado (MP Arg. 2), iniciando com o conectivo ‘acerca disso’, fazendo a conexão com a proposição anterior. Para o suporte é utilizado o “discurso do filósofo Jürgen Habermas”, carregando de autoridade esse suporte por meio da citação de um filósofo muito respeitado e estudado em várias áreas do conhecimento, validando, através de suas teorias, a ideia que se deseja transmitir, com essa macroproposição, um repertório produtivo para a discussão. Por fim, a conclusão (MP Arg. 3), na qual afirma que “a manipulação do comportamento não pode ser aceita”, remetendo à primeira conclusão do parágrafo anterior (C1). Ela é iniciada pelo conectivo ‘assim’, fazendo uma relação entre o conceito de Habermas e o dado inicial, e finalizada por meio do conectivo ‘logo’, arrematando sua conclusão final da macroproposição.

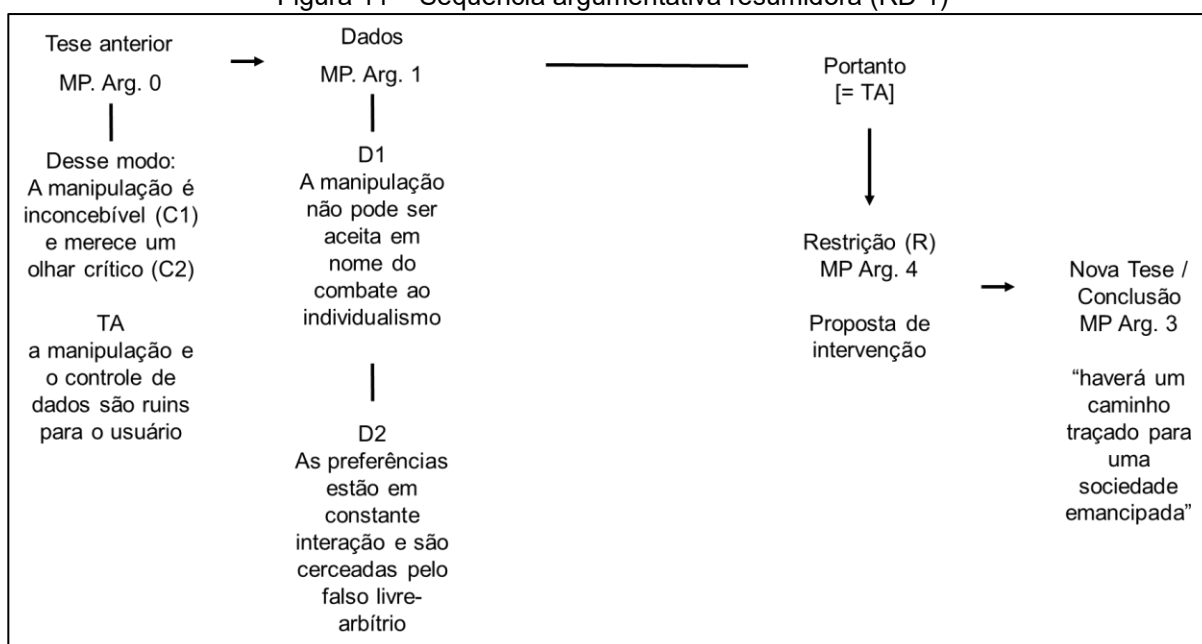
No terceiro parágrafo (MP Arg. 1/D2) está o segundo dado, também exposto a partir de uma sequência argumentativa justificativa de ordem progressiva. Ele começa com a exposição do dado (MP Arg. 1), “controle de dados versus concepção de indivíduo pós-moderno”, introduzido pelo conectivo ‘Em segundo lugar’, fazendo assim a associação entre os parágrafos. Nesse dado, o participante cita um conceito atual da sociologia (“indivíduo pós-moderno”), utilizando como suporte para sustentar essa informação a teoria de múltiplas identidades de Stuart-Hall (MP Arg. 2), um grande estudioso do tema citado, intensificando a força e credibilidade desse suporte. A proposição seguinte faz a ligação entre a informação e o suporte, como pode ser visto pelo uso do conectivo ‘sendo assim’ e, finalizando, com a conclusão (MP Arg. 3), a partir do conectivo ‘por fim’, na qual afirma que os “interesses dos usuários são tolhidos pela tentativa de controle de dados, dando uma falsa sensação de livre-arbítrio”, fazendo uma associação com a conclusão inicial da redação (C1).

Esses dados levam o leitor da redação, no caso a banca de correção, a concordar com a Tese Anterior (TA) inferida no primeiro parágrafo. Porém, há uma restrição que tem o objetivo de mudar essa conclusão óbvia. O último parágrafo (MP Arg. 1/D3) apresenta uma proposta de intervenção com o objetivo de mudar esse panorama e que está diretamente ligado à segunda conclusão do primeiro parágrafo (C2). Apesar de estar relacionado a uma conclusão da tese anterior, essa C2 não tinha sido citada e relacionada a outros elementos no decorrer do texto, mas, por ser citada no início, já deixava claro ao leitor que uma contra-argumentação para a tese anterior apareceria. Nessa MP Arg. 4 também há uma sequência argumentativa justificativa, porém de ordem regressiva, pois ele inicia pela conclusão e finaliza com os dados. A MP Arg. 3 desse parágrafo está no início, introduzida pelo uso do conectivo ‘portanto’, em seguida a conclusão “são necessárias medidas capazes de mitigar essa problemática”, o que está diretamente ligado a C2, “merece um olhar mais crítico de enfrentamento”. Essa conclusão está assentada sobre dois dados que são inseridos em seguida, a partir do uso de ‘para tanto’ e ‘por meio, também’. O primeiro dado (MP Arg. 1) é a responsabilização das instituições escolares pela educação digital dos alunos e pela capacitação dos professores acerca do tema; o segundo dado é a realização de palestras com profissionais da área. Esses dois dados estão relacionados ao que o autor denominou como “olhar mais crítico de enfrentamento” no início de sua escrita, e, no final, abrem caminho para a nova conclusão (MP Arg. 3), de que, com essas intervenções, “haverá um caminho traçado para uma sociedade

emancipada”, isto é, uma sociedade que não tem seu comportamento manipulado pela tecnologia.

Ao final da análise dessa redação, é possível concluir que há as macroproposições citadas por Adam, formando uma sequência argumentativa dialógica. Também foi possível observar um bom uso do suporte, apresentando um repertório legitimado e produtivo, que acrescentam força à linha argumentativa defendida pelo autor. Outro ponto positivo foi o adequado uso de operadores argumentativos no decorrer da redação, como conectivos e modalizadores, os quais apoiam o ponto de vista do autor, como o ‘inconcebível’ no início do texto, marcando o posicionamento do candidato frente ao tema. A partir disso é possível elaborar uma sequência argumentativa resumidora, nos moldes do modelo apresentado por Adam, com os movimentos argumentativos analisados

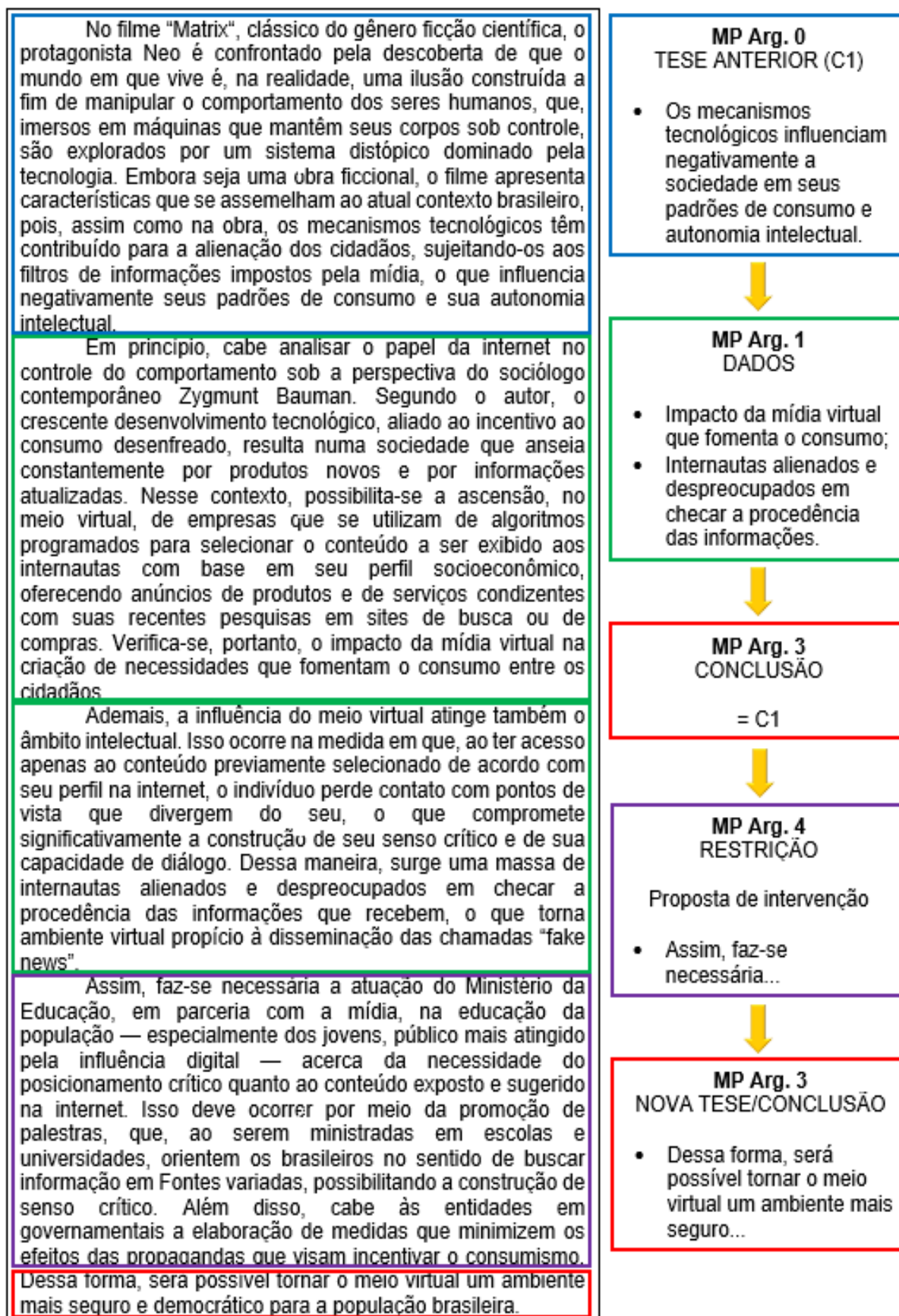
Figura 11 – Sequência argumentativa resumidora (RD 1)



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 12 – Redação 3 (RD 3)

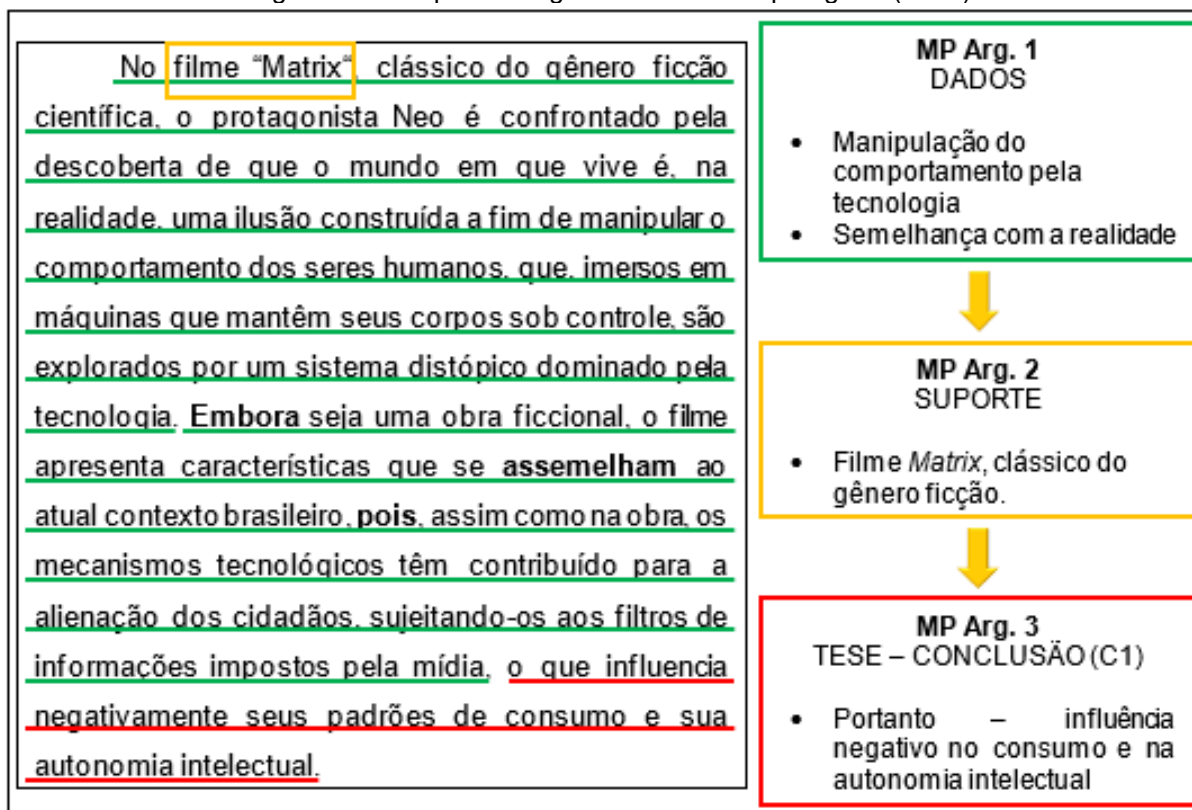
REDAÇÃO 3



Fonte: elaborado pela autora.

Na RD 3 que alcançou nota mil, é possível identificar as macroproposições MP Arg. 0, MP Arg. 1, MP Arg. 3 e MP Arg. 4, conforme será visto a seguir. A MP Arg. 0 está no primeiro parágrafo, no qual é apresentada a tese inicial do texto, ou TA, como observado na imagem abaixo.

Figura 13 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 3)



Fonte: elaborado pela autora.

É possível identificar uma sequência argumentativa inserida no interior desse parágrafo, em que a sua conclusão (C1) é a síntese da TA. Nessa sequência há a MP Arg. 1, que são os dados, sustentados pela MP Arg. 2 (Suporte), que culminam na MP Arg. 3 (Conclusão). Nesse parágrafo o suporte é o filme *Matrix*, que, segundo o autor, é uma ficção, mas apresenta características que podem ser comparadas à realidade. Esse suporte é conhecido pelo sucesso da franquia (o qual ele chama de "clássico do gênero ficção"), e apesar de mostrar uma história ficcional e exagerada sobre tecnologia e sociedade, é um bom aliado para o tema, pois trata sobre a manipulação e o controle dos seres humanos a partir da tecnologia, sendo um bom "ponta pé inicial" para o assunto. Essa ligação entre o ficcional e a realidade fica claro pelo uso do

conectivo 'embora' e do verbo 'assemelham', fazendo um paralelo entre os dois. Dessa forma, o suporte foi usado de forma produtiva, relacionando-se ao assunto destacado. O uso desse suporte para o dado apresentado ("alienação do cidadão") corrobora a conclusão do autor a respeito do efeito negativo da mídia e dos mecanismos tecnológicos na sociedade, visto que o filme aborda esse tema. A conclusão é iniciada pela expressão 'o que', vocábulo que condensa os dados anteriores, apresentando um efeito conclusivo para eles. Ela termina com a exposição de duas situações que podem ser influenciadas negativamente pela tecnologia: padrões de consumo e autonomia intelectual; dois tópicos que serão usados para evidenciar a tese no decorrer do texto. Assim, tem-se nesse parágrafo uma sequência argumentativa completa (MP Arg. 1 + MP Arg. 2 + MP Arg. 3), do nível justificativo e em ordem progressiva, na qual as informações trazidas são base para a conclusão, evidenciando a ligação e continuação entre as macroproposições.

A segunda macroproposição do texto é a MP Arg. 1, que está no segundo e terceiro parágrafos, visto que o autor utiliza dois dados diferentes para justificar sua tese anterior. No segundo parágrafo é introduzido o primeiro dado, a partir do uso do conectivo 'Em princípio', seguido da referência ao suporte das informações que serão passadas, "sob a perspectiva do sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman". A escolha das palavras revela que a informação que será trazida não parte somente das ideias do autor, mas da teoria de um estudioso, que recebe o título de "sociólogo contemporâneo", alguém que estuda a sociedade e seus padrões na contemporaneidade, logo está apto não só a falar de comportamento humano, como também da influência da tecnologia. A próxima proposição reafirma a presença desse suporte por meio da expressão 'segundo o autor', para então apresentar o conceito desejado de consumo da sociedade. A próxima proposição faz ligação com essa informação pelo uso do conectivo 'nesse contexto', trazendo a ideia da proposição anterior relacionada à utilização de algoritmos de seleção de conteúdo, isso também evidencia que o suporte foi usado de forma produtiva, tendo ligação com o assunto tratado. Esses dados culminam na conclusão dessa sequência, que é o fomento do consumo por intermédio da mídia virtual, indicado pelo uso do conectivo 'portanto'. Logo, é possível perceber a MP Arg. 1, MP Arg. 2 e MP Arg. 3 na sequência inserida nesse parágrafo, de nível justificativo e com ordem progressiva.

No terceiro parágrafo acontece o mesmo que no anterior, há uma sequência argumentativa do nível justificativo completa, porém em ordem regressiva, isto é,

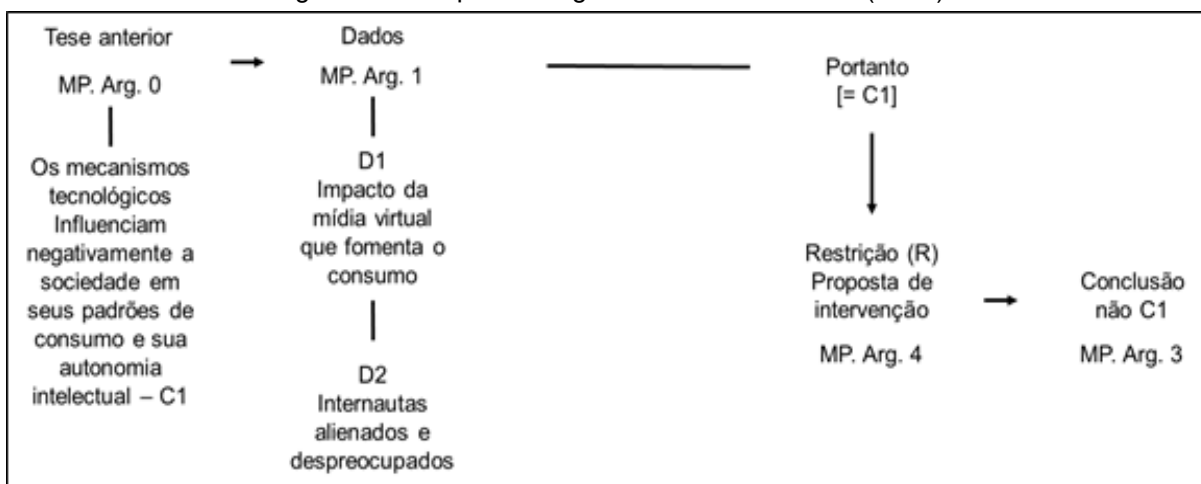
começando pela conclusão e depois apresentando os dados. A MP Arg. 3 (Conclusão) é apresentada na primeira linha, quando o autor afirma que há influência do meio virtual na autonomia intelectual dos usuários. Ela é iniciada pelo conectivo ‘ademais’, já que inicia uma nova informação, mas continua a evidenciar uma continuação do texto. No meio dessa proposição há o uso da palavra ‘também’, o que estabelece uma ligação com a conclusão do parágrafo anterior, demonstrando que a influência da mídia virtual não ocorre apenas no fomento do consumo, já indicando a consequência desse meio. Após, é apresentado o dado que a sustenta (MP Arg. 1) a partir da expressão ‘isso ocorre’, indicando a causa dessa influência intelectual. O dado desse parágrafo também se baseia na informação do parágrafo anterior sobre o uso de algoritmos que selecionam informações. Isso acontece não só para venda de produtos, mas para todas as informações que satisfazem o perfil do usuário, os quais não têm acesso aos conteúdos que divergem desse perfil, tornando-os alienados e suscetíveis a qualquer informação que atendam às suas opiniões. Nesse caso, o suporte (MP Arg. 2) não está explícito no texto, mas pode ser inferido pelo leitor, visto que há o impacto negativo no senso crítico e na capacidade de diálogo do usuário, infere-se, portanto, que são elementos importantes e positivos em uma sociedade, como também é bem aceita, visto que no parágrafo anterior já foi discutida, trazendo uma continuidade de pensamento.

Por fim, os dados levantados pelo autor evidenciam que tanto o consumo quanto o perfil do usuário são impactados pelo meio virtual, o que corrobora a tese inicial do autor de que “os mecanismos tecnológicos influenciam negativamente a sociedade” (C1). Porém há uma restrição, um contraponto a essa tese, quando o autor afirma que são necessárias medidas para tornar o ambiente virtual melhor, que é a MP Arg. 4, conforme fala Adam. Ela é inserida no texto pelo conectivo ‘assim’, que faz uma ponte entre as informações apresentadas e a restrição. Nessa MP Arg. 4 também é possível decompor outras macroproposições que formam uma sequência argumentativa de nível justificativo e ordem regressiva. Isso porque há uma conclusão (MP Arg. 3) — “faz-se necessárias medidas [para que não ocorra a influência negativa]” —, seguida por dados que sustentam essa tese (MP Arg. 1) — “atuação do Ministério da Educação” e “elaboração de medidas que minimizem os efeitos das propagandas”. É importante frisar que essa proposta de intervenção atende aos elementos necessários segundo a Competência 5 do Enem, tornando esses dados mais críveis, uma vez que responde a perguntas básicas e estão detalhadas, sendo possível de

ser feita. Consequentemente, essa restrição insere uma nova tese (MP Arg. 3), propondo algo novo que vá de encontro a sua tese anterior, a qual pode ser evidenciada pelo uso da expressão ‘faz-se necessária’, marcando a restrição, e ao final do parágrafo a partir do conectivo ‘dessa forma’, marcando a nova conclusão, em que somente com as medidas apresentadas na MP Arg. 4 a *internet* se tornará um ambiente mais seguro e democrático.

A partir dessa análise, é possível dizer que esse texto possui uma sequência argumentativa resumidora dialógica, pois há a contra-argumentação (a presença de uma tese anterior e uma restrição que se opõe a essa tese primeira, e uma nova conclusão), bem como está em uma ordem progressiva, na qual a conclusão é apresentada ao final do texto, após a tese e os dados. Também é interessante evidenciar que ele está bem conectado, definindo as ligações necessárias ao leitor para sua interpretação, como também faz uso produtivo do repertório utilizado. Com isso, pode-se propor um esquema de sequência argumentativa resumidora (FIGURA 14) nos moldes do utilizado por Adam, com as relações entre as suas macroproposições.

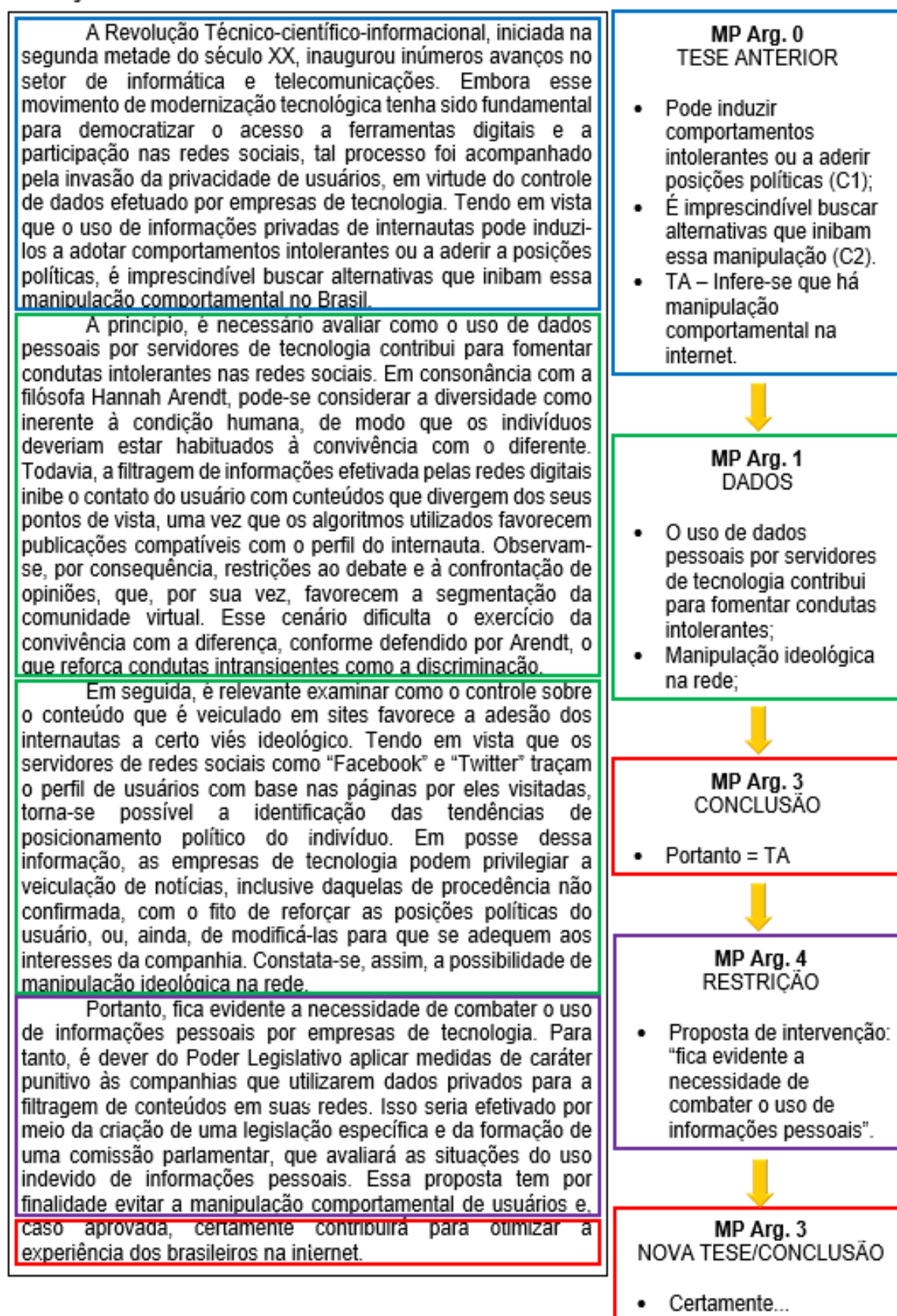
Figura 14 – Sequência argumentativa resumidora (RD 3)



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 15 – Redação 6 (RD 6)

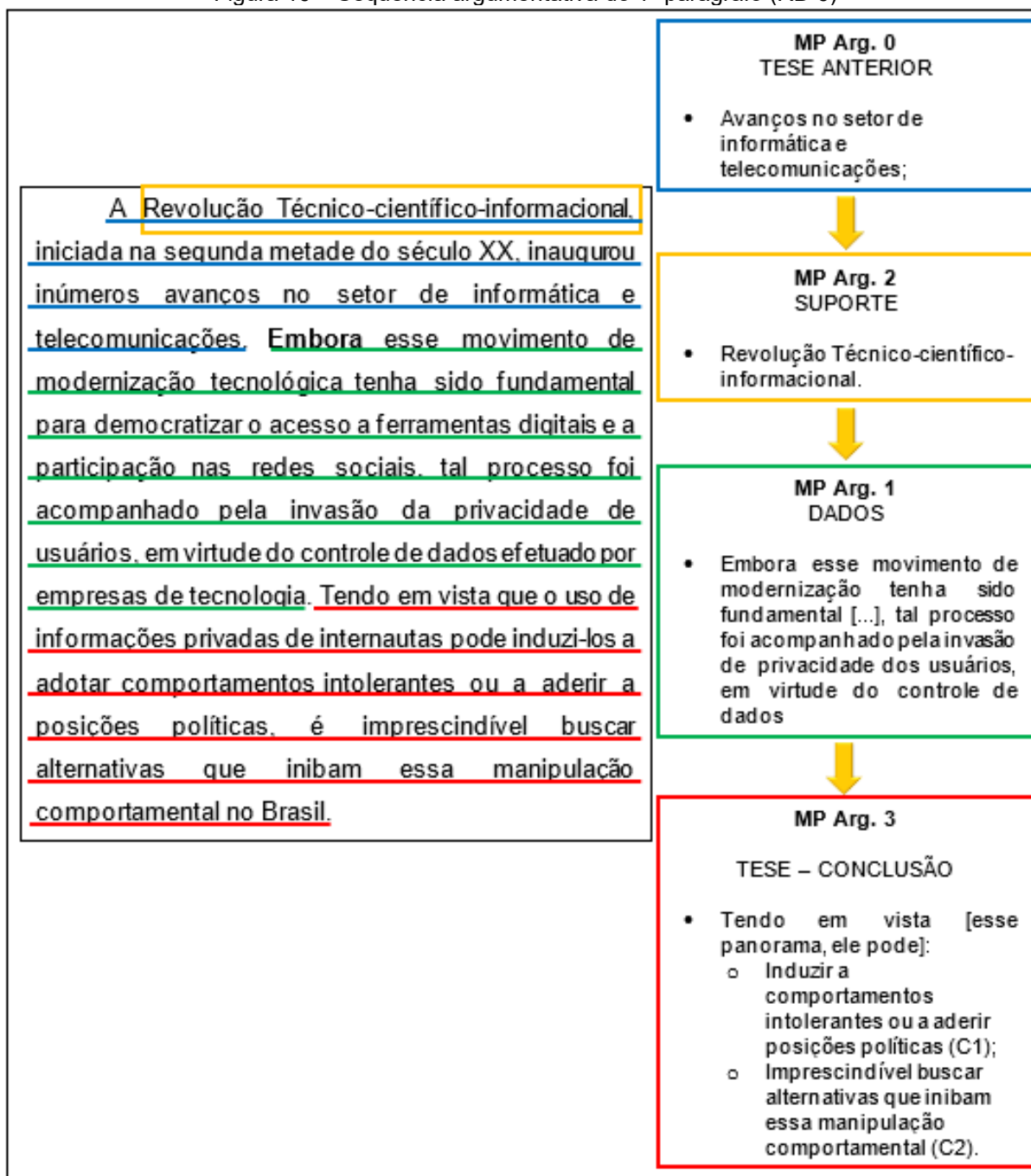
REDAÇÃO 6



Fonte: elaborado pela autora.

A próxima redação nota mil analisada é a RD 6, na qual também foi possível delimitar sequências argumentativas, bem como as macroproposições descritas por Adam. No primeiro parágrafo encontra-se a MP Arg. 0 (Tese Anterior), composta de uma sequência argumentativa dialógica, conforme figura abaixo.

Figura 16 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 6)



Fonte: elaborado pela autora.

Nessa macroproposição, há a MP Arg. 0 (TA) citando os avanços do setor de informática e usando como suporte um acontecimento histórico, a Revolução Técnico-científico-informacional. A próxima proposição tem o valor de Dado (MP Arg. 1), iniciando pelo conector 'embora', o qual apresentará um contraponto à informação anterior, acrescentando também uma explicação da TA, relacionando-a mais aos dias de hoje (democratização do acesso a ferramentas digitais e participação nas redes sociais). A oposição a essas informações evidencia que esses avanços possibilitaram a invasão da privacidade dos usuários. A última proposição adiciona duas conclusões, sendo a primeira específica para a situação apresentada, a qual pode "induzir [os usuários] a adotar comportamentos intolerantes ou a aderir a posições políticas", e a segunda que "é imprescindível buscar alternativas que inibam essa manipulação". Essas conclusões indicam a TA de que há a manipulação do comportamento e que isso não é bom para o usuário. Há dois operadores argumentativos modalizadores que se destacam na conclusão, o uso do verbo 'poder' em "pode induzi-los" e do adjetivo 'imprescindível', sendo que o primeiro aparenta distanciar o autor do texto da informação, podendo levar a um questionamento se isso acontece ou não, o que, provavelmente, será defendido a partir dos dados nos parágrafos seguintes; diferentemente do segundo modalizador, que afirma com exatidão a posição do autor frente ao tema defendido.

O segundo parágrafo tem valor de Dados (MP Arg. 1), com uma sequência justificativa de ordem regressiva, isto é, começando pela conclusão. A primeira proposição, iniciada pelo conector 'a princípio', apresenta a premissa que será defendida no decorrer do parágrafo, na qual condutas intolerantes nas redes sociais são fomentadas pelo uso de dados pessoais por empresas de tecnologia. As próximas proposições são dados que sustentam essa informação. Como suporte (MP Arg. 2), o autor traz a teoria de Hannah Arendt sobre o convívio com o diferente. Logo depois, a próxima informação apresenta como as redes sociais podem inibir esse convívio tratado por Arendt, demonstrando as consequências que isso pode causar. Por fim, a conclusão inicial é reforçada na última proposição, bem como o uso do conceito da filósofa, o que demonstra uso produtivo de um repertório legitimado, que explica e deixa claro as relações entre as informações, como também sustenta com segurança a conclusão inicial desse parágrafo.

O terceiro parágrafo também tem valor de Dado (MP Arg. 1), iniciado pelo conector 'em seguida', o que proporciona um efeito de continuidade do texto, por fazer

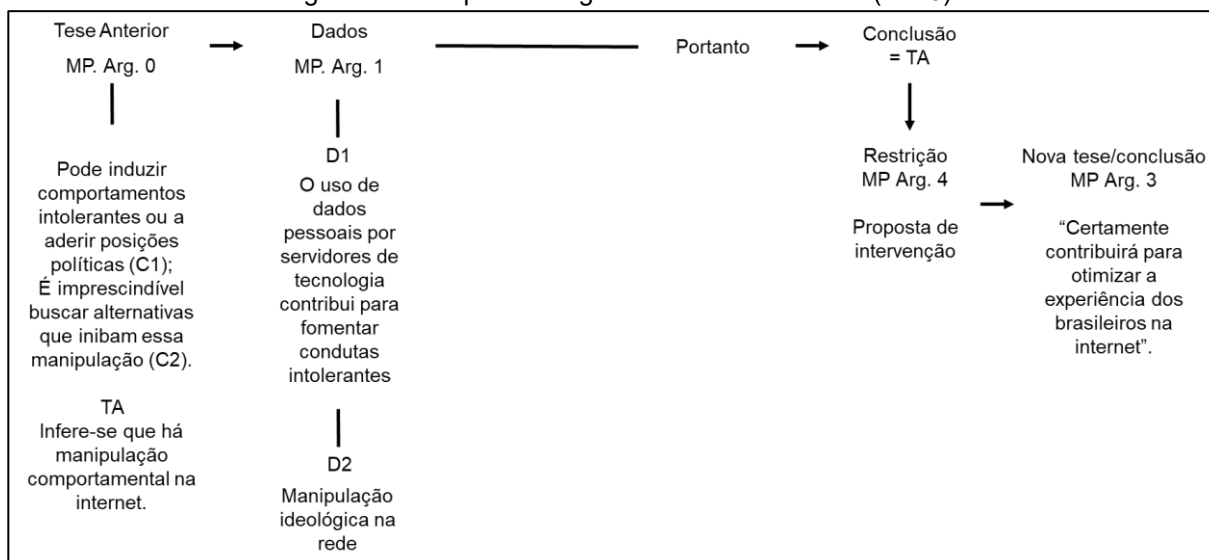
uma ligação com o parágrafo anterior e com o tema que está sendo tratado. Essa macroproposição também é iniciada pela conclusão, de que o controle na *internet* favorece a adesão a determinado viés ideológico. A segunda proposição tem o valor de suporte, pois traz uma ação realizada por empresas de redes sociais, afirmada pelo uso da expressão 'tendo em vista', que sugere ser uma informação verdadeira e conhecida sobre a identificação do perfil do usuário. A próxima proposição tem um movimento de causa e consequência, na qual uma informação é trazida à tona, sobre as ações de empresas para privilegiar a veiculação de algumas notícias em detrimento de outras, com o intuito de manipular o que o usuário lê. Em seguida é apresentada a consequência dessa ação, a "manipulação ideológica". Isso é reforçado pelo uso do conector 'assim', com efeito conclusivo, e do verbo 'constatar' como modalizador do discurso do autor, assegurando que é isso que acontece, que esse é o resultado das ações das empresas ao manipular a informação que o usuário recebe. Dessa forma, reforçando a conclusão exposta no início do parágrafo.

O último parágrafo começa com o conectivo 'Portanto', que, de início, leva o leitor a inferir a tese anterior como conclusão do texto. Contudo, é inserida uma restrição nesse ponto, com a intenção de que a tese anterior não seja efetivada. Essa restrição é marcada pelo posicionamento claro do autor em relação à TA, o qual usa a expressão 'fica evidente', isto é, não há dúvidas de que algo precisa ser feito para evitar a manipulação do comportamento do usuário. Para isso o autor sugere uma proposta de intervenção que tende a solucionar o problema. Logo após, há a nova tese (MP Arg. 3), indicada pelo uso do advérbio 'certamente', apontando a posição do autor, isto é, a aproximação da sua opinião com a informação apresentada; bem como pelo uso do verbo no futuro com valor preditivo, 'contribuira', movimento argumentativo que leva o leitor a concordar com a informação apresentada, no caso, a proposta de intervenção, a qual trará nova conclusão para o problema discutido.

Por fim, pode-se observar que essas macroproposições formam uma sequência argumentativa dialógica, na qual há a contra-argumentação. As macroproposições se relacionam entre si, evidenciando um bom uso dos operadores argumentativos, bem como uma unidade temática, que desde o início apresenta ao leitor a posição defendida. A ação de apresentar os dados que serão discutidos na conclusão do parágrafo inicial é um movimento que se repete em várias redações nota mil examinadas nesta pesquisa, como a RD 4 (APÊNDICE B) e a RD 8 (APÊNDICE E), deixando claro o que será discutido, proporcionando uma continuidade ao texto,

mantendo todas as partes relacionadas, visto que cada informação citada na conclusão do parágrafo primeiro é debatida nos parágrafos seguintes. Contudo essa afirmação depende de mais pesquisas com redações nota mil para, assim, assegurar essa ação como técnica na produção e correção dessas redações. A despeito disso, essa redação é outro bom exemplo da estrutura de sequência argumentativa proposta por Adam, com todas as macroproposições citadas pelo teórico, conforme pode ser visto na figura abaixo da sequência resumidora desse texto.

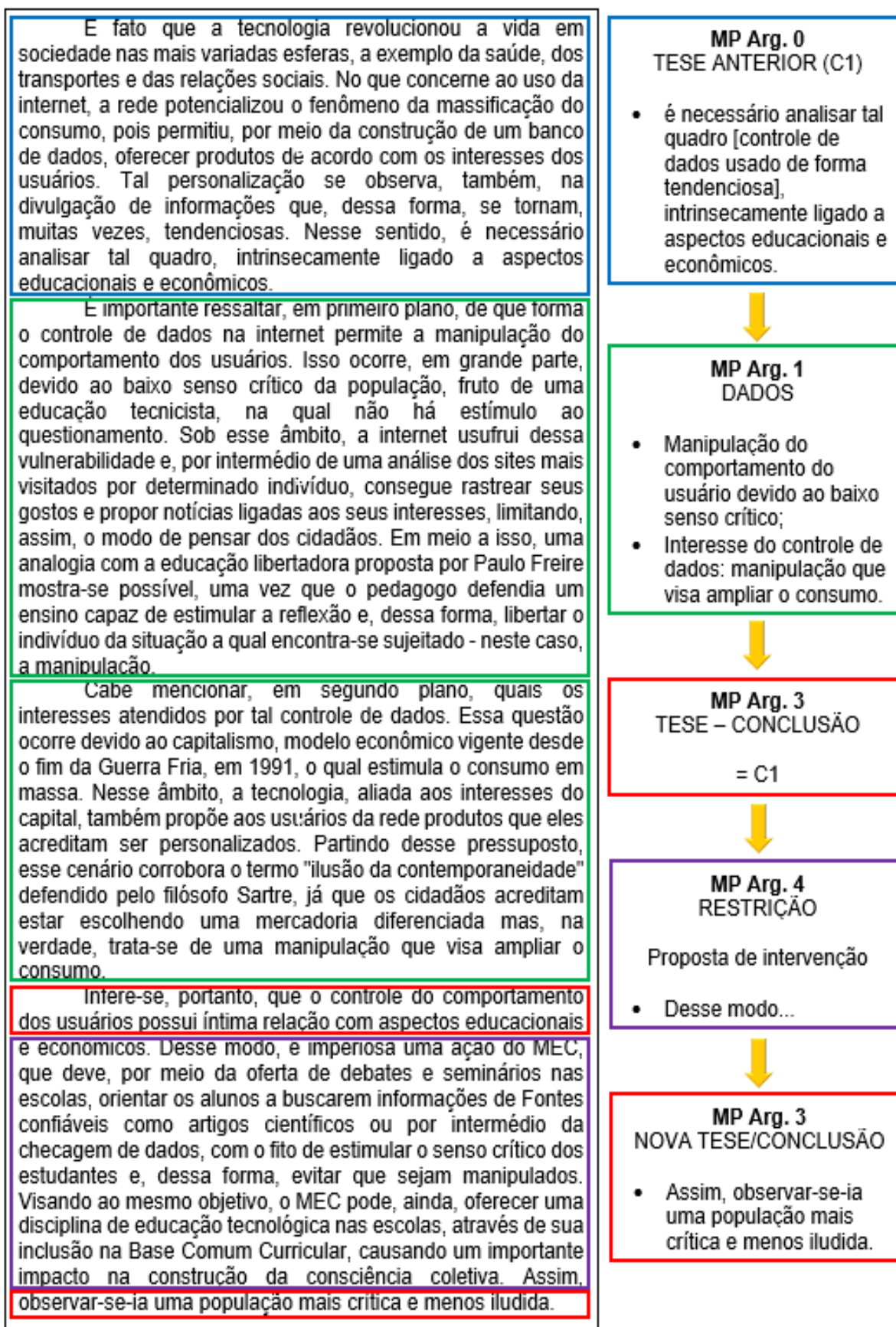
Figura 17 – Sequência argumentativa resumidora (RD 6)



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 18 – Redação 10 (RD 10)

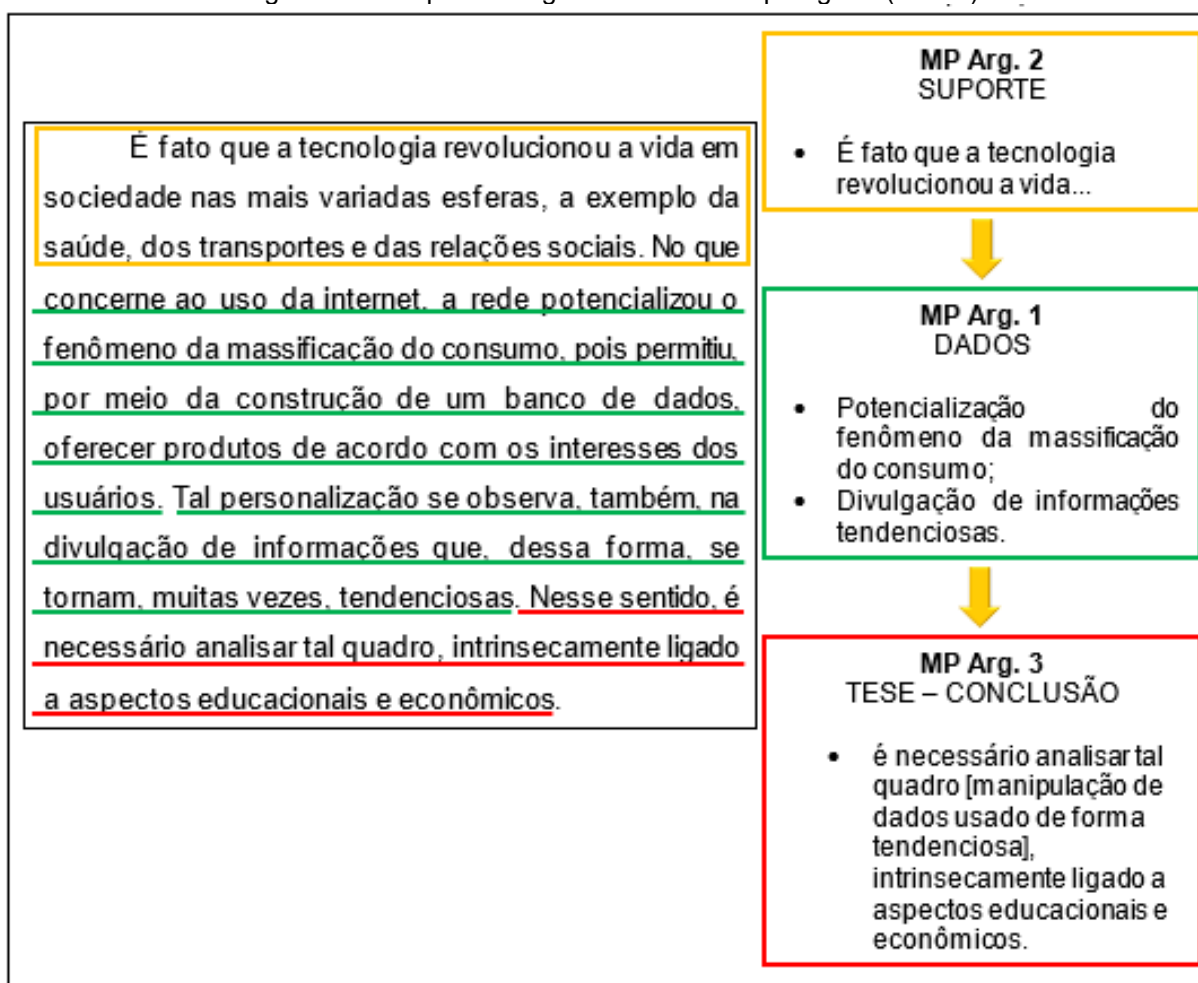
REDAÇÃO 10



Fonte: elaborado pela autora.

A última redação nota mil a ser analisada de forma detalhada é a RD 10. Da mesma forma que nas anteriores, foi possível delimitar as macroproposições defendidas por Adam (2019), começando pela MP Arg. 0 (Tese Anterior) no primeiro parágrafo, conforme figura abaixo.

Figura 19 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 10)



Fonte: elaborado pela autora.

O autor iniciou o primeiro parágrafo com uma informação com valor de suporte (MP Arg. 2), devido ao uso do modalizador 'é fato que', o que leva o leitor a tomar a informação como verdadeira, realmente um fato. Essa informação é a base para as próximas proposições, sustentando o que vem a seguir e carregando de veracidade o argumento. Enquanto no começo o texto fala de tecnologia, a segunda proposição já refina o assunto, tratando especificamente da *internet*, evidenciando um aspecto do seu uso (potencialização do consumo), sendo caracterizada como o primeiro dado (MP Arg. 1) dessa sequência que forma a macroproposição em questão. O segundo

dado, relacionado com o primeiro por intermédio da expressão ‘também’, é sobre a divulgação de informações de forma tendenciosa. Nesse dado há um valor negativo sobre a informação pelo uso do adjetivo ‘tendencioso’, mas é um modalizador, ‘muitas vezes’, o que não generaliza essa ação como algo ruim. No primeiro dado também é uma informação que por muito pode ser considerada negativa, a “massificação do consumo”, mas não há um elemento que dê esse caráter a ele. Isso evidencia a escolha do autor em se distanciar das informações, deixando parcialmente claro o seu ponto de vista. A última proposição tem valor de conclusão (MP Arg. 3), a partir do uso do conectivo ‘nesse sentido’, com valor conclusivo. A conclusão a que se chegou é que é necessário analisar tal quadro, isto é, o controle de dados e o seu uso de forma tendenciosa, especialmente em dois aspectos: educacional e econômico. Por essa conclusão é possível inferir a tese anterior do texto (MP Arg. 0): o controle dos dados pode ser usado de forma tendenciosa, manipulando o comportamento do usuário.

No segundo parágrafo há o primeiro argumento sobre a tese com valor de dado (MP Arg. 1). No início da primeira proposição há um conector de adição, ‘em primeiro plano’, que apresenta o dado, caracterizando-o como uma explicação sobre a forma que ocorre a manipulação na internet pelo controle de dados. Essa informação está ligada ao primeiro aspecto citado na conclusão do parágrafo inicial — o educacional —, visto que, segundo o autor, a manipulação acontece devido ao baixo senso crítico em razão da educação tecnicista da escola. Essa proposição é a MP Arg. 3 (Conclusão) da sequência que forma essa macroproposição, seguida da MP Arg. 1, o dado que sustenta essa conclusão. O dado é que a partir dessa vulnerabilidade do usuário é possível manipular o modo de pensar. Como suporte para esse dado, o autor utiliza a teoria de Paulo Freire sobre a educação libertadora e como ela poderia ajudar o indivíduo a sair do estado em que se encontra, com uma educação voltada ao estímulo da reflexão. Com isso, fica subentendido que a educação de hoje não é essa pregada pelo pedagogo e que, em virtude disso, o usuário se torna vulnerável ao controle e à manipulação do seu comportamento. Percebe-se, assim, que esse suporte é legitimado e foi usado de forma produtiva, trazendo embasamento para o argumento utilizado, fazendo uso de outra área e relacionando-a de forma satisfatória ao tema central do texto.

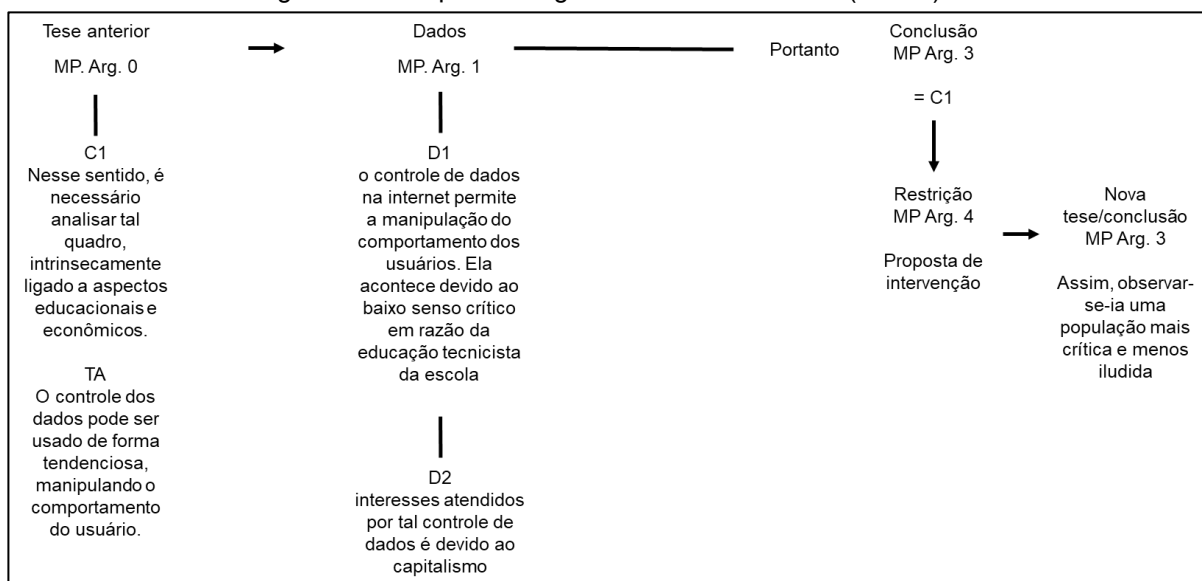
O terceiro parágrafo também tem valor de dado (MP Arg. 1) e se relaciona ao segundo aspecto citado na conclusão do primeiro parágrafo — econômico. Há, no

início, também um conector de adição, ‘em segundo plano’, o qual, além de adicionar uma nova informação, estabelece relação com o parágrafo anterior, evidenciando a continuidade do texto e relacionando todas as partes. Logo no começo há a proposição com valor de conclusão (MP Arg. 3), a qual expressa que o interesse no controle de dados se deve ao capitalismo. Em seguida, há a proposição com valor de suporte, trazendo um conhecimento histórico para sustentar a conclusão. A partir do conectivo ‘nesse âmbito’, há um dado para reforçar a conclusão inicial sobre como é a ligação entre a tecnologia e os interesses do capital. Depois o autor traz outro repertório legitimado para o debate — as ideias do filósofo Sartre sobre a “ilusão da contemporaneidade” — ligando-o produtivamente ao assunto tratado nesse parágrafo.

Apoiado nesses dados, chega-se à conclusão (MP Arg. 3) no início do último parágrafo, por meio do uso da expressão ‘infere-se, portanto’, retomando a conclusão do começo do texto. Porém não acaba nisso, há uma restrição (MP Arg. 4) que se contrapõe a essa conclusão inicial, a partir do conectivo ‘desse modo’, evidenciando que aquela não era a última conclusão, mas que há algo a se fazer ainda. Assim, o autor apresenta a sua proposta de intervenção para a tese anterior dele e, por fim, a nova conclusão à qual se chegará a partir das medidas sugeridas. Essa nova MP Arg. 3 é iniciada pelo conectivo ‘assim’, com valor conclusivo, seguido do verbo ‘observar’ conjugado no modo indicativo do futuro do pretérito, o que não expressa uma certeza, mas algo que poderia acontecer caso as ações anteriores fossem tomadas, reforçando que se a proposta de intervenção não for colocada em prática, não haverá essa nova conclusão. Nas redações analisadas, a maioria tem em sua MP Arg. 3 final o verbo conjugado no futuro simples, somente a RD 10 (observar-se-ia) e a RD 9 (atenuar-se-á — APÊNDICE F) tem conjugações diferentes, porém continuam usando o futuro com caráter preditivo.

Esse texto mostrou bom uso do repertório e trouxe outras áreas para dialogar com o tema da manipulação de dados na *internet*. Também apresentou bom domínio dos operadores argumentativos. Cada parágrafo forma uma macroproposição, formando uma sequência argumentativa dialógica, visto que há a tese anterior (MP Arg. 0), a restrição (MP Arg. 4) e uma nova tese (MP Arg. 3). Ainda, cada macroproposição formou uma sequência argumentativa justificativa, que se relacionam entre si, tanto pela temática como pelos conectivos. Logo, abaixo está a sequência argumentativa resumidora do texto.

Figura 20 – Sequência argumentativa resumidora (RD 10)



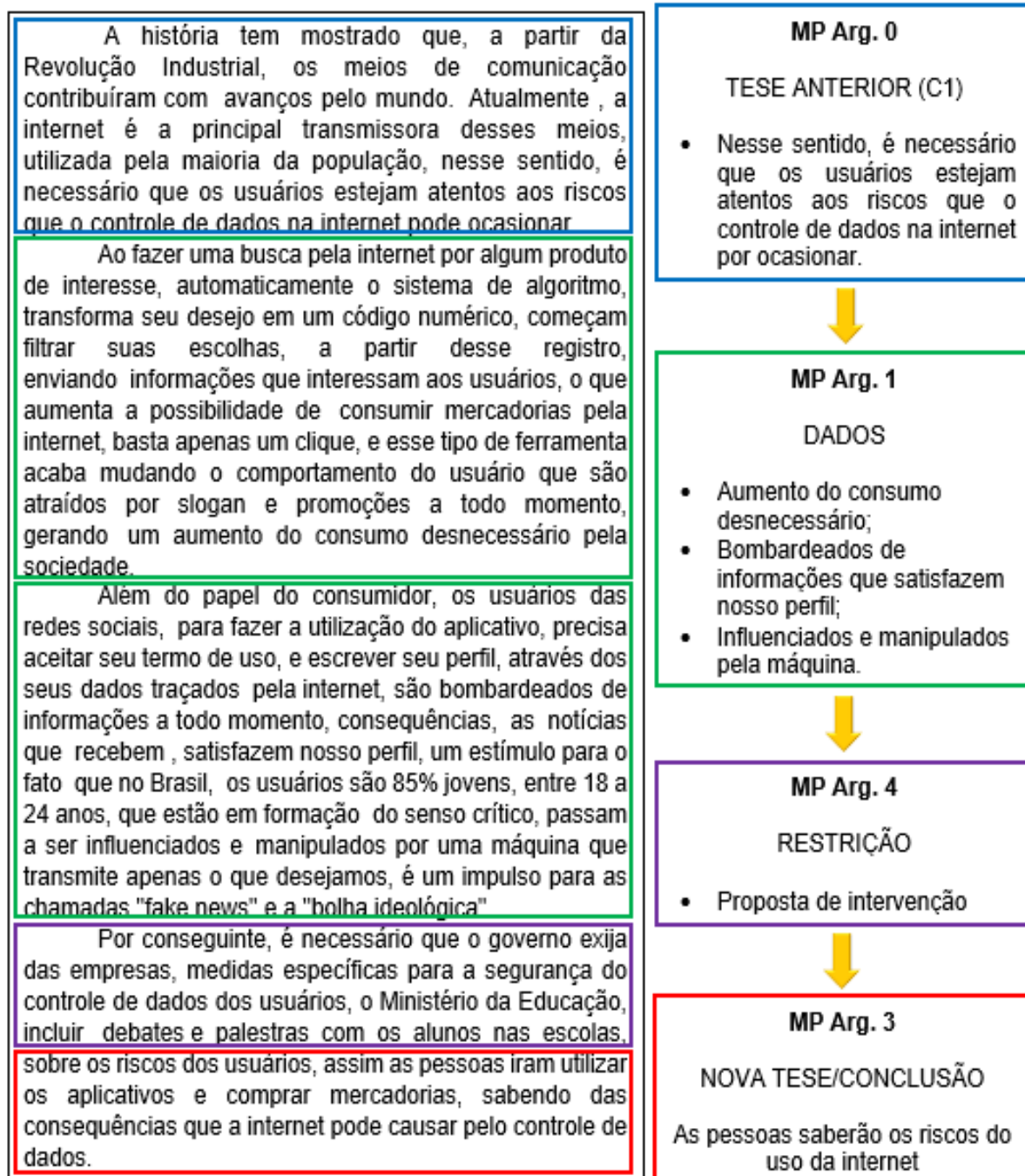
Fonte: elaborado pela autora.

4.2.2 Análise das redações do banco Digitus

A seguir, estão as análises completas de quatro (RD 11, RD 12, RD 14 e RD 18) redações do banco Digitus, as demais encontram-se nos apêndices desta dissertação.

Figura 21 – Redação (RD 11)

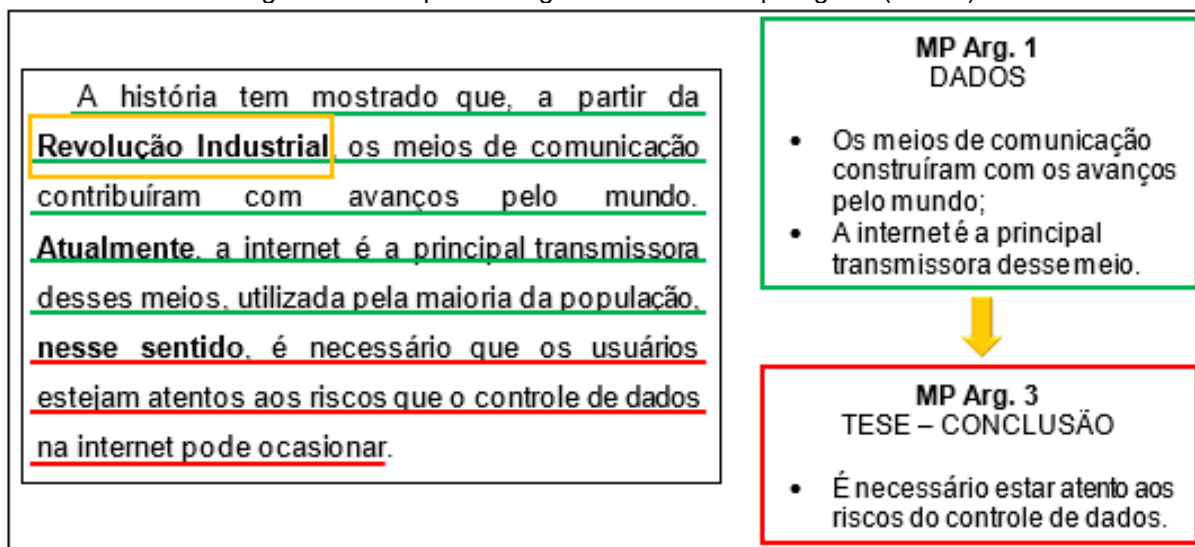
REDAÇÃO 11



Fonte: elaborado pela autora.

Na RD 11 do banco Digitus (FIGURA 21), é possível encontrar uma sequência argumentativa que guia o texto, bem como sequências argumentativas nos parágrafos que compõem a redação. O primeiro parágrafo pode ser determinado como a macroproposição MP Arg. 0, a TA que será debatida no decorrer do texto. Porém essa MP não está muito clara na primeira leitura, devido ao uso inadequado do conectivo 'nesse sentido', como pode ser observado mais na Figura 22.

Figura 22 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 11)



Fonte: elaborado pela autora.

Essa macroproposição é formada por duas proposições com valor de Dado e uma conclusão referente aos dados citados. Para introduzir os dois dados, o autor trouxe um contexto histórico, delimitado pela Revolução Industrial — apresentado o primeiro dado —, e o uso de um advérbio de tempo, para localizar o leitor sobre o segundo dado — “Atualmente”. Porém esses dados não estão baseados em um suporte (MP Arg. 2) de caráter legitimado, mas no senso comum da sociedade em relação ao tema. Tanto a ação de trazer um acontecimento histórico, como a necessidade de situar o leitor apresentando um dado do senso comum são formas de suporte utilizados nessa redação, porém, especialmente o uso do senso comum, não são repertórios legitimados de acordo com o universo de normas utilizado para correção no Enem, isto é, mesmo podendo ser considerados como MP Arg. 2 e sendo conhecidos do leitor da redação, não é um suporte considerado útil na correção, pois enfraquece o movimento argumentativo esperado pelos corretores. Contudo, eles trazem uma inferência para o leitor: “a internet é algo bom”, já que está ligada aos avanços pelo mundo e é usada pela maioria das pessoas, como estava nos Dados. A partir disso, chega-se à conclusão, pelo uso do vocábulo ‘nesse sentido’. No entanto, aqui reside uma dificuldade, pois com esse conector, espera-se uma síntese positiva desses dados, mas o que é indicado é uma informação negativa sobre a *internet*, um dado novo que traz em si duas afirmações que são a tese do participante: há riscos no controle de dados na *internet* e é necessário que os usuários estejam atentos a

isso. Na primeira leitura, não fica clara essa tese, porém, no decorrer do texto, no encadeamento dos parágrafos e nas inferências do leitor é possível chegar a ela. Todo esse caminho seria evitado se conectivos mais adequados fossem utilizados como, por exemplo: “Apesar disso, há riscos que o controle de dados na internet pode causar, por isso é necessário que os usuários estejam atentos”.

Essa mesma situação de que é preciso inferir a TA (MP Arg. 0), pois ela não está clara no texto, também ocorre na RD 16 (APÊNDICE I), na qual só é possível, como leitor, ter a certeza acerca da TA utilizada no texto após a leitura e o encadeamento dos parágrafos, bem como da percepção da MP Arg. 4 na proposta de intervenção. Isso também ocorre pela falta de uso de conectivos adequados e pela falta de aprofundamento, depositando no leitor o trabalho de fazer as ligações e inferências necessárias à interpretação da redação.

No segundo parágrafo podemos encontrar uma MP Arg. 1 (Dados), na qual são inseridas informações que suportam a conclusão formada no parágrafo interior. Contudo, novamente, não há um elemento linguístico que estipule essa relação, deixando para o leitor construir essa conexão entre os temas. Outro ponto importante na análise desse parágrafo é que o dado apresentado não está assentado em um suporte produtivo e legitimado de acordo com o que exige o Enem, mas em um exemplo do que pode acontecer em uma busca pela *internet*, portanto, baseado em modelos que estavam nos textos motivadores. As inferências e conexões são necessárias durante a leitura desse texto, como também informações comumente associadas ao tema de manipulação e controle de dados/*internet*. A conclusão dessa informação é a manipulação do comportamento do usuário, a qual aumenta o consumo desnecessário. Essa conclusão é indicada pelo uso da expressão ‘o que’, a qual tem função conclusiva, de explicação.

Outro ponto interessante é a falta de conectivos, especialmente de conclusão¹⁷, não há um específico para isso, porém há o uso do gerúndio com valor conclusivo. Apesar de não estar errado de acordo com a norma padrão, não tem força argumentativa, pois não indica claramente o ponto de vista do autor. Adam (2019, p. 161) já indicava isso em suas análises, pois afirmou que “um conector indica um ponto de vista enunciativo e o grau de comprometimento do locutor”. Logo, se não é feito

¹⁷ Bertucci (2021b) descreve esse tipo de conectivo (conclusão) como o mais frequente (26% do total) em redações nota mil. Para o autor, isso está relacionado, também, à estrutura dos parágrafos, que exige tópico, desenvolvimento e conclusão.

uso deles, há uma deficiência na argumentação. Isso também é avaliado no Enem, como vimos no estudo de cada competência no capítulo anterior, assim, o candidato tem sua nota rebaixada pelo pouco domínio dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

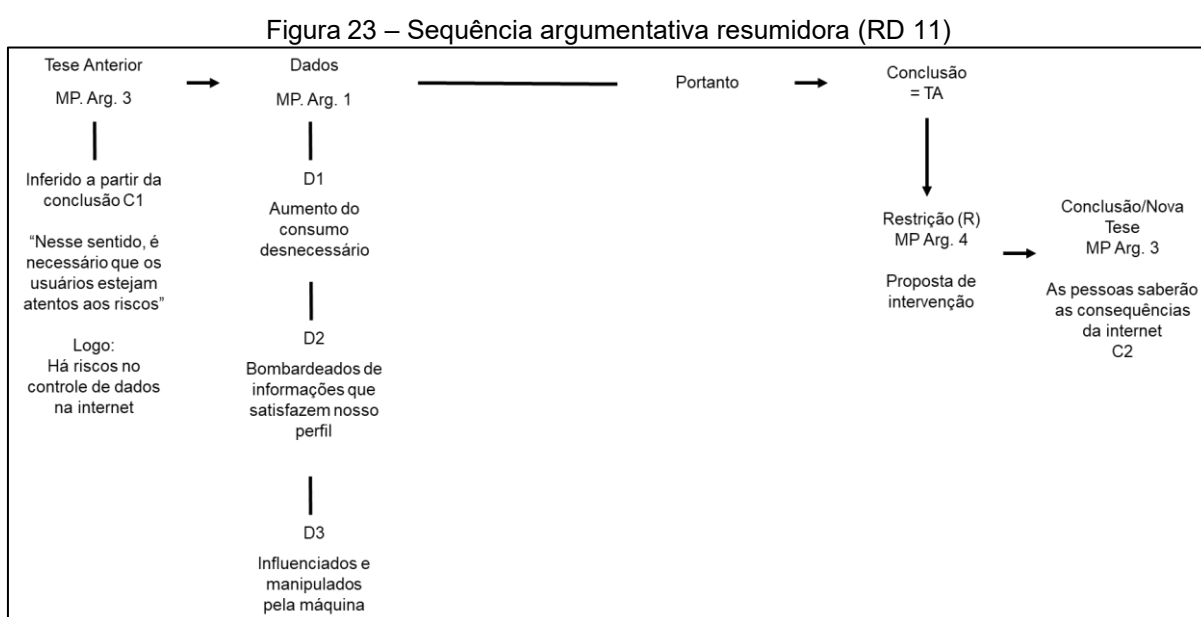
No terceiro parágrafo são apresentados dois dados (MP Arg. 1), cada um também formado por uma sequência argumentativa. No primeiro, há uma informação conhecida pelos usuários da *internet* e redes sociais: é necessário “aceitar seu termo de uso e escrever seu perfil”, o que gera uma conclusão, “são bombardeados de informações [...] as notícias que recebem satisfazem nosso perfil”, deduzindo-se que há também o uso do algoritmo citado no parágrafo anterior da redação também nesses casos para enviar informações que os usuários querem ver. Também nessa sequência não há um suporte legitimado, de acordo com o que exige o Enem, para sustentar o dado apresentado. A segunda MP Arg. 1 desse parágrafo é constituída por um dado retirado dos textos motivadores (“os usuários são 85% jovens”), mas não é citada essa fonte da pesquisa. Além disso, há uma segunda informação que pode ser caracterizada como improdutiva e sem autoridade sobre o assunto, visto que é baseada também no senso comum (“estão em formação do senso crítico”).

A conclusão desse dado se relaciona com a conclusão do dado anterior desse mesmo parágrafo, na qual se lê que as informações são manipuladas pela máquina para que o usuário só receba algumas informações. Mesmo não sendo utilizados suportes legitimados pelo Enem, há ainda uma lógica em seu uso, pois não há falta de coerência. Porém, eles não alcançam uma boa nota por não serem produtivos de acordo com o sistema de correção dessas redações. Nessa última conclusão, também, a autora ainda acrescenta duas informações que não são mais retomadas e nem foram tratadas anteriormente — “é um impulso para as chamadas ‘fake news’ e a ‘bolha ideológica’” —, dois exemplos que não serão trabalhados no texto e não há uma relação clara entre a manipulação e esses outros dois fenômenos. Esses dados estão relacionados com a proposição “um estímulo para o fato de no Brasil”, o que não transmite uma ligação contundente e forte desses dados, deixando para que o leitor, de novo, complete essa ligação a partir de suas inferências e conhecimento de mundo.

Por fim, a conclusão do texto, indicada pelo conectivo ‘por conseguinte’, relaciona-se, num primeiro momento, com a conclusão do parágrafo primeiro, retomando e exemplificando essa conclusão, isso porque para que os “usuários estejam atentos aos riscos” é necessário que haja ações do governo em relação às

empresas e do MEC nas escolas, para o ensino desse tema. Porém, a tese anterior do autor, como visto anteriormente, é inferida dessa primeira conclusão (C1), de que há riscos no uso da *internet* pelo controle de dados, o que é justificado pelos dados apresentados (MP Arg. 1). Ao final, o conector ‘por conseguinte’ parece evidenciar que a conclusão será a mesma que a TA; entretanto é incluído uma restrição, que é a proposta de intervenção para o problema. Assim, a leitura inferida para se chegar a isso é: “por conseguinte, há sim riscos na internet para o usuário, a menos que o governo exija das empresas [...]”. A partir dessa restrição (MP Arg. 4), há uma nova conclusão (MP Arg. 3), de que as pessoas saberão as consequências do controle de dados na *internet*.

Apesar de não apresentar muitos elementos linguísticos de ligação entre os parágrafos e/ou as informações elencadas, nem um suporte produtivo e enriquecido, é possível delimitar as sequências argumentativas, esperadas nesse tipo de texto e gênero (texto misto dissertativo-argumentativo do gênero redação do Enem). Além disso, nota-se um plano de texto pré-formatado (indicativo do gênero), com sequências inseridas, com efeito de dominância da sequência argumentativa resumidora, isto é, o texto é composto por uma sequência argumentativa, na qual em suas macroproposições são encontradas sequências argumentativas inseridas. Por fim, pode-se resumir o texto em uma sequência argumentativa do nível dialógico, com ordem progressiva, conforme Figura 23.

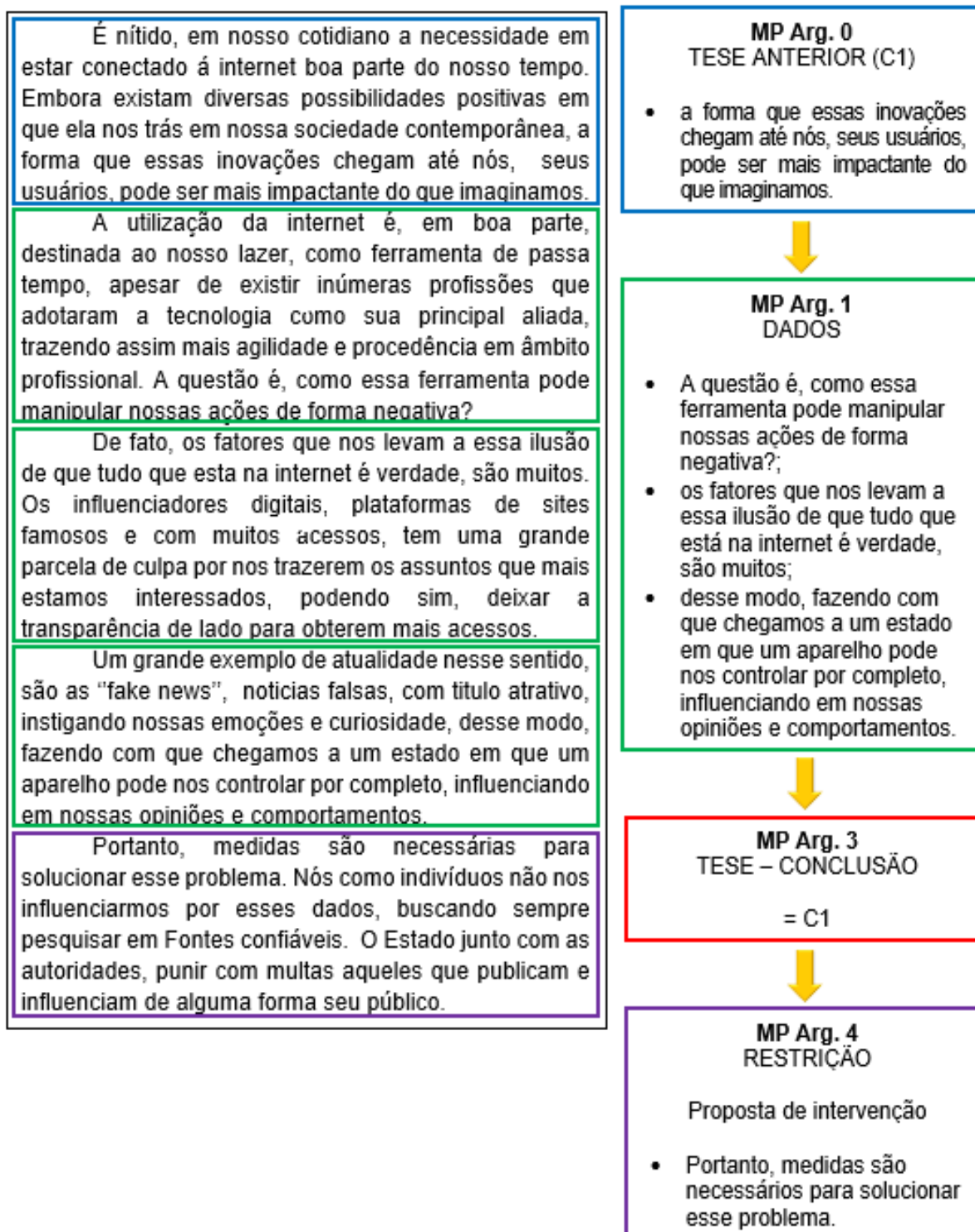


Fonte: Elaborado pela autora.

É interessante que a análise realizada está em conformidade com a correção feita pelo avaliador desse texto, o qual, segundo as competências do Enem, atingiu a nota de 580 pontos, recebendo 120 pontos nas Competências 1, 2, 3 e 4, e 100 pontos na Competência 5. Também há um comentário do avaliador na Competência 3 informando que é preciso “melhorar a discussão dos argumentos”, corroborando o resultado desse estudo de que os argumentos e suporte foram pouco produtivos. Outro comentário foi feito a respeito da Competência 4 sobre rever as expressões utilizadas, levando o autor a reconsiderar o uso dos mecanismos linguísticos usados para a construção da argumentação, em especial os conectores, elemento esse que também foi realçado na análise aqui feita. Essa correção e a pontuação recebida reforçam este estudo, demonstrando que o autor sabe realizar um texto argumentativo, analisando a partir da teoria de Adam (2019) com a presença da sequência argumentativa resumidora, com toda as macroproposições delimitadas. Porém, não o fez de forma satisfatória, que alcançasse a pontuação máxima, comprovado pelas inadequações e insuficiência de informações elencadas na análise e que foram confirmadas pela correção, tanto de elementos linguísticos (como o uso ineficaz dos conectores) quanto de elementos discursivos (aprofundamento dos argumentos, dados e suporte).

Figura 24 – Redação 12 (RD 12)

REDAÇÃO 12

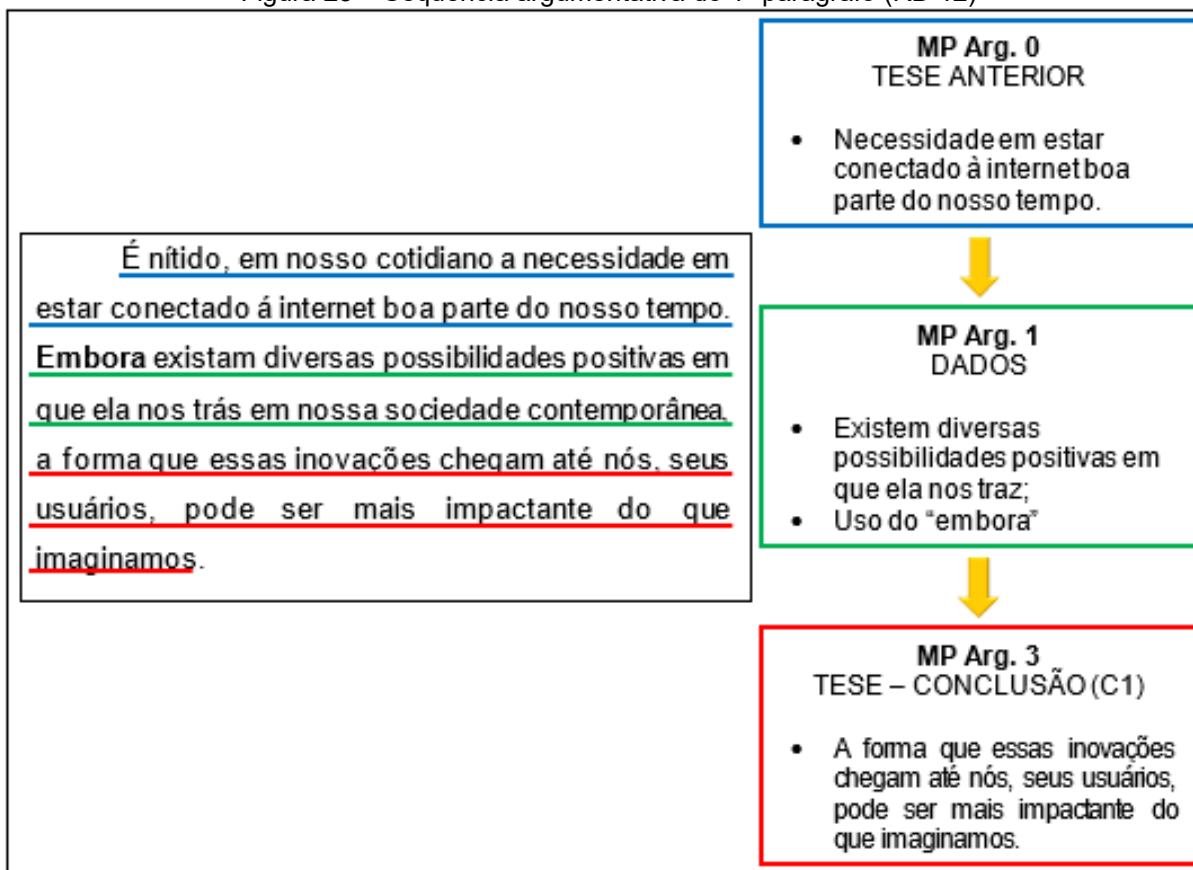


Fonte: elaborado pela autora.

Na RD 12 também foi possível observar a sequência argumentativa. No primeiro parágrafo está a macroproposição MP Arg. 0 (tese anterior), no qual ela apresenta a ideia que será contrastada com uma solução ao final da produção textual.

Para isso, o autor também se valeu da estrutura da sequência argumentativa, ou seja, há uma sequência argumentativa inserida nessa macroproposição, na qual observa-se uma MP Arg. 0 (tese anterior), MP Arg. 1 (dados) e MP Arg. 3 (conclusão), como pode ser observado a seguir.

Figura 25 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 12)



Fonte: Elaborado pela autora.

A MP Arg. 0 dessa sequência está na proposição inicial, em que se afirma ser necessário estar conectado à *internet*, sendo essa sua tese inicial. Para apresentar o dado, é utilizado o conectivo ‘embora’, que tem a ideia de adversidade, isto é, apesar de reconhecer algo bom da necessidade de estar conectado (“diversas possibilidades positivas”), há algo negativo também, que é inferido na conclusão do parágrafo, indo de encontro à tese inicial. Mesmo fazendo essas ligações a partir do uso do conectivo, ainda faltam dados para que as relações fiquem mais claras para o leitor, por exemplo, quais possibilidades positivas? Quais tipos de impactos? São negativos ou positivos a partir de qual ponto de vista? Essas são questões que poderiam ter sido respondidas nessa sequência fortalecendo esse parágrafo como a TA (MP Arg. 0) do texto como um todo (já que dentro da sequência ele tem essa função), podendo se relacionar com

os próximos parágrafos mais diretamente. Outra questão é que o dado apresentado também não apresenta um suporte (MP Arg. 2) produtivo, tornando-se mais uma fala de senso comum ou experiência pessoal do que uma informação comprovada. Isso poderia ser melhorado se esse dado fosse enriquecido com mais informações, não deixando para o leitor definir sua importância nesse trecho, o que diminui sua nota na avaliação final. A conclusão dessa sequência inserida na MP Arg. 0 é a TA que será debatida na redação — sobre o impacto negativo da *internet* na vida das pessoas.

O primeiro parágrafo dessa redação foi a MP Arg. 0, a TA que será utilizada no decorrer do texto. Logo, continuando a análise, os próximos três parágrafos têm a função de MP Arg. 1, os Dados, sendo que cada um é também formado por uma sequência argumentativa. O segundo parágrafo MP Arg. 1/D1 apresenta o primeiro dado, porém ele não traz uma ligação tão forte com a tese, apenas a desenvolvendo um pouco mais, apresentando informações que a complementam. A primeira proposição dessa sequência inserida é um dado — “utilização da internet [...] destinada ao nosso lazer”. Depois outra informação é apresentada, porém é um dado contrastante, uma vez que foi utilizada a expressão ‘apesar de’, um conectivo de oposição. Nesse novo dado, há a informação de que existem profissões que adotaram a tecnologia como aliada, evidenciando que ela não é apenas para o lazer. Um ponto interessante é que, aqui, foi utilizado ‘internet’ e ‘tecnologia’ praticamente como sinônimos. Contudo, essas ligações só ficam claras a partir das inferências e interpretações dos leitores. Para finalizar o parágrafo, há uma conclusão que não parece estar ligada aos dados anteriores, visto que apresentam informações positivas sobre o uso da *internet* e, para concluir, o autor fala de manipulação de forma negativa e não deixa claro como os dados se relacionam a esse final. Pode-se definir que ali ocorre uma conclusão pelo uso da expressão ‘a questão é’, locução que passa ao leitor um efeito de que há um término após os dados apresentados sintetizando-os. Apesar de ter um sentido de término do pensamento, não introduz uma conclusão, mas uma pergunta sobre um possível desfecho. Embora o autor coloque essa pergunta como conclusão dessa sequência, não está clara a ligação com os dados elencados previamente e que dependem quase inteiramente do leitor para fazer as conexões necessárias.

O terceiro parágrafo (MP Arg. 1/D2) se inicia com o conectivo ‘de fato’, procurando fazer uma ligação com o parágrafo anterior, visto que é um conectivo de consequência. Entretanto a informação trazida não aparenta ter forte conexão com a

pergunta a que tenta responder. O autor coloca a expressão ‘essa ilusão’, mas em nenhum momento foi debatido a respeito da ilusão causada pela *internet*, seja positiva ou negativamente. Para além da ligação temática entre os parágrafos, essa proposição inicial pode ter valor de conclusão (MP Arg. 3) dentro dessa macroproposição na qual está inserida. Isso porque é afirmado que há fatores que levam a crer como verídicas as informações que estão na *internet*, e isso é exemplificado com um dado (MP Arg. 1) da proposição seguinte. Na continuação, é ilustrado que páginas e pessoas ativas no ambiente virtual podem não ser inteiramente transparentes com os dados em busca de obter mais visibilidade na rede. A ligação temática com a proposição anterior é mais evidente nesse parágrafo, tanto pelo assunto como pelo uso de palavras que aproximam os seus significados, por exemplo, “ilusão de verdade” e “deixar a transparência de lado”, dando continuidade ao tema.

No quarto parágrafo (MP Arg. 1/D3) também há um dado e uma conclusão para ele, sendo outra sequência argumentativa inserida. Sabe-se que a proposição inicial pode ser considerada um dado devido ao uso da expressão “um grande exemplo”, visto que isso introduz uma ilustração, prevendo-se que a conclusão virá a seguir. Há também um elemento que conecta esse parágrafo com o anterior, o conectivo ‘nesse sentido’, fazendo a ponte entre o exemplo (informação) que será dado com a conclusão anterior (ilusão de verdade). O dado é o uso de *fake news*, que “instiga nossas emoções e curiosidades”, sendo um clássico exemplo de informações que parecem verdadeiras e estão disponíveis na *internet*. A próxima proposição é a conclusão desse dado (MP Arg. 3), iniciada pelo conectivo ‘desse modo’, também conclusivo. Essa conclusão está relacionada ao que foi exposto antes, mas falta um complemento de como isso pode acontecer (nos controlar por completo), deixando novamente para o leitor fazer as inferências. É válido ressaltar que os dados elencados na redação não possuem suporte legitimado ou de autoridade, o que sugere que eles partem mais do senso comum e de vivências pessoais do que de informações embasadas. Sendo assim, não há a macroproposição MP Arg. 2 explícita nessa redação. Contudo, pode-se delimitá-la às inferências que o leitor precisa fazer durante a leitura e interpretação do texto, indo, novamente, de encontro ao que é solicitado pelo Enem. Outro ponto dessa conclusão é o uso de gerúndio, como na redação anterior, também com valor conclusivo, em vez de outros operadores argumentativos que evidenciaríamos o ponto de vista do autor. Essa marca linguística

também é possível observar em outras redações analisadas e oriundas do banco de redações Digitus, como na RD 20 (APÊNDICE L), na qual a conclusão da sequência argumentativa inserida na MP Arg. 1 é indicada pelo uso do gerúndio. Isso parece ser uma técnica bastante utilizada nessas redações que não são nota mil, o que pode demonstrar o pouco domínio sobre os operadores argumentativos para a construção de relações entre as informações apresentadas, porém para confirmar essa prática é necessário um estudo específico, focado nessas ocorrências, o que não este caso.

No último parágrafo estão a conclusão e a restrição, isso porque a conclusão é inferida pelo leitor a partir do uso do conectivo 'portanto', presente no início do parágrafo, retomando a tese inicial de que o impacto da *internet* é maior do que se imagina. Porém, há uma restrição para essa conclusão, isto é, a redação não será finalizada nessa conclusão, mas em uma situação de possível mudança. Logo, apesar de haver um impacto grande, isso pode ser mudado. Nesse ponto é que está a proposta de intervenção do texto e a MP Arg. 4 (Restrição). Essa MP também é formada por uma sequência argumentativa, a qual começa pela conclusão ("medidas são necessárias para solucionar o problema"), para depois apresentar dados que a suportem (atuação dos indivíduos e do Estado). Esse último dado, por estar na proposta de intervenção, é desenvolvido a partir da opinião do autor. No entanto, poderia ter melhor suporte se o autor contemplasse todos os itens solicitados na Competência 5 do Enem para criar a proposta de intervenção¹⁸. Dessa forma, ele apresentaria um dado completo e bem estruturado, evitando lacunas que permitiriam ao leitor questionar algo, sem informações genéricas ou pouco exploradas. A nova tese/conclusão (MP Arg. 3) dessa restrição é inferida pelo leitor ("com isso, o usuário perceberia melhor esse impacto e poderia reagir a isso"). Contudo, caso o efeito da proposta de intervenção estivesse presente, esse movimento de inferência não seria necessário, pois os espaços vagos referentes ao tema já estariam preenchidos. Por exemplo, na RD 15 (APÊNDICE H), o participante detalha o efeito da proposta, o que explicita a nova conclusão a partir da restrição apresentada, o que fica claro pelo uso

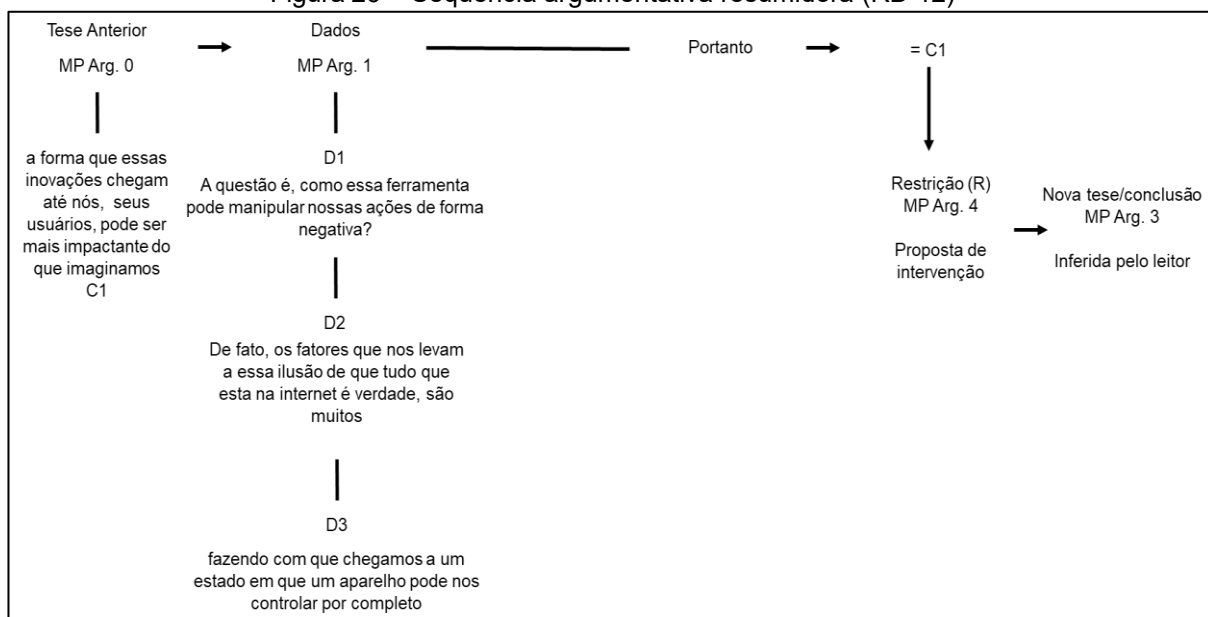
¹⁸ Como visto no capítulo anterior, a Competência 5 abrange a proposta de intervenção. Para que o candidato atinja a nota máxima, é necessário que essa proposta seja detalhada, relacionada ao tema e articulada à discussão que foi desenvolvida no decorrer do texto. Para a sua elaboração, é sugerido que se responda a cinco perguntas norteadoras, construindo assim uma proposta muito bem elaborada, concreta e consistente, são elas: O que é a proposta de intervenção? Quem deve executá-la? Como viabilizar essa proposta? Qual efeito ela pode alcançar? Qual outra informação pode ser acrescentada para detalhar a proposta?

do conectivo 'então'. Esse movimento não ocorre neste texto; por isso, é necessário maior participação da banca de correção na interpretação da redação.

Para finalizar a análise da RD 12, é mister ressaltar que, a despeito do uso de conectivos no decorrer do texto, somente esse elemento linguístico não é capaz de suprir as ligações necessárias entre as proposições e macroproposições, dependendo em muito das inferências e conhecimento do leitor. Um item que corrobora essa análise é a pontuação recebida na correção desse texto, alcançando 460 pontos no total. Na Competência 4, por exemplo, a nota foi 100 pontos, indicando a carência de operadores argumentativos para a construção da argumentação, o que prejudica a leitura e interpretação do texto. Nas Competências 2 e 3 também foi aplicado 100 pontos para cada, devido à baixa mobilização de diferentes áreas do conhecimento e a insuficiência de argumentos, demonstrando a falta de repertório produtivo e legitimado, validando, assim, a dificuldade em analisar e delimitar suporte legitimado para os dados apresentados, sendo necessário que o leitor faça as inferências e tome que verdade as informações, porém essa ação não é bem vista nesse texto, o que leva a nota do participante a ser baixa.

Apesar dessas questões levantadas e confirmadas pelo corretor dessa redação, foi possível encontrar as sequências argumentativas esperadas para esse tipo de texto e o plano pré-formatado de estrutura desse gênero, da mesma forma que a redação anterior, também com sequências inseridas e com o mesmo efeito de dominância da sequência argumentativa resumidora, sendo do nível dialógico, visto que há a contra-argumentação, presente pela MP Arg. 4, com ordem progressiva. Da mesma forma que a redação anterior, a MP Arg. 2 (suporte) é definida pelas inferências que o leitor faz no decorrer do texto, não tendo assim um suporte produtivo, de acordo com as normas do Enem. A sequência argumentativa resumidora é mais bem observada na Figura 26.

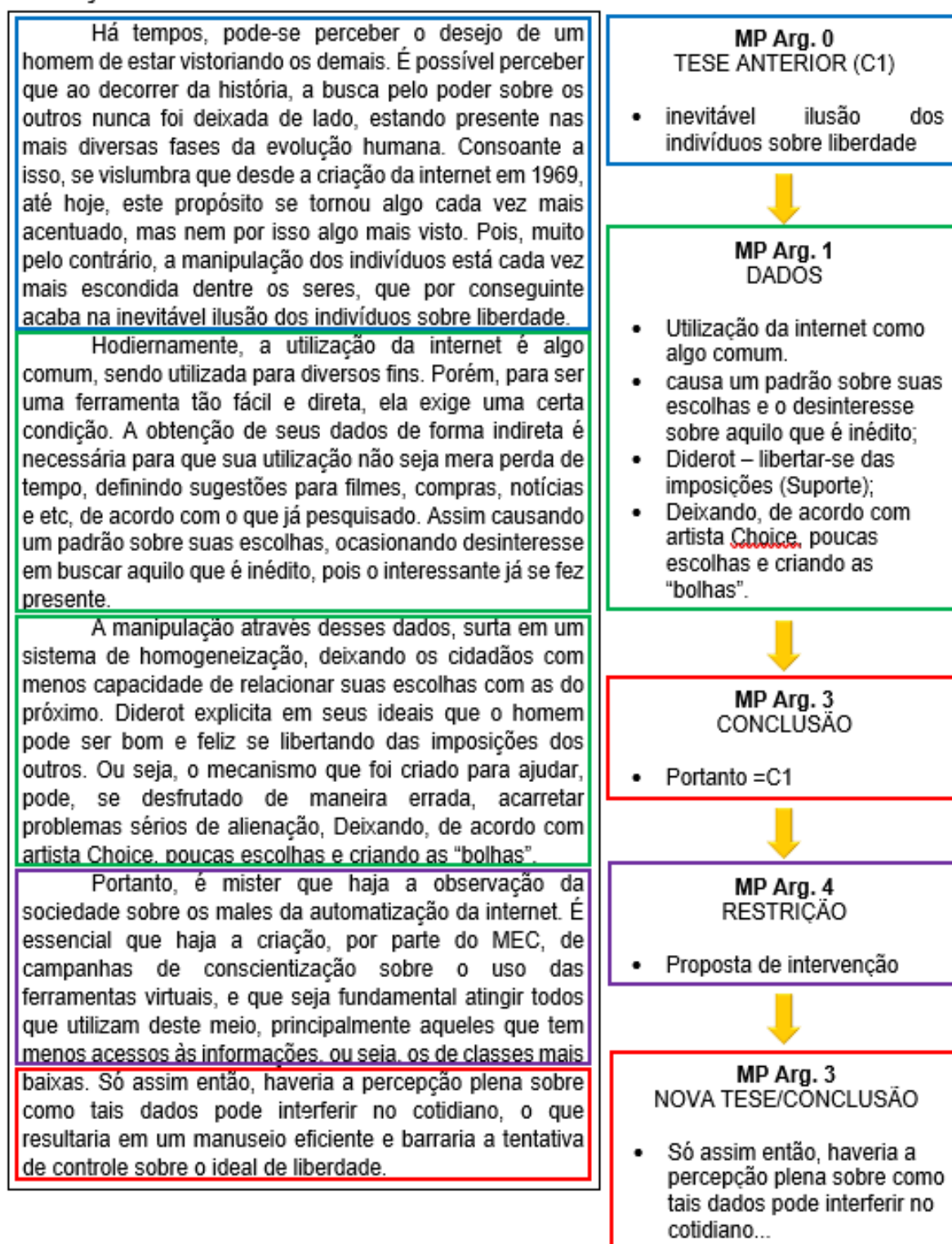
Figura 26 – Sequência argumentativa resumidora (RD 12)



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 27 – Redação 14 (RD 14)

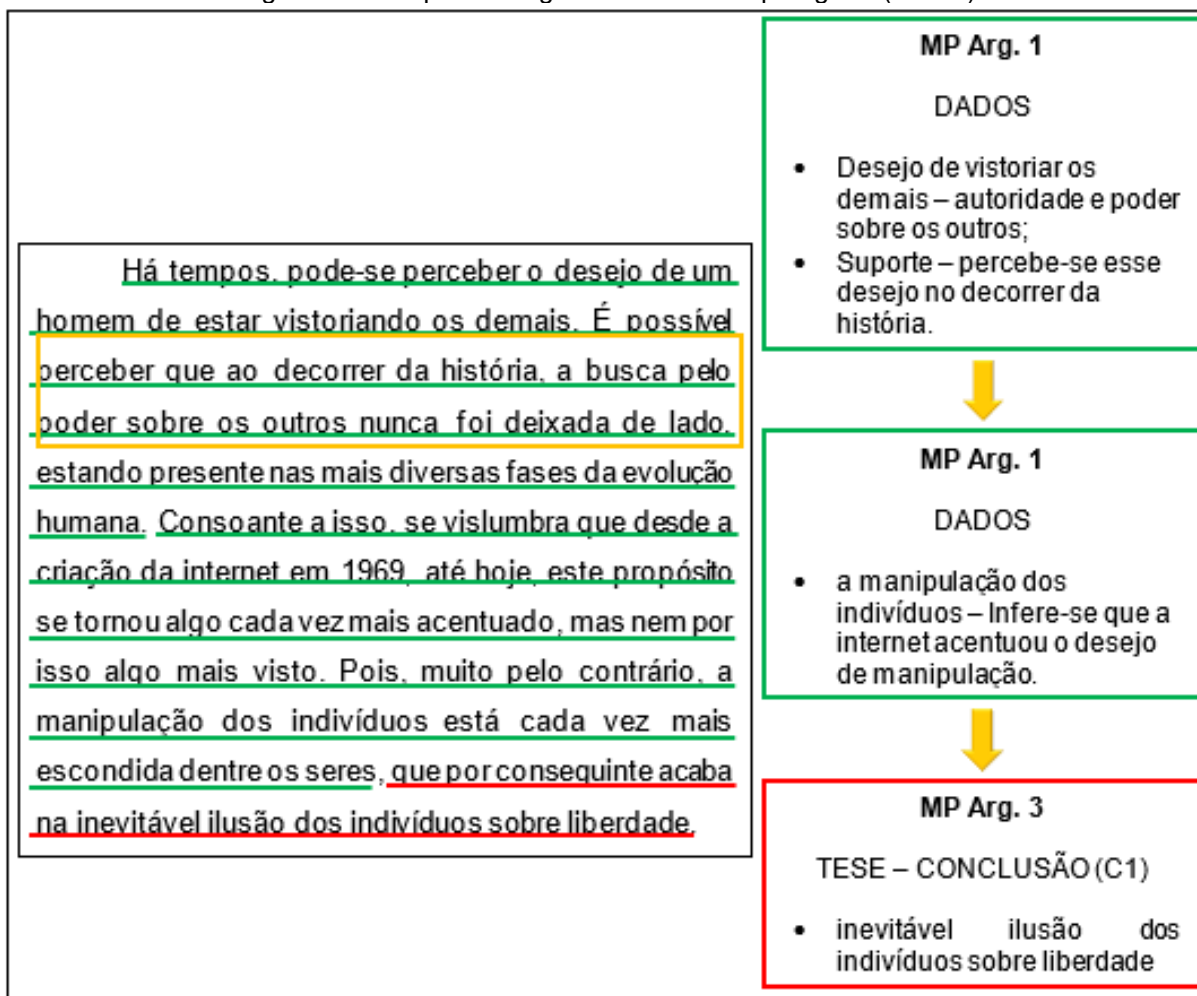
REDAÇÃO 14



Fonte: elaborado pela autora.

Na RD 14 também há sequências argumentativas. A partir a teoria de Adam (2019), interpreta-se que o primeiro parágrafo é a MP Arg. 0, formado por uma sequência inserida do nível justificativo, como pode ser visto a seguir.

Figura 28 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 14)



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse primeiro parágrafo a primeira proposição tem valor de dado, uma informação apresentada ao leitor, seguida de outro dado que tem valor de suporte, pois forma uma base histórica para o leitor tomar a primeira proposição como verdade. A partir da expressão ‘consoante a isso’, um novo dado é introduzido – uma informação que se relaciona com o dado anterior. Esse novo dado também é baseado em um suporte com valor histórico, que introduz a informação, porém, dentro dele, há uma informação que o contradiz, a partir do conectivo ‘mas’, em seguida há uma explicação para isso, apresentada pelo conectivo ‘pois’, indicando a informação principal desse dado. Seguido a isso, tem-se a conclusão indicada pela expressão “que por conseguinte”, na qual a palavra ‘que’ deveria ser a expressão ‘o que’, evidenciando uma síntese a partir das informações prévias, e o conectivo ‘por

consequente' com valor conclusivo. A partir dessa conclusão, temos a TA: há uma falsa sensação de liberdade na internet, uma ilusão como descrito pelo participante.

Um ponto interessante nesse parágrafo é o uso de modalizadores que constroem o discurso, como as expressões “pode-se perceber” e “é possível perceber”, modalizações epistêmicas do eixo do saber/crer, daquilo que é plausível. Mais à frente, há outra modalização que indica o ponto de vista do autor, “muito pelo contrário”, no qual há o advérbio de intensidade ‘muito’. E, no final do parágrafo, há outra aparição explícita do ponto de vista do autor a partir do uso do adjetivo “inevitável”, o qual demonstra o comprometimento do autor com o ponto de vista assumido: não há como impedir essa ilusão de liberdade; deixando claro sua tese. Os modalizadores são muito importantes na construção do texto e da argumentação, demonstrando o ponto de vista do autor, alguns de forma mais explícita que outros, mostrando maior ou menor adesão do autor ao texto. Logo, seu uso é um modo de argumentar, de se posicionar frente à tese exposta. Adam (2019, p. 161), sobre isso, afirma que esses conectores indicam “um ponto de vista enunciativo e um grau de comprometimento do locutor (L) com relação às enunciações atribuídas diretamente ou não aos enunciadores”, ou seja, esses modalizadores aproximam ou afastam o autor das informações apresentadas e da sua tese. Dessa forma, modalizadores como ‘possivelmente’ distanciam o autor da informação apresentada, diferentemente de ‘com certeza’ que indica o ponto de vista assumido a partir daquela informação. Na RD 13 (APÊNDICE G), por exemplo, há esse mesmo uso de modalizadores no primeiro parágrafo, por meio do adjetivo ‘inegável’ e do advérbio ‘extremamente’. Esse ponto de vista assumido pelo autor leva o leitor a tomar como verdade a asserção, sem questionar.

Continuando a análise da redação, o segundo parágrafo se refere à MP Arg. 1 (Dados), formado por uma sequência argumentativa dialógica. A primeira proposição é um dado baseado no senso comum. Logo depois, há outro dado introduzido pelo conectivo ‘porém’, introduzindo uma oposição, algo contrário à informação prévia. Apesar do uso do conectivo, não há uma relação clara de oposição entre as informações utilizadas, visto que a primeira informação trata o uso da internet como normal, e a segunda é sobre o controle de dados para manipular o que se compra. A despeito disso, o autor pontua sua conclusão por meio do uso do conector ‘assim’, bem como pelo uso do gerúndio em ‘causando’ e ‘ocasionando’. Dessa forma, o

participante apresenta como conclusão uma consequência da manipulação citada no segundo dado, mas não tem uma ligação clara com o primeiro dado desse parágrafo.

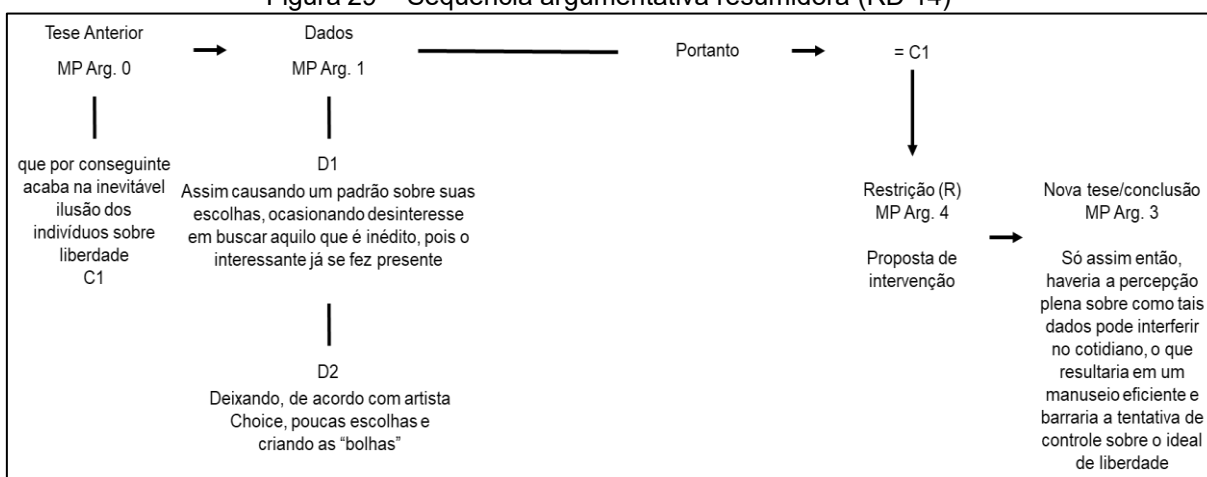
O terceiro parágrafo tem uma sequência argumentativa justificativa, sendo uma outra MP Arg. 1. A primeira proposição dessa sequência se relaciona com o parágrafo anterior por meio da expressão “desses dados”, retomando o controle e manipulação dos dados. A segunda proposição insere um dado baseado em um suporte legitimado, trazendo ideias do filósofo Diderot, e se aprofundando nessa ideia pelo uso da expressão ‘ou seja’. Embora seja um bom repertório, com autoridade, não há uma relação explícita feita pelo participante entre o conceito do teórico citado e sua afirmação posterior, logo não foi um repertório produtivo, apesar de ser legitimado, podendo impactar a sua nota nessa competência. Uma das recomendações da Competência 2 que consta na Cartilha do Participante (BRASIL, 2019, p. 13) é não deixar informações soltas no texto, isso porque, “por mais variadas e interessantes que sejam, perdem sua relevância quando não associadas à defesa do ponto de vista desenvolvido no texto”, logo não basta ser legitimado e ter autoridade, o dado citado precisa estar em uma relação produtiva com o texto. Por fim, a conclusão é inserida pelo gerúndio ‘deixando’ e pela inclusão de outro suporte, mais uma vez não produtivo, visto que não há uma ligação óbvia com a proposição posterior (“poucas escolhas e criando ‘bolhas’”), assim como o termo ‘bolhas’ não tem relação com o suporte citado e nem se relaciona com as informações anteriores, dependendo em muito das inferências do leitor para interpretação.

A partir dessas duas MP Arg. 1, a conclusão seria igual a tese manifestada no primeiro parágrafo (Portanto = C1). No entanto, há uma restrição (MP Arg. 4) no início desse parágrafo, sendo a proposta de intervenção defendida para resolver o problema da tese C1. Ao final, há a nova tese/conclusão a partir da proposta de intervenção sugerida, iniciada pela expressão “só assim então”, na qual o participante utiliza o “só assim” para retomar a restrição, enfatizando que somente com aquelas ações será possível chegar à conclusão, e o ‘então’, para marcar a conclusão, tentando evidenciar que é possível evitar a sua TA, que no começo do texto o autor definiu como inevitável.

Embora haja alguns suportes legitimados e alguns modalizadores argumentativos, é perceptível a necessidade de que esses elementos sejam usados de forma produtiva para que alcancem boas notas na correção. O uso do gerúndio também impacta essa nota, visto que aponta para a carência de conectivos na

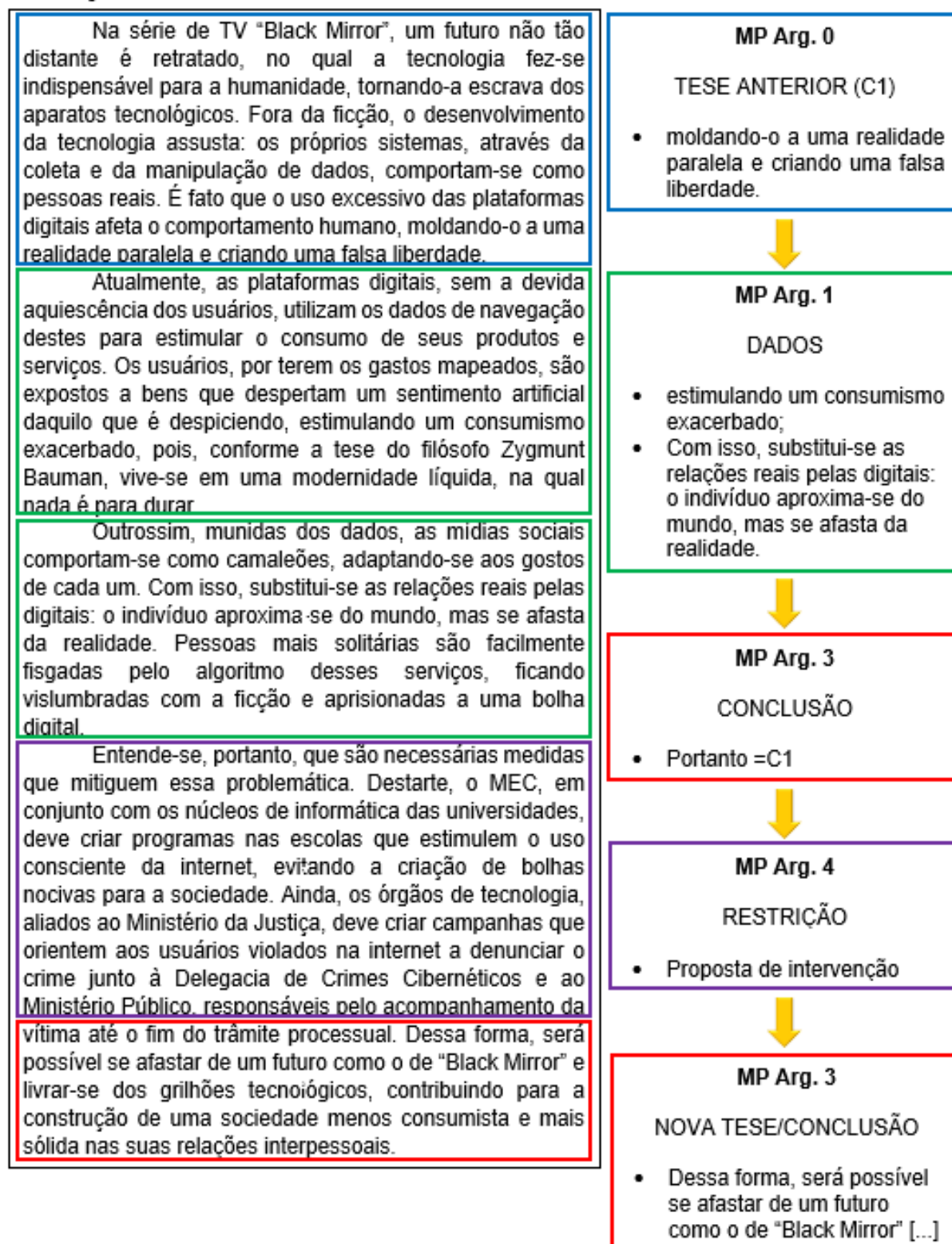
construção da argumentação. A RD 14 alcançou 640 pontos, sendo 120 nas Competências 1, 2 e 3, e 140 nas Competências 4 e 5, alcançando a pontuação média em todas as competências. Apesar disso, o corretor deixou vários comentários referentes ao uso do repertório, sugerindo trazer mais áreas do conhecimento para a discussão, fazendo ligações com o ponto de vista defendido. Outro comentário importante é para que os assuntos sejam mais bem explicados, de forma clara e direta, relacionando-se, assim, com os pontos desta análise. Por fim, foi possível delimitar a sequência argumentativa principal e as inseridas, bem como definir a sequência argumentativa resumidora (FIGURA 29), evidenciando que esse texto está no nível dialógico, de ordem progressiva.

Figura 29 – Sequência argumentativa resumidora (RD 14)



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 30 – Redação 18 (RD 18)

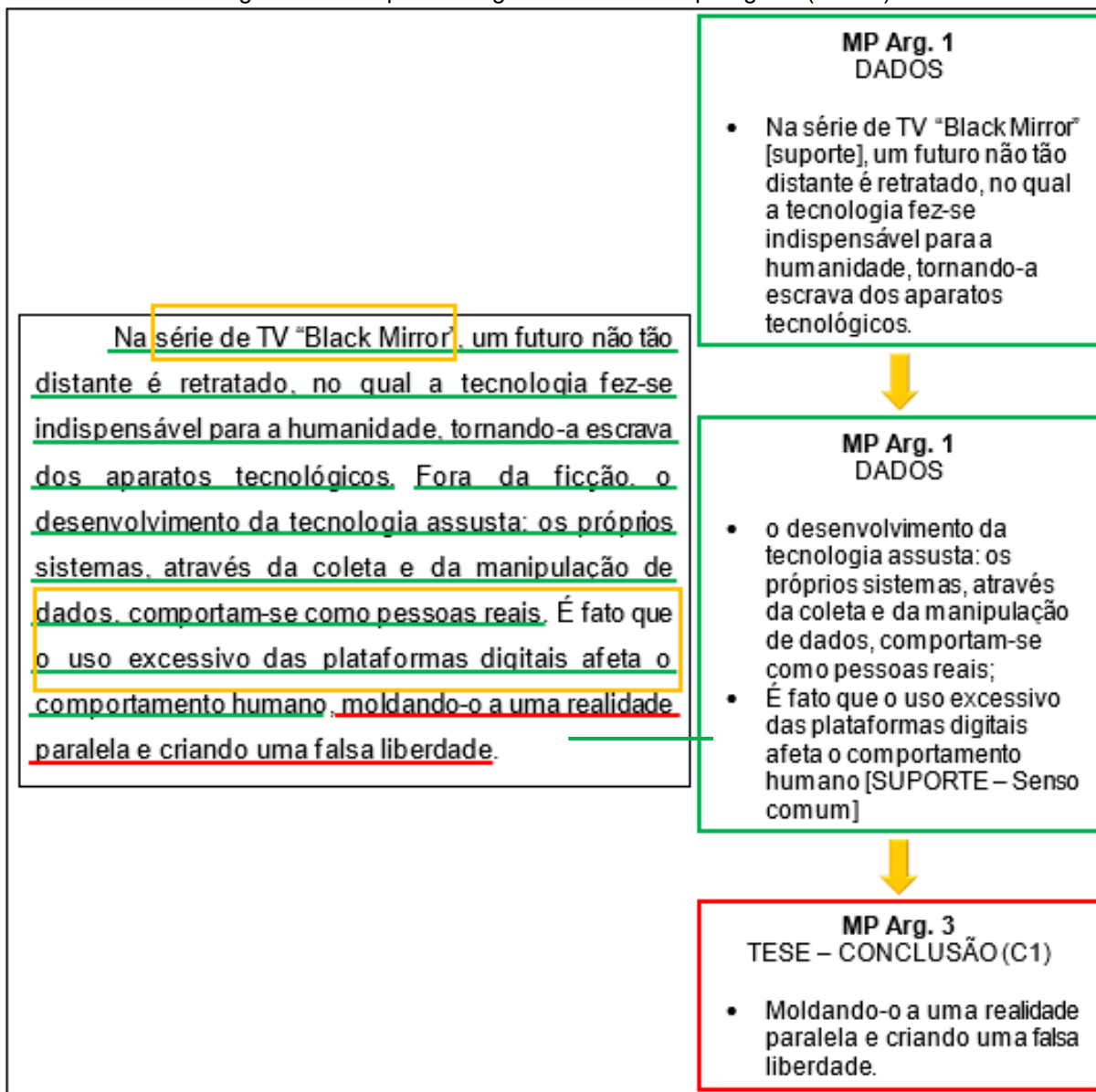
REDAÇÃO 18

Fonte: elaborado pela autora.

A última redação analisada de forma detalhada é a RD 18, na qual delimitamos a sequência argumentativa principal e as inseridas. Nessa sequência principal, o

primeiro parágrafo tem a função de MP Arg. 0, no qual se encontra a TA. Ele é composto por uma sequência inserida de nível justificativo (FIGURA 31).

Figura 31 – Sequência argumentativa do 1º parágrafo (RD 18)



Fonte: elaborado pela autora.

Essa sequência é formada pelo primeiro dado, o qual tem como suporte um programa televisivo bem conhecido na mídia, o autor do texto apresenta um pequeno resumo do que se trata essa série, indicando o que será discutido. O segundo dado possui relação com o primeiro a partir da expressão "Fora da ficção", trazendo o leitor para a realidade e dando a entender que é algo relacionado ao assunto do programa, projetando uma comparação entre o que acontece na realidade com os

acontecimentos da série. Ainda que seja citado que o desenvolvimento da tecnologia pode assustar o ser humano, ao final da proposição é comparado que os sistemas se comportam como pessoas reais, o que aproxima o homem da tecnologia, porém não é dada nenhuma explicação sobre essa representação, tornando-a uma informação um pouco vaga, exigindo que o leitor procure várias conexões para encontrar um sentido. Como suporte (MP Arg. 2) a essa informação, o candidato utiliza o senso comum, mas o apresenta como verdade por intermédio da expressão 'é fato', levando o leitor a ter essa informação como verdadeira, inquestionável. Dentro do universo do texto e pela forma que está se construindo a sequência, essa proposição se caracteriza como suporte. No entanto, utilizando como base o universo de normas do Enem, esse não é um suporte com muita autoridade, o que pode influenciar na nota final da redação. Esse mesmo procedimento acontece na RD 16 (APÊNDICE I), na qual o autor utiliza a mesma expressão 'É fato' para introduzir uma informação do senso comum, levando o leitor a assumir tais dados como verdadeiros, ainda que sem suporte legitimado. A conclusão é feita a partir do gerúndio, indicando as consequências da última informação. A partir dela o leitor infere a tese que será trabalhada: a *internet* pode escravizar os usuários; fazendo assim um paralelo entre as duas afirmações.

No segundo parágrafo está a MP Arg. 1 formando uma sequência argumentativa justificativa, na qual encontramos os dados, a conclusão e, numa ordem invertida, o suporte. A primeira proposição traz uma afirmação sem suporte que a legitime, sendo baseado apenas no conhecimento superficial e no consenso da maioria sobre plataformas digitais, declarando que elas estimulam o consumo a partir da manipulação de dados. O segundo dado é, praticamente, uma consequência da primeira afirmação, já que por intermédio daquela os usuários são expostos a produtos que desencadeiam um sentimento de necessidade. Seguindo para a conclusão da MP – “[portanto,] estimulando um consumo exacerbado” – também iniciada pelo gerúndio com valor conclusivo, como observado em diversas outras redações. Após a conclusão, há a inserção do conectivo 'pois', que apresenta o suporte (MP Arg. 2) para esses dados a partir da tese do filósofo Zygmunt Bauman, que proclama que nada dura na sociedade em que vivemos. Esse suporte está legitimando a ideia do segundo dado e da conclusão, e poderia ter aparecido antes da conclusão, se outro conector tivesse sido escolhido, porém o conector utilizado leva a uma estrutura argumentativa regressiva, na qual a conclusão vem primeiro e

esse dado com valor de suporte vem a seguir. Esse repertório selecionado é legitimado e tem um caráter de autoridade para o Enem, tendo sido usado de forma correta. Contudo, poderia ter sido mais bem explorado, tornando-o mais produtivo, a favor do desenvolvimento da argumentação, incrementando, assim, a nota.

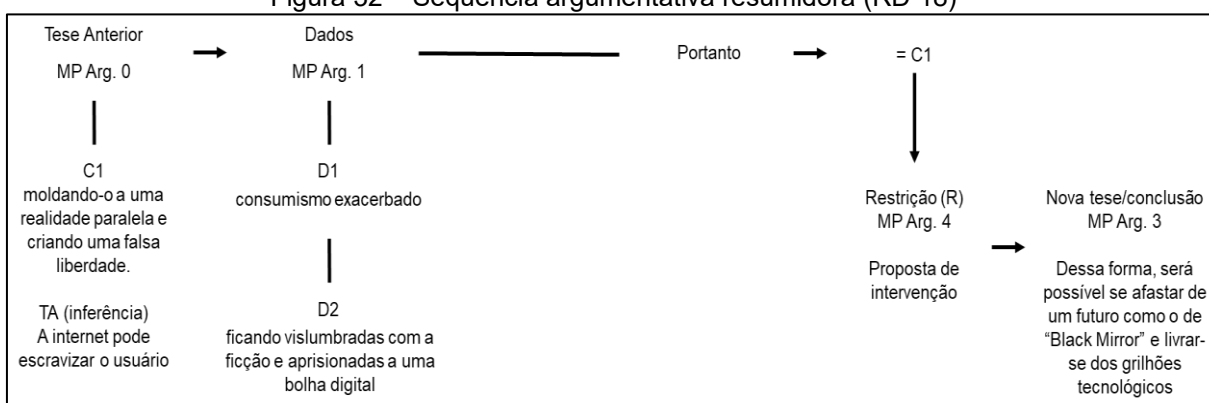
O terceiro parágrafo apresenta o segundo dado (MP Arg.1), a partir de uma sequência justificativa. A primeira proposição é um dado, iniciado pelo conectivo 'outrossim', trazendo uma relação com o parágrafo anterior, isto é, continuará a tratar das plataformas digitais, indo além dos produtos oferecidos, mas afirmando que elas se adaptam aos gostos dos usuários, de forma geral. Logo depois aparece a conclusão dessa afirmação, por meio do conectivo 'com isso', apresentando a consequência dessa adaptação para o usuário: ele fica cada vez mais distante da realidade e mais ligado ao mundo virtual. Ainda que o conectivo seja conclusivo, essa proposição tem valor de dado, acrescentando uma informação. A próxima proposição é um terceiro dado acerca dessa consequência/conclusão, com a qual é delimitado um grupo de pessoas com quem isso mais acontece ("pessoas mais solitárias"). Há também um advérbio modalizador que indica o comprometimento do autor com essa afirmação — 'facilmente' — o que sugere que essa é uma situação comum e de conhecimento de todos. Apesar desses traços específicos, não há um suporte legitimado pelo Enem, contando apenas com um saber compartilhado que valide essas informações. Por último, há a conclusão dessas informações, também indicado pelo uso do gerúndio 'ficando'. Entretanto, nessa conclusão, há a inserção da expressão "bolha digital", termo que ainda não tinha sido citado, submetendo sua interpretação às inferências e conhecimento de mundo do leitor.

O último parágrafo dá a entender que está se encaminhando para a conclusão, retomando a tese inicial a partir do "entende-se, portanto". No entanto, é apresentada uma restrição (MP Arg. 4) para a primeira tese, por intermédio da proposta de intervenção para o problema abordado. Ao final, há a nova tese/conclusão (MP Arg. 3), quando o candidato detalha o efeito de sua proposta de intervenção, evidenciando os aspectos que serão melhorados. É interessante que nessa nova tese é retomado um dado inicial, a série *Black Mirror*, para se afastar da primeira tese, caminhando em direção à mudança, à nova conclusão, sem os "grilhões tecnológicos", o que também reforça a TA inferida no início do texto.

Apesar dos pontos positivos vistos no texto, há ainda uma carência no desenvolvimento dos dados e no uso dos conectivos, em alguns momentos bem

usados, e em outros substituídos por gerúndio, enfraquecendo a argumentação e afastando-se do real ponto de vista do autor. Isso fica evidente na conclusão C1, que apresenta os assuntos que serão tratados nos parágrafos seguintes, mas sem esclarecer a TA, dependendo das inferências e interpretação do leitor. Das redações analisadas nesta pesquisa, a RD 8 foi a que tinha alcançado a nota mais alta, somando 760 pontos, 160 pontos nas Competências 1, 2 e 5, e 140 pontos nas demais. Foi sugerido pelo corretor que alguns trechos deveriam ser mais bem desenvolvidos e explicados, o que corrobora esta análise. Outro comentário do corretor que merece ser citado é que essa redação teria potencial para alcançar nota 1000, porém há pontos a serem corrigidos em cada competência, visto que nenhuma alcançou a nota máxima, evidenciando a importância de atender todos os aspectos do texto, tanto linguísticos como discursivos. Essa redação apesar de ter várias sequências argumentativas justificativas inseridas, tem como sua sequência principal e resumidora (FIGURA 32) a sequência argumentativa de nível dialógico, isso pela TA implícita no parágrafo primeiro e pela proposta de intervenção com valor de restrição ao final (MP Arg. 4).

Figura 32 – Sequência argumentativa resumidora (RD 18)



Fonte: elaborado pela autora.

4.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO: REVISITANDO A TRAJETÓRIA

Ao final das análises, percebe-se que é possível encontrar sequências argumentativas conforme teorizado por Adam (2019) tanto nos textos nota 1000 como naqueles que não alcançariam essa nota (pertencentes ao banco Digitus). Porém há mais dificuldade em determinar algumas MP, especialmente das sequências inseridas, nas redações retiradas do banco, visto que há pontos negativos em relação

à construção do texto que interferem na interpretação, como, por exemplo, a dificuldade em ligar elementos e partes do texto e a falta da MP Arg. 2 (suporte) legitimada e produtiva para validar as informações apresentadas, de acordo com o que é solicitado pelo Enem, contando na maioria das vezes com o saber compartilhado pelo leitor, de senso comum. Nota-se, com isso, no *corpus* analisado, que há uma defasagem no entendimento do que é um repertório produtivo e legitimado para o Enem, como solicitado na Competência 2, influenciando a construção dos argumentos, o que pode, por consequência, achatar a nota.

Essa é uma diferença bem clara entre os dois tipos de redações analisadas e um tópico presente nos comentários dos corretores das redações do banco Digitus. Adam (2019) afirma que é necessário escolher bem os dados utilizados em uma argumentação e que isso é significativo para que se atinja o objetivo, visto que “o fato de uma argumentação visar sempre a um auditório ou a um público específico explica a importância dessa escolha” (ADAM, 2019, p. 151). Logo, a dificuldade em trazer um repertório que atenda satisfatoriamente as exigências do Enem demonstra que o candidato não fez uma boa escolha de argumentos em relação ao público a que se destina: a banca de correção do Enem. Isso significa que em muitas redações há dados que são considerados argumentos e suportes, porém não são suficientes para as exigências dessa redação. Além disso, Adam (2019, p. 151) também declara que “para convencer um interlocutor, é preciso colocá-lo em posição tal que ele se encontre na impossibilidade de recusar os enunciados propostos”, logo, trazer um repertório sem suporte legitimado, como é esperado nas redações do Enem, abre caminho para o corretor não concordar com a informação apresentada, enfraquecendo o argumento e, por conseguinte, a argumentação.

Ainda nesse sentido, um aspecto que ficou evidente nas redações do banco foi a falta de explicações e aprofundamento dos assuntos e argumentos citados, item que também apareceu nos comentários dos corretores, o que dificulta ao leitor fazer as relações necessárias à argumentação e ao objetivo do texto. Isso acontece, por exemplo, na RD 12, na qual, no primeiro parágrafo, há informações sobre o tema que, de forma genérica, estão relacionadas ao assunto, mas não está exposto qual a tese assumida pelo autor, ou como aquilo está relacionado com uma eventual tese inferida pelo leitor do texto. A RD 19 é outro exemplo em que isso acontece, em que no segundo parágrafo não fica claro a relação entre o excesso de exposição a produtos

na *internet* e o consumo, faltando explicar melhor as informações citadas, evidenciando uma relação mais forte e clara entre os dados.

Esse ponto está diretamente ligado à Competência 3, que trata do desenvolvimento dos argumentos, das relações de sentido e da progressão temática. Além disso, está relacionado ao que Adam chama de plano de texto, pois evidencia que não há um projeto de texto evidente, um plano previamente elaborado pelo candidato a respeito do caminho a ser seguido na redação para defender o seu ponto de vista, ficando comprometida a coerência do texto, visto que há informações que não foram bem explicadas, assuntos que não estão com relações bem estabelecidas, conferindo ao leitor, no caso aqui à banca de correção, a tarefa de inferir essas associações.

Diferentemente disso, nas redações nota mil há um plano de texto claro, desde o começo já se sabe o assunto a ser discutido e quais serão os aspectos abordados. Como é possível observar, por exemplo, na RD 8, em que o candidato já apresentou os temas que serão tratados: “influência nos hábitos de consumo e nas convicções pessoais dos usuários”. Cada um desses temas é trabalhado nos parágrafos seguintes, o que proporciona uma continuidade ao texto, a progressão temática esperada na Competência 3.

Outro item também importante para a delimitação das sequências e leitura do texto é o uso adequado dos operadores argumentativos, como conectivos e modalizadores, uma exigência dessa redação. Esses elementos foram negligenciados nos textos do banco Digitus, provocando uma dificuldade de leitura e compreensão, assim como torna difícil ao autor expressar claramente o que deseja defender ou contestar, isso pode ser visto nos erros de ortografia e pontuação, coesão e coerência, como também pelo grande uso do gerúndio com valor conclusivo em proposições que deveriam conter conectivos para aumentar a força argumentativa. Já as modalizações aparecem, especialmente, para motivar um suporte para os dados, deixando, assim, transparecer o comprometimento dos autores com aquela informação e, também, o seu ponto de vista, na tentativa de convencer o leitor sobre aquele dado. Apesar de estarem presentes no texto, espera-se um domínio maior desses operadores para essas redações, auxiliando a progressão e a argumentação, como pode ser visto nas redações nota mil, em que há conectores que promovem as relações entre parágrafos (RD 2) e conectores conclusivos com pouco uso do gerúndio (RD 7). O uso dos operadores argumentativos é conferido na Competência 4, na qual espera-se que

esses operadores promovam o encadeamento textual, conectando ideias dentro dos parágrafos e entre eles. Sem o uso dessas marcas linguísticas, ou com o uso incorreto, a compreensão do texto é prejudicada, refletindo diretamente na nota obtida nessa competência, como é o caso da RD 11, analisada anteriormente, e a dificuldade em definir a TA do texto pelo uso inadequado do conectivo.

Por fim, em relação à estrutura do texto, as propostas de intervenção pouco detalhadas das redações do banco não atendem aos critérios de correção da banca de corretores do Enem, necessária a esse gênero, o que também é um ponto prejudicial durante a análise e as interpretações dessas redações. Isso porque, caso as propostas atendessem aos itens identificados para a correção, não existiriam lacunas a serem preenchidas, conquistando assim a adesão da banca, sem necessitar que ela complete espaços com sua imaginação, conhecimento ou informações externas. Isso também ocorre com propostas que não contenham o efeito das sugestões descritas e, por isso, não apresentam a nova tese/conclusão, deixando, novamente, a cargo do leitor inferir essas conclusões. Logo, essas propostas que não atendem satisfatoriamente os itens exigidos na correção da Competência 5, não são consideradas propostas concretas e consistentes, visto que possuem pontos vagos em seu detalhamento, de forma que não alcançam a nota máxima nessa competência.

A Competência 1 refere-se ao domínio da norma culta da língua na modalidade escrita. Mesmo sendo um item de grande importância, não impactou diretamente na análise quanto às sequências argumentativas. Porém percebe-se que vários textos do banco Digitus apresentam problemas e inadequações relativos à modalidade escrita formal da língua portuguesa. Isso influencia também a nota final do estudante, visto que, como não apresenta excelente domínio nesse quesito, não alcança a nota máxima nessa competência, tornando-se inviável a conquista da nota mil.

Diante do panorama apresentado na análise das sequências argumentativas, observa-se que os textos do banco de redações não alcançam o domínio desejado em nenhuma competência do Enem, por isso não obteriam a nota máxima, a nota mil. Dentre as redações analisadas, a que teve a nota mais alta foi a RD 18. A partir de um estudo detalhado, pode-se observar pontos positivos, como o uso de repertório legitimado e boa proposta de intervenção, porém os pontos que precisam melhorar são o uso de conectores e o encadeamento entre os dados, com mais explicações e detalhamento das informações levantadas. Felizmente, a pontuação obtida nessa redação vai ao encontro da análise, pois as notas mais baixas foram nas

competências que englobam esses itens (3 e 4), recebendo 140 pontos em cada uma. Sua nota final foi 760. A RD 12, ao contrário, foi uma das notas mais baixas, alcançando 460 pontos. No comentário do avaliador, há vários itens que foram citados aqui, como: não mobilizou um repertório produtivo e legitimado, que fosse além da área de conhecimento abordado; carência de explicação dos argumentos (dados); problemas com a norma culta da língua e com o uso de conectivos, o que dificulta a leitura e interpretação. Esses são itens caros à correção do Enem, bem como para delimitações das sequências, evidenciando que os elementos linguísticos são tão importantes quanto os discursivos nas análises realizadas e na correção do Enem.

Encaminhando-se para o fim, é importante destacar que todos os textos analisados possuíam sequências argumentativas, como esperado por serem textos dissertativo-argumentativos, e que elas se materializam no interior desses textos de forma parecida. Como pode-se observar, as sequências argumentativas resumidoras foram todas do nível dialógico (ou contra-argumentativo), especialmente em virtude da proposta de intervenção exigida nesse gênero, que adiciona uma restrição a tese anterior discutida. Já as sequências inseridas nas MP foram tanto de nível dialógico como justificativo, dependendo das escolhas argumentativas do autor, como pode ser visto na análise. Contudo, de forma geral, as redações de nota mil, em sua maioria, utilizam a sequência de nível dialógico no primeiro parágrafo (60% — 6 redações), já nas do banco Digitus, 50% (5 redações) optaram pelo nível dialógico e 50% pelo nível justificativo para esse parágrafo inicial. Já nos parágrafos condizentes com a MP Arg. 1 (Dados), há um grande uso de sequências de nível justificativo, tanto nas notas mil como nas que não alcançariam essa nota, evidenciando o ponto de vista do autor em justificar o seu argumento. Logo, elas atendem ao protótipo de sequência argumentativa proposto por Adam (2019), apresentando as MP postuladas por ele.

Interessante também é que, por ser um texto altamente monitorado, com competências específicas de análise, não há espaços para mudanças no plano de texto, sendo constatado a mesma estrutura nas duas categorias analisadas. As grandes diferenças entre elas é que as redações nota mil possuem um encadeamento de proposições e sequências mais evidentes, tanto pela temática como pelo uso de elementos linguísticos, o que demonstra um plano de texto estratégico, diferentemente das redações do banco Digitus, que dependem, em grande parte, das inferências do leitor para a interpretação do texto devido à escassez de operadores argumentativos e relações entre os assuntos abordados, revelando que o plano de

texto não foi bem delimitado. As redações de nota mil também possuem um repertório legitimado e produtivo, sendo possível encontrar, pelo menos, dois exemplos do repertório de acordo com o que é solicitado no Enem, e uma proposta de redação concreta, que atende aos critérios de correção da prova. O mesmo não acontece nas redações do banco, que não possuem suporte exigido pelo Enem, ou se possuem não é produtivo. Das dez redações analisadas, apenas duas (20% – RD 15 e RD 18) possuíam repertório legitimado e mesmo assim não utilizado de forma produtiva como esperado. Há nelas também carência de explicações e relações entre as informações, além de propostas de intervenções pouco detalhadas e genéricas, o que enfraquece a argumentação e impacta diretamente a nota final.

Finalizando a análise, o Quadro 9 a seguir apresenta resumidamente os dados encontrados sobre a comparação entre as redações do banco Digitus e as redações de nota mil.

Quadro 9 – Considerações sobre as análises

	REDAÇÕES NOTA MIL	REDAÇÕES BANCO DIGITUS
Sequência resumidora	Argumentativa de nível dialógico.	Argumentativa de nível dialógico.
Sequências inseridas	Há dos dois níveis (justificativo e dialógico).	Há dos dois níveis (justificativo e dialógico).
Ordem da sequência	Progressiva.	Progressiva.
MP Arg. 0 (TA)	Há uma MP Arg. 0 clara, com as macroproposições bem definidas e que deixa bem visível qual a tese anterior do texto.	Nem sempre a MP Arg. 0 é clara em suas macroproposições, o que torna difícil inferir a tese anterior, como na RD 1.
MP Arg. 1 (Dados)	Há a MP Arg. 1 em todas as redações analisadas e que estão relacionadas ao texto tanto em sua temática quanto por elementos linguísticos coesivos.	Há a MP Arg. 1 em todos os textos, no entanto, muitas vezes, é necessário um esforço para relacionar as informações citadas com a tese que está sendo abordada ou com as outras informações dentro da macroproposição, tendo carência de elementos linguísticos de coesão, bem como de aprofundamento dos dados para melhor encadeá-los entre si.
MP Arg. 2 (suporte)	Em todas as redações analisadas há, no mínimo, um suporte legitimado e com uso produtivo para as informações apresentadas.	Em todas as redações há pelo menos um suporte, porém, em quase todas (80%), ele não é legitimado ou usado de forma produtiva, como solicita o Enem. Muitas vezes esse suporte são informações baseadas no senso comum, o que enfraquece a argumentação e impacta na nota.
MP Arg. 4 (restrição)	Todas as redações possuem uma proposta de intervenção que assume o papel de Restrição para a Tese Anterior, e que, a partir dela, uma	Todas as redações possuem a MP Arg. 4 como sendo a proposta de intervenção, porém ela não atende a todos os requisitos do Enem,

	nova conclusão poderá ser apresentada. Essa proposta atende a todos os critérios de correção do Enem.	necessitando de detalhamento para que alcance a nota máxima e se mostre, de fato, viável.
MP Arg. 3 (conclusão)	Todas as redações possuem uma MP Arg. 3 bem definida, especialmente pelo uso de conectivos de conclusão.	Em alguns textos a MP Arg. 3 deve ser inferida pelo leitor, não estando clara na redação.
Operadores argumentativos	Uso de: Conectivos conclusivos; Conetivos de adição (encadeamento entre parágrafos); Uso do futuro com caráter preditivo.	Uso de: Poucos conectivos conclusivos; Poucos conectivos de adição; Gerúndios; Modalizações.
Plano de texto	Percebe-se um plano de texto estratégico, bem definido, que relaciona as informações apresentadas de forma consistente e bem-organizada. Demonstra, assim, a coesão, a coerência e a progressão temática esperada nessas redações.	Não se percebe um plano de texto estratégico, pois, muitas vezes, não há uma organização e relação clara das informações apresentadas, seja pela temática ou pela carência de operadores argumentativos que auxiliem essa ação. Isso impacta na progressão do texto e evidencia a fragilidade dos encadeamentos sequenciais argumentativos.

Fonte: elaborado pela autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FIM DA JORNADA?

Ao chegar ao final desta pesquisa, é importante lembrar seu início, para garantir que tudo o que foi discutido até esse ponto seja devidamente compreendido e relacionado entre si. Portanto, cabe trazer à tona o objetivo principal deste estudo, o qual é: analisar a materialização da sequência argumentativa proposta por Adam (2019) em textos modelo redação do Enem, buscando identificar como elas se apresentam, ou seja, como são estruturadas no decorrer do texto. Esse objetivo foi definido a partir de alguns questionamentos em relação à teoria proposta por Adam (2019) para análise de texto, em especial quanto ao conceito da sequência argumentativa. Diante disso, a pergunta que desencadeou o objetivo e, por conseguinte, esta dissertação, foi: como essas sequências são estruturadas no interior do texto, isto é, qual a ordem que essa estrutura aparece?

Esse objetivo foi traçado com o intuito de conhecer os aspectos composicionais e linguísticos que marcam a construção da argumentação, comprovando, assim, se ela está assentada em esquemas argumentativos relativamente estáveis, em seu nível textual de análise, conforme preconizado por Adam (2019). Para chegar ao destino pretendido, alguns passos foram necessários, como a definição de hipóteses para a pesquisa. As três hipóteses elencadas no início do trabalho foram comprovadas na análise.

A primeira, quanto à sequência resumidora, foi comprovada. Em todas as redações do banco Digitus e das nota mil, a sequência resumidora foi a sequência argumentativa, conforme esperado, de nível dialógico com ordem progressiva (da MP Arg. 0 para a MP Arg. 3). Acredita-se que essa contra-argumentação marcadas nas redações ocorra tendo em vista a necessidade de elaborar uma proposta de intervenção, conforme os critérios da prova, para solucionar o problema abordado, isto é, ao final do texto é preciso inserir uma restrição (MP Arg. 4) para a tese anterior, algo que transforme (ou resolva) a tese, dando esse caráter contra-argumentativo ao texto. Essa situação revela, também, outro aspecto das sequências no *corpus* estudado, a proposta de intervenção sempre é uma restrição. Ela assume o papel de restrição para a tese anterior, atribuindo uma nova conclusão/tese ao texto. Isso ocorre porque o estudante, ao dar uma possível solução para o problema, admite que

se isso o que ele sugeriu não for realizado o problema perdurará, materializando, assim, a ideia do “a menos que” citada por Adam como característica da restrição.

A segunda hipótese, quanto aos textos mais bem avaliados, também foi comprovada, visto que as redações nota mil possuíam todas as macroproposições esperadas em uma sequência argumentativa, especialmente a de nível dialógico (resumidora), de forma clara, organizada, com encadeamentos argumentativos precisos. Isso é perceptível quando analisados os operadores argumentativos utilizados para a coesão do texto. Nas redações do banco Digitus, percebeu-se uma carência desses elementos, aspecto que dificulta os movimentos argumentativos que relacionam as proposições, prejudicando a definição das macroproposições. As sequências, conforme Adam (2019), são uma estrutura relacional, isto é, que se relacionam umas com as outras, bem como as suas macroproposições, em que cada uma “toma seu próprio significado apenas em relação a outras macroproposições” (ADAM, 2019, p. 46). Logo, se os elementos que promovem essa relação não são utilizados da forma correta ou faltam, a tarefa de indicar onde começa e termina uma macroproposição e qual a sua função dentro da sequência (dado, suporte, restrição...) fica comprometida. Isso não ocorreu com as redações nota mil, nas quais foi possível definir com facilidade as sequências e suas macroproposições.

A terceira hipótese, a qual presumia que textos que obtiveram notas baixas eram compostos por sequências argumentativas incompletas (ou seja, com macroproposições faltantes ou indefinidas) ou por sequências que não consigam ser determinadas como argumentativa, também foi atestada, ao menos de forma parcial. Ela está relacionada, também, ao resultado da hipótese anterior. Porém, aqui, pode-se citar, por exemplo, a MP Arg. 2, que foi encontrada, de maneira bem defendida, em todas as redações nota mil, de forma legitimada e produtiva, de acordo com as normas do Enem, no mínimo em duas ocasiões no decorrer dos textos. Diferentemente das redações do banco Digitus, das quais algumas possuíam essa macroproposição, mas não era da forma como é solicitado pelo exame (um repertório legitimado e produtivo), algumas possuíam suporte legitimado, mas não produtivo, e, por fim, outras não traziam essa posição explícita no texto, dependendo das inferências e interpretações do leitor. Esse cenário nos leva a assumir que esses textos possuem sequências incompletas. No entanto, mesmo considerando essa macroproposição faltante ou difícil de ser definida, em todos os textos foi possível determinar as sequências argumentativas. Dessa forma, a segunda parte dessa hipótese não se comprovou.

Outro passo importante para se chegar ao objetivo foi o levantamento teórico realizado. Foi importante evocar conceitos essenciais que embasam os estudos, como a teoria de gênero de Bakhtin (2016), da qual Adam (2019) parte para adentrar a análise textual e discursiva dos textos, e conceitos de linguagem, língua, escrita, como também de técnica e tecnologia, já que, neste trabalho, considera-se a escrita como uma tecnologia, uma ferramenta utilizada pelo homem que não é natural a ele, mas exige uma técnica para ser feita, pode ser apreendida e é aperfeiçoada com a prática (COULMAS, 2014; POE, 2011). Também foi feito um levantamento sobre o gênero Redação do Enem, trazendo os critérios estabelecidos para esse texto e o que é corrigido pela banca. Além disso, foi realizada uma síntese da teoria de Adam sobre a sequência argumentativa, sobre a visão do autor quanto aos gêneros e sobre o nível em que esta pesquisa se encaixa em sua tese, isto é, se enquadra no nível N5 de análise textual, o que trata da estrutura composicional do texto, ou seja, suas sequências e o plano de texto.

Um conceito importante trazido à discussão foi o de tecnologia cognitiva (TC) de Dascal (2004). Essa ideia é valiosa, visto que, a partir das análises, pode-se considerar as sequências como tecnologias cognitivas que os participantes ativam no momento de produção da redação. Isso porque, os dois modelos de redações analisadas seguem uma mesma estrutura argumentativa, sendo possível destacar as sequências argumentativas, com suas macroproposições e regularidades. Nas redações de nota mil, por exemplo, a estrutura é praticamente igual em todas elas, diferindo, por exemplo, o conteúdo dos argumentos, mas a estrutura da MP Arg. 0 e o conectivo de início do segundo e terceiro parágrafo, são muito parecidos. Nas redações do banco Digitus, a estrutura principal é a mesma, apesar das inadequações quanto ao uso dos organizadores argumentativos, coerência e coesão. Isso evidencia que o participante tenta se aproximar de uma estrutura principal.

Dessa forma, essa estrutura de sequência pode ser considerada uma ferramenta tecnológica cognitiva (DASCAL, 2004), que os estudantes se apropriam para elaborar suas redações, mesmo sem ter total clareza a respeito de que o que eles estão reproduzindo é uma sequência argumentativa pré-formatada. De acordo com os estudos de Dascal (2004), pode-se dizer que Adam (2019) estrutura uma ferramenta tecnológica cognitiva de análise que, quando aplicada aos textos aqui observados, demonstram que essa estrutura se repete, como visto, logo é um produto tecnológico que auxilia em processos cognitivos (organizar, estruturar, planejar,

escolher argumentos, construir o texto), os quais, provavelmente, foram apreendidos mais “por impregnação cultural (pela leitura, pela escuta e pela produção), e transformados em esquemas de conhecimento e de estruturação da informação textual” (ADAM, 2019, p. 46).

No decorrer da pesquisa, alguns questionamentos foram levantados, à medida que a compreensão da teoria e do gênero escolhido foram se aprofundando, perguntas como: o suporte está presente em todas as redações? Há elementos linguísticos que podem indicar uma macroproposição? Essas questões são relevantes para auxiliar na interpretação dos dados da análise. Por exemplo, na análise foi observado que na nova tese/conclusão, normalmente, é utilizado o tempo verbal de futuro nos textos nota mil, considerados prototípicos do gênero; entre as redações do banco Digitus, apenas quatro redações tinham o tempo verbal no futuro em sua MP Arg. 3. Também foi constatado que há no início de cada parágrafo dos dados (MP Arg. 1) um conectivo de adição que faz o encadeamento entre os dois parágrafos, como por exemplo, “em primeiro lugar [...] em segundo lugar”, “em primeira análise [...] ademais”, “em primeiro plano [...] sob outro prisma”. Já entre as redações do banco Digitus, apenas quatro redações possuíam um conectivo de adição no início dos dados (MP Arg. 1), sendo que três delas usaram o conectivo “além disso” e uma usou “outrossim”, evidenciando, além da carência desse elemento, a falta de variedade linguística.

A teoria de Adam foi publicada, primeiramente, em 1992. Daquele tempo em diante, muitas pesquisas ao redor do mundo foram realizadas sobre o tema. Porém, pesquisas sobre as sequências textuais de Adam (2019), acerca da teoria revisitada pelo pesquisador e publicada em 2019 aqui no Brasil, não são tão rotineiras em nosso país. Logo, é possível se questionar se ao elaborar a prova de redação do Enem, o responsável pelo seu projeto teve também como base o conceito de sequência argumentativa, dada a grande proximidade dos aspectos a serem corrigidos com as macroproposições elencadas pelo teórico. Um exemplo é a MP Arg. 4 (Restrição), presença obrigatória em todas as redações, pois, caso não existisse, a tese anterior não seria transformada, não haveria mudança no cenário do texto.

Apesar dessa situação do desenvolvimento da prova ser apenas uma conjectura, é fato que a sequência está presente nesses textos de base argumentativa, como mostrou Adam (2019) com seus exemplos em sua obra, e como ficou claro nesta pesquisa. Isso indica que entender essa ferramenta de análise

pesquisada pelo teórico é um passo considerável se, em algum momento, for possível levar esse conhecimento para sala de aula.

Didatizando esse conhecimento para o professor, pode ser possível habilitá-lo ainda mais a entender os problemas dos textos de seus alunos de modo preciso, perceber com mais exatidão quais as dificuldades ou o que falta para que esse aluno consiga produzir um texto nota mil, por exemplo. Destacar em aulas ou em materiais didáticos como pode ser formada um parágrafo com a tese anterior de forma mais detalhada: ele pode ser em um nível justificativo, com dados que suportem a conclusão, com conectivos que indiquem essa relação de continuação, proximidade; ou ele pode ser dialógico, no qual a uma informação e uma contra-argumentação para essa informação, a qual gerará uma conclusão, na qual estará a tese e já fará ligações com os próximos parágrafo, nele também serão usados conectivos de oposição e de conclusão, indicando que aquela segunda informação é um contra-argumento.

Engana-se quem pensa que o ensino da redação, como é feito hoje, esteja errado. Porém, os números apontam que há necessidade de uma melhora, de uma evolução. No Enem de 2020, apenas 28 redações, dos mais de 2,7 milhões de participantes, alcançaram nota mil. Já no Enem de 2019, foram 53 redações nota mil entre mais de 3,9 milhões de candidatos. No Enem 2018, do qual foram retiradas as redações aqui analisadas, somente 55 tiveram a nota máxima, dos mais de 4 milhões de participantes. Diferentemente da quantidade baixa de redações que receberam a nota 1000, foram quase 90000 redações que zeraram a prova no Enem de 2020 (CAMPOS, 2021).

Esses dados são um forte impulso para cada vez mais dotar pesquisadores e professores com essa ferramenta de análise e compreensão do texto, para que esse conhecimento chegue a quem precisa. Uma das competências gerais da educação básica presente na Base Nacional Comum Curricular, a BNCC (2018, p. 9) é

valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Isso demonstra que é essencial dotar também o estudante para que ele tenha o conhecimento necessário para construir esse texto argumentativo, tendo a oportunidade de usá-lo não só nessa situação. Isso porque, por a redação do Enem

ser um texto altamente monitorado, o aluno poderá aprender aspectos específicos de argumentação, como o exemplo acima da elaboração da tese anterior. Contudo, poderá replicar esses esquemas argumentativos aprendidos em várias outras atividades comunicativas, pois estará capacitado a usar essas estratégias. O que é testificado por Adam (2019, p. 23) quando diz que “nas tarefas, tanto de compreensão quanto de produção, o conhecimento de esquemas prototípicos apenas dota intérpretes e produtores de um conjunto de estratégias de resolução de problemas”, sendo escolha do aluno utilizar ou não esse conhecimento.

Diante desse panorama, este trabalho se destaca por abordar, de forma introdutória, um aspecto importante na construção do texto, sua estrutura mesotextual, na qual se encontram as sequências. No entanto, não exaure as possibilidades de estudo que esse tema proporciona, bem como não defende que apenas esse aspecto componha o gênero e deva ser estudado, mas ele é um dos complementos que formam o texto, sendo tão importante quanto as outras variáveis, ou, como esmiuçou Adam (2019), como todos os outros patamares de análise. Isso porque, o “papel da linguística textual é explorar e teorizar esse nível intermediário (mesotextual) de estruturação, sem negligenciar o jogo complexo de restrições intrafrásticas, interfrásticas e transfrásticas, discursivas e genéricas” (ADAM, 2019, p. 22).

Desse modo, há ainda muito a ser investigado, no próprio nível N5 aqui abordado, em trabalhos com enfoque em cada macroproposição ou, exclusivamente, no plano de texto. Podem ser realizadas complementares com os outros níveis de análise, tanto na esfera textual quanto discursiva. É possível aprofundar o objeto aqui analisado, analisando as técnicas argumentativas, os tipos de argumentos e a orientação argumentativa. Essas possibilidades de análise podem ser realizadas utilizando o mesmo gênero deste estudo ou em outros gêneros com base argumentativa. Por fim, é possível explorar as outras sequências teorizadas por Adam (2019), individualmente ou em conjunto com a sequência argumentativa, por exemplo, verificar se aquela macroproposição e suas proposições que assume o papel de Dado (MP Arg. 1) possuem um outro tipo de sequência inserida. Todas essas possíveis análises dependem da visão e motivação do pesquisador, e são muitas.

Como pode-se perceber, o campo de estudo é vasto e, apesar do interesse em ter abordado mais elementos de análise, as condições em que esta pesquisa foi realizada não permitiram. Porém, é sempre a aspiração do pesquisador continuar o seu trabalho, não sendo este, então, o fim da jornada. Por enquanto, resta mencionar

que a pesquisa cumpriu o seu propósito em analisar a materialização da sequência argumentativa em textos do gênero redação do Enem, observando a sua estrutura composicional e organizacional em textos nota mil e textos com notas mais baixas. Conclui-se, finalmente, que as sequências se assemelham em sua estrutura genérica (macroproposições e plano de texto), mas diferem nos aspectos que compõem essas macroproposições, aspectos esses que estão diretamente relacionados com as competências de correção do Enem, o que pode indicar um caminho que auxiliará no avanço do ensino desse gênero.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **Textos**: tipos e protótipos. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.
- ALARCÃO, Isabel. “Dilemas” do jovem investigador: dos “dilemas” aos problemas. *In*: COSTA, Antonio Pedro; SOUZA, Dayse Neri de; SOUZA, Francislê Neri de (Orgs.). **Investigação qualitativa**: inovação, dilemas e desafios. Aveiro: Ludomedia, 2014.
- ANTUNES, Irlandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.
- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. (Coleção Repertórios).
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, pós-fácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Trad. Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri; Revisão Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Nacional: Editora da USP, 1976.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1988. (p. 284-292)
- BERKER, Thomas *et al.* **Domestication of media and technology**. London, UK: McGraw-Hill Education, 2005.
- BERTUCCI, Roberlei Alves. Análise do argumento por definição em redações do Enem. **Acta Scientiarum**, *Language and Cultures*, v. 43 e54423, 2021a. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/54423/751375152258>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- BERTUCCI, Roberlei Alves. Propriedades linguísticas da redação do Enem: uma análise computacional. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 999-1032, 2021b. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/17417>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- BRASIL. INEP. **Enem**: histórico. S.d. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem/historico>. Acesso em: 15 jul. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 07 jul. 2021.

BRASIL. INEP. **Cartilha do participante**: a redação no Enem 2019. Brasília, DF: Inep/MEC, 2019a. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem_2019_cartilha_participante.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

BRASIL. INEP. **Enem 2019**: caderno 1 azul. 1º dia. Brasília, DF: Inep/MEC, 2019b. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2019/caderno_de_questoes_1_dia_caderno_1_azul_aplicacao_regular.pdf. Acesso em: 4 nov. 2020.

BRASIL. INEP. **Enem Redações 2019**: competência 2. Brasília, DF: Inep/MEC, 2019c.

BRASIL. INEP. **Enem Redações 2019**: competência 3. Brasília, DF: Inep/MEC, 2019d.

BRASIL. INEP. **Enem Redações 2019**: competência 4. Brasília, DF: Inep/MEC, 2019e.

BRASIL. INEP. **Enem Redações 2019**: competência 5. Brasília, DF: Inep/MEC, 2019f.

BRONCKART, Jean-Paul. **Activités langagières, textes e discours**. Lausanne, Paris: Delachaus et Niestlé, 1997.

CAMPOS, Lorraine V. Enem 2020 teve apenas 28 redações nota mil. **Brasil Escola Notícias**, 30 mar. 2021. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/enem/enem-2020-teve-apenas-28-redacoes-nota-mil/349733.html>. Acesso em: 07 jul. 2021.

CANTARIN, Márcio; BERTUCCI, Roberlei; ALMEIDA, Rogério Caetano. A análise do texto dissertativo-argumentativo. *In*: GARCEZ, L. H.; CORRÊA, V. R. Corrêa (Orgs.). **Textos dissertativo-argumentativos**: subsídios para a qualificação de avaliadores. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017. p. 81-91.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CATELÃO, Evandro de Melo; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Plano pré-formatado para um gênero. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 3, p. 399-417, set./dez. 2017.

CEREJA, William. Significação e tema. *In*: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201-220.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 4 ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CORBARI, Alcione Tereza. O processamento cognitivo na leitura de uma prova de redação do Enem. **Cadernos do IL**, Estudos Linguísticos, n. 61, p. 131-160, set. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/103003>. Acesso em: 4 nov. 2020.

COROA, Maria Luiza. O texto dissertativo-argumentativo. *In*: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche (Orgs.). **Textos dissertativo-argumentativos**: subsídios para a qualificação de avaliadores. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017.

COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia**: um convite. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

DASCAL, Marcelo. Language as a cognitive technology. *In*: GORAYSKA, Barbara; MEY, Jacob L. (Eds.). **Cognition and technology**: co-existence, convergence, and co-evolution. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins Pub., 2004. Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://www.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/papers/i-jct-rv.htm&sa=D&ust=1604517021909000&usg=AOvVaw32aQeBozPGFd1e6roUI-6I>. Acesso em: 4 nov. 2020.

DENZIN, Norman K.; LINCON, Yvonna. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed. 2003.

GOFFI, Jean-Yves. **La philosophie de la technique**. 2. ed. Paris: PUF, 1996.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Série Ofício de Arte e Forma).

KINTSCH, Walter. *Text representation*. *In*: OTTO, W.; WHITE, S. (Eds.). **Reading expository material**. New York: Academic Press, 1982. p. 87-102.

KLEIBER, Georges. **La sémantique du prototype**. Categories et sens lexical. Paris: Press Universitaires de France, 1990.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M^a. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

OLIVEIRA, Flávia Cristina C. de. **Um estudo sobre a caracterização do gênero redação do Enem**. 2016. 167p. Tese (Doutorado) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

POE, Marshall T. **A history of communications**: media and society from the evolution of speech to the Internet. New York: Cambridge University Press, 2011.

POSSENTI, Sírio. Argumentar. *In*: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche (Orgs.). **Textos dissertativo-argumentativos**: subsídios para a qualificação de avaliadores. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017.

RIBEIRO, Josélia. **A sequência argumentativa e as categorias de argumentos no texto escolar nos níveis de ensino fundamental e médio**. 2012. 197p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

VAN DIJK, Teun A. **Some aspects of text grammars**. The Hague: Mouton, 1972.

VAN DIJK, Teun A. **Tekstwetenschap**. Utrecht: Spectrum, 1978.

VARGAS, Milton. Prefácio. *In*: GRISPUN, Mirian P. S. Z. (Org.). **Educação tecnológica**: desafios e perspectivas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VERASZTO, Estéfano Vizconde; *et al.* Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma.com**, n. 7, p. 60-85, 2008.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

WERLICH, Egon. **Typologie der texte**. Heidelberg: Quelle und Meyer, 1975.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. Curitiba: Ibpex, 2010.

WOLF, Marianne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.

APÊNDICE A – REDAÇÃO 2

“Black Mirror” é uma série americana que retrata a influência da tecnologia no cotidiano de uma sociedade futura. Em um de seus episódios, é apresentado um dispositivo que atua como uma babá eletrônica mais desenvolvida, capaz de selecionar as imagens e sons que os indivíduos poderiam vivenciar. Não distante da ficção, nos dias atuais, existem algoritmos especiais ligados em filtrar informações de acordo com a atividade “online” do cidadão. Por isso, torna-se necessário o debate acerca da manipulação comportamental do usuário pelo controle de dados na internet.

Primeiramente, é notável que o acesso a esse meio de comunicação ocorre de maneira, cada vez mais, precoce. Segundo pesquisa divulgada pelo IBGE, no ano de 2011, apenas 35% dos entrevistados, que apresentavam idade igual ou superior a 10 anos, nunca haviam utilizado a internet. Isso acontece porque desde cedo a criança tem contato com aparelhos tecnológicos que necessitam da disponibilidade de uma rede de navegação, que memoriza cada passo que esse jovem indivíduo dá para traçar um perfil de interesse dele e, assim, fornecer assuntos e produtos que tendem a agradar ao usuário. Dessa forma, o uso da internet torna-se uma imposição viciosa para relações sócio-econômicas.

Em segundo lugar, o ser humano perde sua capacidade de escolha. Conforme o conceito de “Mortificação do Eu”, do sociólogo Erving Goffman, é possível entender o que ocorre na internet que induz o indivíduo a ter um comportamento alienado. Tal preceito afirma que, por influência de fatores coercitivos, o cidadão perde seu pensamento individual e junta-se a uma massa coletiva. Dentro do contexto da internet, o usuário, sem perceber, é induzido a entrar em determinados sites devido a um “bombardeio” de propagandas que aparece em seu dispositivo conectado. Evidencia-se, portanto, uma falsa liberdade de escolha quanto ao que fazer no mundo virtual.

Com o intuito de amenizar essa problemática, o Congresso Nacional deve formular leis que limitem esse assédio comercial realizado por empresas privadas, por meio de direitos e punições aos que descumprirem, a fim de acabar com essa imposição midiática. As escolas, em parceria com as famílias, devem inserir a discussão sobre esse tema tanto no ambiente doméstico quanto no estudantil, por intermédio de palestrantes, com a participação de psicólogos e especialistas, que debatam acerca de como agir “online”, com o objetivo de desenvolver, desde a infância, a capacidade de utilizar a tecnologia a seu favor. Feito isso, o conflito vivenciado na série não se tornará realidade.

MP Arg. 0 TESE ANTERIOR (C1)

- torna-se necessário o debate acerca da manipulação comportamental do usuário pelo controle de dados na internet.
- TA (Inferência): Há a manipulação de dados e ela é algo ruim

MP Arg. 1 DADOS

- o uso da internet torna-se uma imposição viciosa;
- uma falsa liberdade de escolha quanto ao que fazer no mundo virtual.

MP Arg. 3 TESE – CONCLUSÃO

= TA

MP Arg. 4 RESTRIÇÃO

Proposta de intervenção

- Com o intuito de amenizar essa problemática...

MP Arg. 3 NOVA TESE/CONCLUSÃO

- Feito isso, o conflito vivenciado na série não se tornará realidade.

APÊNDICE B – REDAÇÃO 4

Sob a perspectiva de uma revolução Tecno-Científico-Informacional, vive-se o auge da evolução humana em sua relação com a tecnologia, em que se destaca a ascensão do papel da internet no cotidiano social. Entretanto, tal avanço não é apenas benéfico, de modo que a popularidade existente no uso das redes virtuais possibilitou seu aproveitamento malicioso para que ela atue como um meio influenciador de comportamentos. Nesse contexto, configura-se um quadro alarmante correlacionado ao potencial de manipulação do usuário por meio do controle dos dados expostos a ele, o que decorre de interesses organizacionais e gera um processo de alienação social. Em um primeiro plano, é

imperioso ressaltar que a busca por adesão a um interesse financeiro ou ideológico intensifica o controle da internet como um formador comportamental. De acordo com as pesquisas dos sociólogos Adorno e Horkheimer sobre Indústria Cultural, as mídias digitais possuem uma grande capacidade de atuar como formadoras e moldadoras de opinião. Assim, com o aumento abrupto do uso das redes virtuais, diversas organizações usufruem desse poder em prol de atingir sua causa com a imposição de informações selecionadas as quais limitam a escolha do usuário. Essa seleção permite que empresas comerciais, por exemplo, atraiam um mercado consumidor maior e ampliem suas vendas ao restringir as opções de compra ao perfil do indivíduo, que, em vez de escolher, apenas obedece ao sistema. Ademais, governos autoritários também se aproveitam do potencial manipulador para permitir que somente notícias favoráveis a sua ideologia possam ser acessadas pelos seus cidadãos, o que evita rebeliões. Depreende-se, pois, a privação da liberdade pessoal pelo direcionamento de comportamentos no meio digital.

Sob outro prisma, é válido analisar que o controle de dados na internet fomenta a alienação da sociedade. Essa problemática ocorre porque, quando conteúdos previamente selecionados, descontextualizados ou alterados são a maior parte das informações acessíveis ao público, este passa a reproduzir os comportamentos esperados pelos órgãos manipuladores e influencia as pessoas ao seu redor por apresentar tais fatos como verdades, o que gera um estado de desinformação. Nesse viés, percebe-se que a seleção informacional como um meio alienante antecede a internet, de modo a ser visto, por exemplo, no período ditatorial do Brasil, que, ao censurar notícias negativas sobre o panorama do país, criou a ideia de uma nação livre de problemas sociais, econômicos e de segurança. Infere-se, então, que o uso maléfico da internet na moldagem de opiniões por meio de ações controladoras propicia uma redução na capacidade de senso crítico da comunidade.

Torna-se evidente, portanto, a complexa situação que envolve a manipulação do indivíduo com a seleção de dados na rede virtual. Para amenizar o quadro, cabe ao Poder Legislativo reformular o Marco Civil, que é responsável por regularizar o uso do meio digital. Essa medida deverá ocorrer por intermédio da inclusão de uma cláusula a qual irá reforçar os limites no controle dos conteúdos expostos, de forma a ampliar o espectro de escolhas do usuário. Tal ação objetiva impedir que a internet seja utilizada para a moldagem de comportamentos.

MP Arg. 0 TESE ANTERIOR (C1)

- configura-se um quadro alarmante correlacionado ao potencial de manipulação do usuário por meio do controle dos dados expostos a ele...



MP Arg. 1 DADOS

- a privação da liberdade pessoal pelo direcionamento de comportamentos no meio digital;
- redução na capacidade de senso crítico da comunidade.



MP Arg. 3 TESE – CONCLUSÃO

= complexa situação que envolve a manipulação do indivíduo



MP Arg. 4 RESTRIÇÃO

Proposta de intervenção

- Para amenizar o quadro...



MP Arg. 3 NOVA TESE/CONCLUSÃO

- Tal ação objetiva impedir...

APÊNDICE C – REDAÇÃO 5

No livro “1984” de George Orwell, é retratado um futuro distópico em que um Estado totalitário controla e manipula toda forma de registro histórico e contemporâneo, a fim de moldar a opinião pública a favor dos governantes. Nesse sentido, a narrativa foca na trajetória de Winston, um funcionário do contraditório Ministério da Verdade que diariamente analisa e altera notícias e conteúdos midiáticos para favorecer a imagem do Partido e formar a população através de tal ótica. Fora da ficção, é fato que a realidade apresentada por Orwell pode ser relacionada ao mundo cibernético do século XXI: gradativamente, os algoritmos e sistemas de inteligência artificial corroboram para a restrição de informações disponíveis e para a influência comportamental do público, preso em uma grande bolha sociocultural.

Em primeiro lugar, é importante destacar que, em função das novas tecnologias, internautas são cada vez mais expostos a uma gama limitada de dados e conteúdos na internet, consequência do desenvolvimento de mecanismos filtradores de informação a partir do uso diário individual. De acordo com o filósofo Zygmund Baüman, vive-se atualmente um período de liberdade ilusória, já que o mundo digitalizado não só possibilitou novas formas de interação com o conhecimento, mas também abriu portas para a manipulação e alienação vistas em “1984”. Assim, os usuários são inconscientemente analisados e lhes é apresentado apenas o mais atrativo para o consumo pessoal.

Por conseguinte, presencia-se um forte poder de influência desses algoritmos no comportamento da coletividade cibernética: ao observar somente o que lhe interessa e o que foi escolhido para ele, o indivíduo tende a continuar consumindo as mesmas coisas e fechar os olhos para a diversidade de opções disponíveis. Em um episódio da série televisiva Black Mirror, por exemplo, um aplicativo pareava pessoas para relacionamentos com base em estatísticas e restringia as possibilidades para apenas as que a máquina indicava – tornando o usuário passivo na escolha. Paralelamente, esse é o objetivo da indústria cultural para os pensadores da Escola de Frankfurt: produzir conteúdos a partir do padrão de gosto do público, para direcioná-lo, torná-lo homogêneo e, logo, facilmente atingível.

Portanto, é mister que o Estado tome providências para amenizar o quadro atual. Para a conscientização da população brasileira a respeito do problema, urge que o Ministério de Educação e Cultura (MEC) crie, por meio de verbas governamentais, campanhas publicitárias nas redes sociais que detalhem o funcionamento dos algoritmos inteligentes nessas ferramentas e advirtam os internautas do perigo da alienação, sugerindo ao interlocutor criar o hábito de buscar informações de fontes variadas e manter em mente o filtro a que ele é submetido.

Somente assim, será possível combater a passividade de muitos dos que utilizam a internet no país e, ademais, estourar a bolha que, da mesma forma que o Ministério da Verdade construiu em Winston de “1984”, as novas tecnologias estão construindo nos cidadãos do século XXI.

MP Arg. 0 TESE ANTERIOR (C1)

- gradativamente, os algoritmos e sistemas de inteligência artificial corroboram para a restrição...;
- TA (Inferência): os usuários são manipulados por meio da internet.

MP Arg. 1 DADOS

- os usuários são inconscientemente analisados e lhes é apresentado apenas o mais atrativo para o consumo pessoal;
- forte poder de influência desses algoritmos no comportamento.

MP Arg. 3 TESE – CONCLUSÃO = TA

MP Arg. 4 RESTRIÇÃO

Proposta de intervenção

- é mister que o Estado tome providências...

MP Arg. 3 NOVA TESE/CONCLUSÃO

- Somente assim...

APÊNDICE D – REDAÇÃO 7

O advento da internet possibilitou um avanço das formas de comunicação e permitiu um maior acesso à informação. No entanto, a venda de dados particulares de usuários se mostra um grande problema. Apesar dos esforços para coibir essa prática, o combate à manipulação de usuários por meio de controle de dados representa um enorme desafio. Pode-se dizer, então, que a negligência por parte do governo e a forte mentalidade individualista dos empresários são os principais responsáveis pelo quadro.

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar a ausência de medidas governamentais para combater a venda de dados pessoais e a manipulação do comportamento nas redes. Segundo o pensador Thomas Hobbes, o Estado é responsável por garantir o bem-estar da população, entretanto, isso não ocorre no Brasil. Devido à falta de atuação das autoridades, grandes empresas sentem-se livres para invadir a privacidade dos usuários e vender informações pessoais para empresários que desejam direcionar suas propagandas. Dessa forma, a opinião dos consumidores é influenciada, e o direito à liberdade de escolha é ameaçado.

Outrossim, a busca pelo ganho pessoal acima de tudo também pode ser apontado como responsável pelo problema. De acordo com o pensamento marxista, priorizar o bem pessoal em detrimento do coletivo gera inúmeras dificuldades para a sociedade. Ao vender dados particulares e manipular o comportamento de usuários, empresas invadem a privacidade dos indivíduos e ferem importantes direitos da população em nome de interesse individuais. Desse modo, a união da sociedade é essencial para garantir o bem-estar coletivo e combater o controle de dados e a manipulação do comportamento no meio digital.

Infere-se, portanto, que assegurar a privacidade e a liberdade de escolha na internet é um grande desafio no Brasil. Sendo assim, o Governo Federal, como instância máxima de administração executiva, deve atuar em favor da população, através da criação de leis que proíbam a venda de dados dos usuários, a fim de que empresas que utilizam essa prática sejam punidas e a privacidade dos usuários seja assegurada. Além disso, a sociedade, como conjunto de indivíduos que compartilham valores culturais e sociais, deve atuar em conjunto e combater a manipulação e o controle de informações, por meio de boicotes e campanhas de mobilização, para que os empresários sintam-se pressionados pela população e sejam obrigados a abandonar a prática.

Afinal, conforme afirmou Rousseau: “a vontade geral deve emanar de todos para ser aplicada a todos”

MP Arg. 0 TESE ANTERIOR (C1)

- a negligência por parte do governo e a forte mentalidade individualista dos empresários são os principais responsáveis pelo quadro;
- TA (Inferência): A manipulação dos usuários é um problema atual.

MP Arg. 1 DADOS

- a opinião dos consumidores é influenciada, e o direito à liberdade de escolha é ameaçado;
- busca pelo ganho pessoal acima de tudo.

MP Arg. 3 TESE – CONCLUSÃO = C1

MP Arg. 4 RESTRIÇÃO

Proposta de intervenção

- o Governo Federal, [...], deve atuar...

MP Arg. 3 NOVA TESE/CONCLUSÃO

- Afinal...

APÊNDICE E – REDAÇÃO 8

A utilização dos meios de comunicação para manipular comportamentos não é recente no Brasil: ainda em 1937, Getúlio Vargas apropriou-se da divulgação de uma falsa ameaça comunista para legitimar a implantação de um governo ditatorial. Entretanto, os atuais mecanismos de controle de dados, proporcionados pela internet, revolucionaram de maneira negativa essa prática, uma vez que conferiram aos usuários uma sensação ilusória de acesso à informação, prejudicando a construção da autonomia intelectual e, por isso, demandam intervenções. Ademais, é imperioso ressaltar os principais impactos da manipulação, com destaque à influência nos hábitos de consumo e nas convicções pessoais dos usuários.

Nesse contexto, as plataformas digitais, associadas aos algoritmos de filtragem de dados, proporcionaram um terreno fértil para a evolução dos anúncios publicitários. Isso ocorre porque, ao selecionar os interesses de consumo do internauta, baseado em publicações feitas por este, o sistema reorganiza as informações que chegam até ele, de modo a priorizar os anúncios complacentes ao gosto do usuário. Nesse viés, há uma pretensa sensação de liberdade de escolha, teorizada pela Escola de Frankfurt, já que todos os dados adquiridos estão sujeitos à coerção econômica. Dessa forma, há um bombardeio de propagandas que influenciam os hábitos de consumo de quem é atingido, visto que, na maioria das vezes, resultam na aquisição do produto anunciado.

Somado a isso, tendo em vista a capacidade dos algoritmos de selecionar o que vai ou não ser lido, estes podem ser usados para moldar interesses pessoais dos leitores, a fim de alcançar objetivos políticos e/ou econômicos. Nesse cenário, a divulgação de notícias falsas é utilizada como artifício para dispersar ideologias, contaminando o espaço de autonomia previsto pelo sociólogo Manuel Castells, o qual caracteriza a internet como ambiente importante para a amplitude da democracia, devido ao seu caráter informativo e deliberativo. Desse modo, o controle de dados torna-se nocivo ao desenvolvimento da consciência crítica dos usuários, bem como à possibilidade de uso da internet como instrumento de politização.

Evidencia-se, portanto, que a manipulação advinda do controle de dados na internet é um obstáculo para a consolidação de uma educação libertadora. Por conseguinte, cabe ao Ministério da Educação investir em educação digital nas escolas, por meio da inclusão de disciplinas facultativas, as quais orientarão aos alunos sobre as informações pessoais publicadas na internet, a fim de mitigar a influência exercida pelos algoritmos e, conseqüentemente, fomentar o uso mais consciente das plataformas digitais. Além disso, é necessário que o Ministério da Justiça, em parceria com empresas de tecnologia, crie canais de denúncia de “fake news”, mediante a implementação de indicadores de confiabilidade nas notícias veiculadas – como o projeto “The Trust Project” nos Estados Unidos – com o intuito de minimizar o compartilhamento de informações falsas e o impacto destas na sociedade. Feito isso, a sociedade brasileira poderá se proteger contra a manipulação e a desinformação.

MP Arg. 0 TESE ANTERIOR (C1)

- , é imperioso ressaltar os principais impactos da manipulação...
- TA (Inferência): A manipulação de dados na internet traz impactos na vida do usuário.

MP Arg. 1 DADOS

- há um bombardeio de propagandas que influenciam os hábitos de consumo;
- o controle de dados torna-se nocivo ao desenvolvimento da consciência crítica, bem como à possibilidade de uso da internet como instrumento de politização.

MP Arg. 3 TESE – CONCLUSÃO

= a manipulação advinda do controle de dados... (=C1)

MP Arg. 4 RESTRIÇÃO

Proposta de intervenção

- Cabe ao Ministério...

MP Arg. 3 NOVA TESE/CONCLUSÃO

- Feito isso...

APÊNDICE F – REDAÇÃO 9

As primeiras duas décadas do século XXI, no Brasil e no mundo globalizado, foram marcadas por consideráveis avanços científicos, dentre os quais destacam-se as tecnologias de informação e comunicação (TICs). Nesse sentido, tal panorama promoveu a ampliação do acesso ao conhecimento, por intermédio das redes sociais e mídias virtuais. Em contrapartida, nota-se que essa realidade impôs novos desafios às sociedades contemporâneas, como a possibilidade de manipulação comportamental via dados digitais. Desse modo, torna-se premente analisar os principais impactos dessa problemática: a perda da autonomia de pensamento e a sabotagem dos processos políticos democráticos.

Em primeira análise, é lícito postular que a informação é um bem de valor social, o qual é responsável por modular a cosmovisão antropológica pessoal e influenciar os processos de decisão humana. Nesse raciocínio, as notícias e acontecimentos que chegam a um indivíduo exercem forte poder sobre tal, estimulando ou suprimindo sentimentos como empatia, medo e insegurança. É factual, portanto, que a capacidade de selecionar – via algoritmos – as reportagens e artigos que serão vistos por determinado público constitui uma ameaça à liberdade de pensamento crítico. Evidenciando o supracitado, há o livro “Rápido e devagar: duas formas de pensar”, do especialista comportamental Daniel Kahneman, no qual esse expõe e comprova – por meio de décadas de experimentos socioculturais – a incisiva influência dos meios de comunicação no julgamento humano. Torna-se clara, por dedução analítica, a potencial relação negativa entre a manipulação digital por dados e a autonomia psicológica e racional da população.

Ademais, é preciso compreender tal fenômeno patológico como um atentado às instituições democráticas. Isso porque a perspectiva de mundo dos indivíduos coordena suas escolhas em eleições e plebiscitos públicos. Dessa maneira, o povo tende a agir segundo o conceito de menoridade, do filósofo iluminista Immanuel Kant, no qual as decisões pessoais são tomadas pelo intelecto e influência de outro. Evidencia-se, assim, que o domínio da seletividade de informações nas redes sociais, como Facebook e Twitter, pode representar uma sabotagem ao Estado Democrático.

Em suma, a manipulação comportamental pelo uso de dados é um complexo desafio hodierno e precisa ser combatida.

Dessarte, as instituições escolares – responsáveis por estimular o pensamento crítico na população – devem buscar fortalecer a capacidade de julgamento e posicionamento racional nos jovens. Isso pode ser feito por meio de palestras, aulas e distribuição de materiais didáticos sobre a filosofia criticista e sociologia, visando aprimorar o raciocínio autônomo livre de influências. Em paralelo, as grandes redes sociais, interessadas na plenitude de seus usuários, precisam restringir o uso indevido de dados privilegiados. Tal ação é viável por intermédio da restrição do acesso, por parte de entidades políticas, aos algoritmos e informações privadas de preferências pessoais, objetivando proteger a privacidade do indivíduo e o exercício da democracia plena. Desse modo, atenuar-se-á, em médio e longo prazo, o impacto nocivo do controle comportamental moderno, e a sociedade alcançará o estágio da maioria kantiana.

MP Arg. 0 TESE ANTERIOR (C1)

- torna-se premente analisar os principais impactos dessa problemática...
- TA (Inferência): A manipulação dos dados na internet é problema para o indivíduo.

MP Arg. 1 DADOS

- Manipulação digital x autonomia psicológica e racional da população;
- o domínio da seletividade de informações nas redes sociais, [...], pode representar uma sabotagem ao Estado Democrático.

MP Arg. 3 TESE – CONCLUSÃO

= é um complexo desafio hodierno (=C1)

MP Arg. 4 RESTRIÇÃO

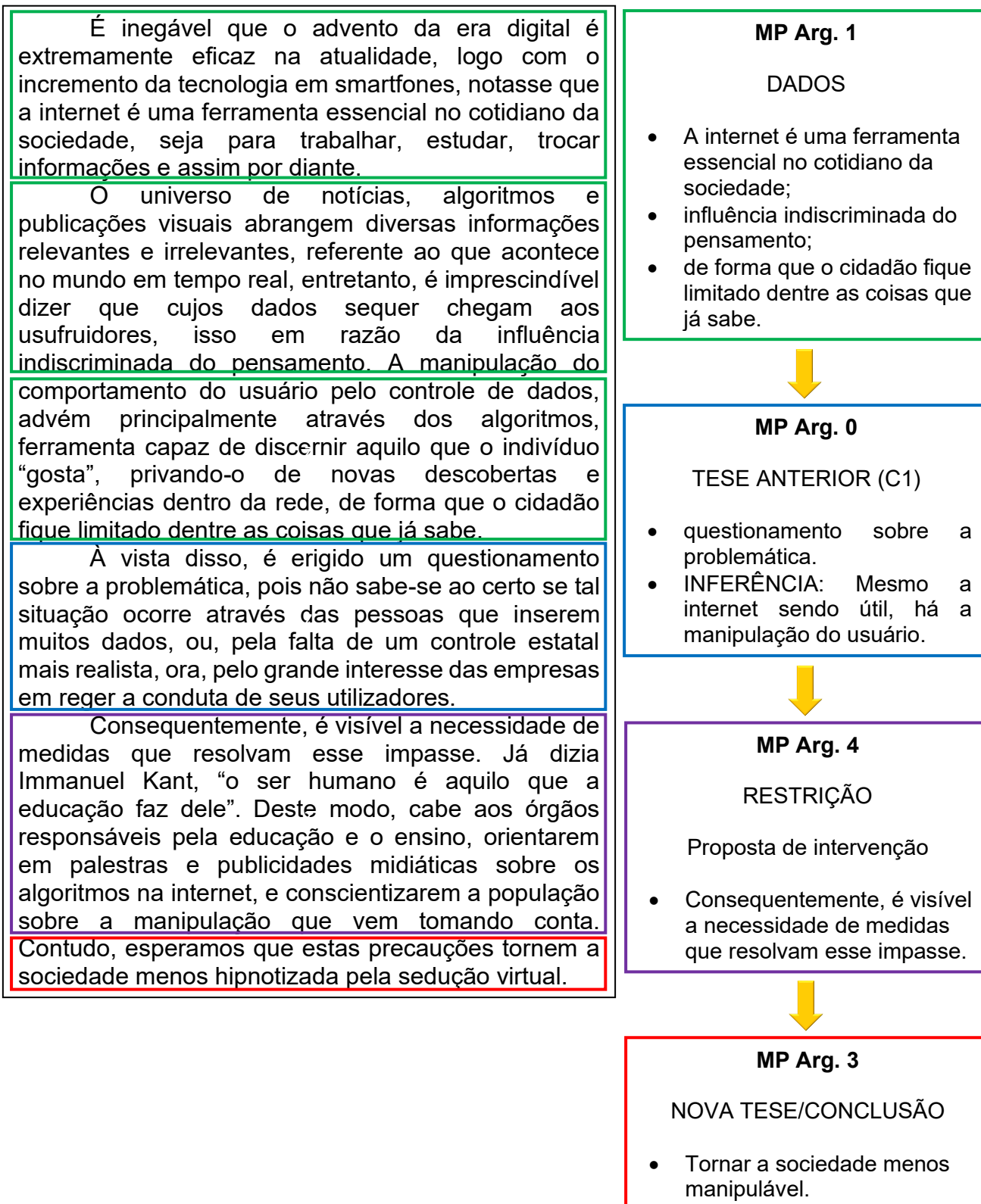
Proposta de intervenção

- Dessarte, as instituições escolares [...] devem...

MP Arg. 3 NOVA TESE/CONCLUSÃO

- Desse modo, atenuar-se-á...

APÊNDICE G – REDAÇÃO 13



APÊNDICE H – REDAÇÃO 15

No Mito da Caverna, Platão fala que se deve buscar o conhecimento, para então conseguir sair de dentro da caverna, que manipula, não ficar dentro dela. Contudo não é o que ocorre hoje em dia no Brasil, já que pessoas são influenciadas constantemente pela internet, de forma imperceptível, através de propagandas sutis que as deixam cômodas.

O meio de comunicação mundial, fruto da Guerra Fria, no qual só ficou acessível no século XXI no país, é constituído de códigos, conhecidos como algoritmos. Esses, selecionam o que vai ser mostrado como recomendação do "feed", a partir dos três C's - curtida, comentário e compartilhamento - que o usuário faz. Assim, moldando a forma de pensar e agir dos indivíduos, levando em consideração que não são elas que realmente tem a decisão de escolha, ela só lê o que é mostrado.

Todavia, é pueril achar que só os algoritmos tem culpa, não querendo se desprender das correntes e chegar a luz. Não se pesquisa a forma de como as recomendações são selecionadas e não trazem outros assuntos. Sem questionamento algum apenas é jogado um monte de informações na rede, sem pensar o que pode acontecer com elas. O utente fica então submetido a essa tecnologia, que tem mais poder que o próprio ser que a criou, por culpa do mesmo.

Portanto, indubitavelmente, tem que se tomar medidas para que a alienação acabe. Sendo assim, cabe ao Ministério da Educação implementar em faculdades, palestras cômicas e leves, como hora complementar, com essa temática de prevenção e riscos na internet, já que 85% dessa população é ativa no meio, segundo o IBGE. Para então ser possível sair da caverna platônica e ver o que realmente existe fora.

MP Arg. 0

TESE ANTERIOR (C1)

- que pessoas são influenciadas constantemente pela internet.



MP Arg. 1

DADOS

- moldam a forma de pensar e agir dos indivíduos;
- O utente fica então submetido a essa tecnologia.



MP Arg. 3

CONCLUSÃO

- Portanto = C1



MP Arg. 4

RESTRIÇÃO

Proposta de intervenção

- indubitavelmente, tem que se tomar medidas para que a alienação acabe.

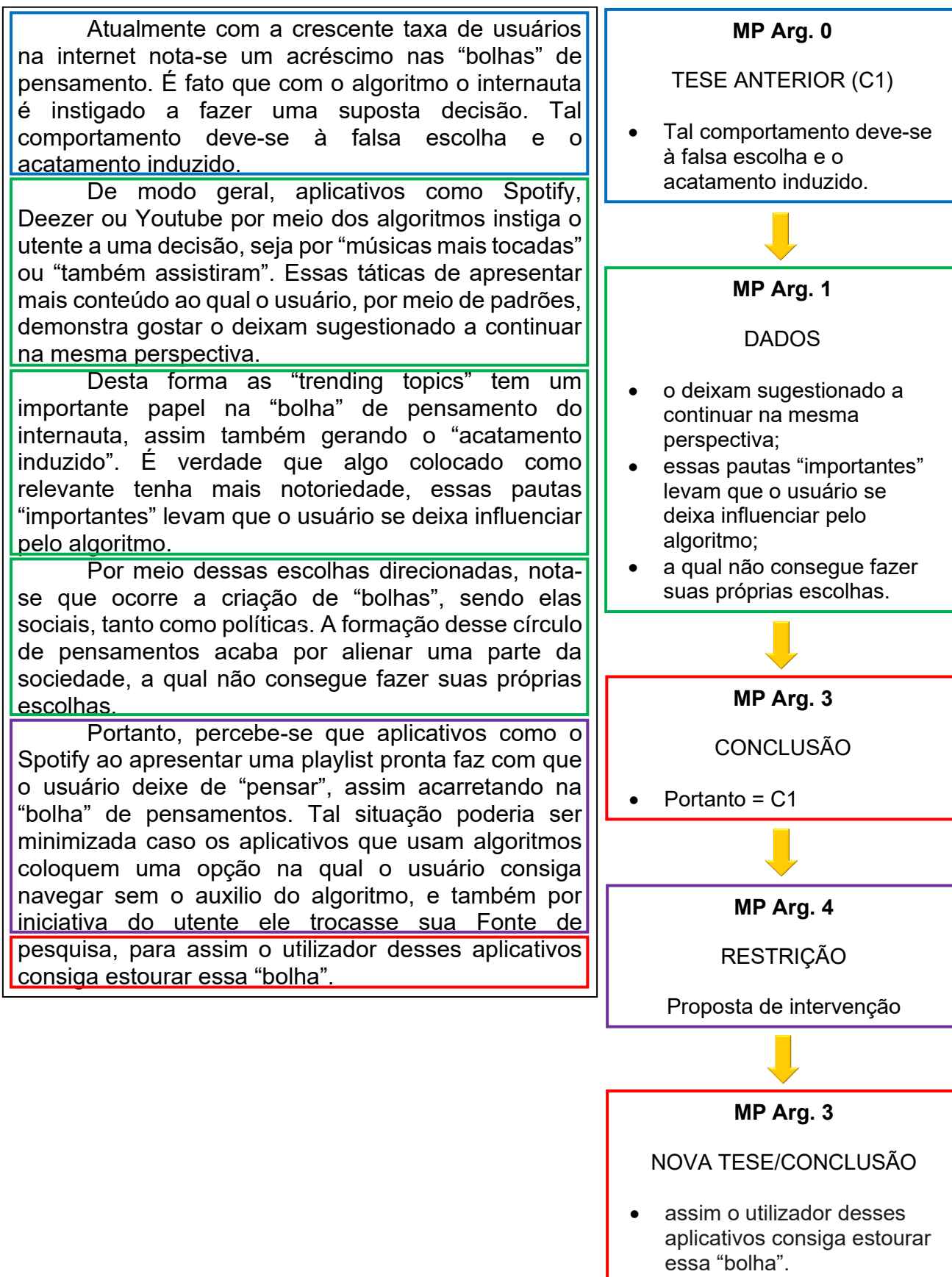


MP Arg. 3

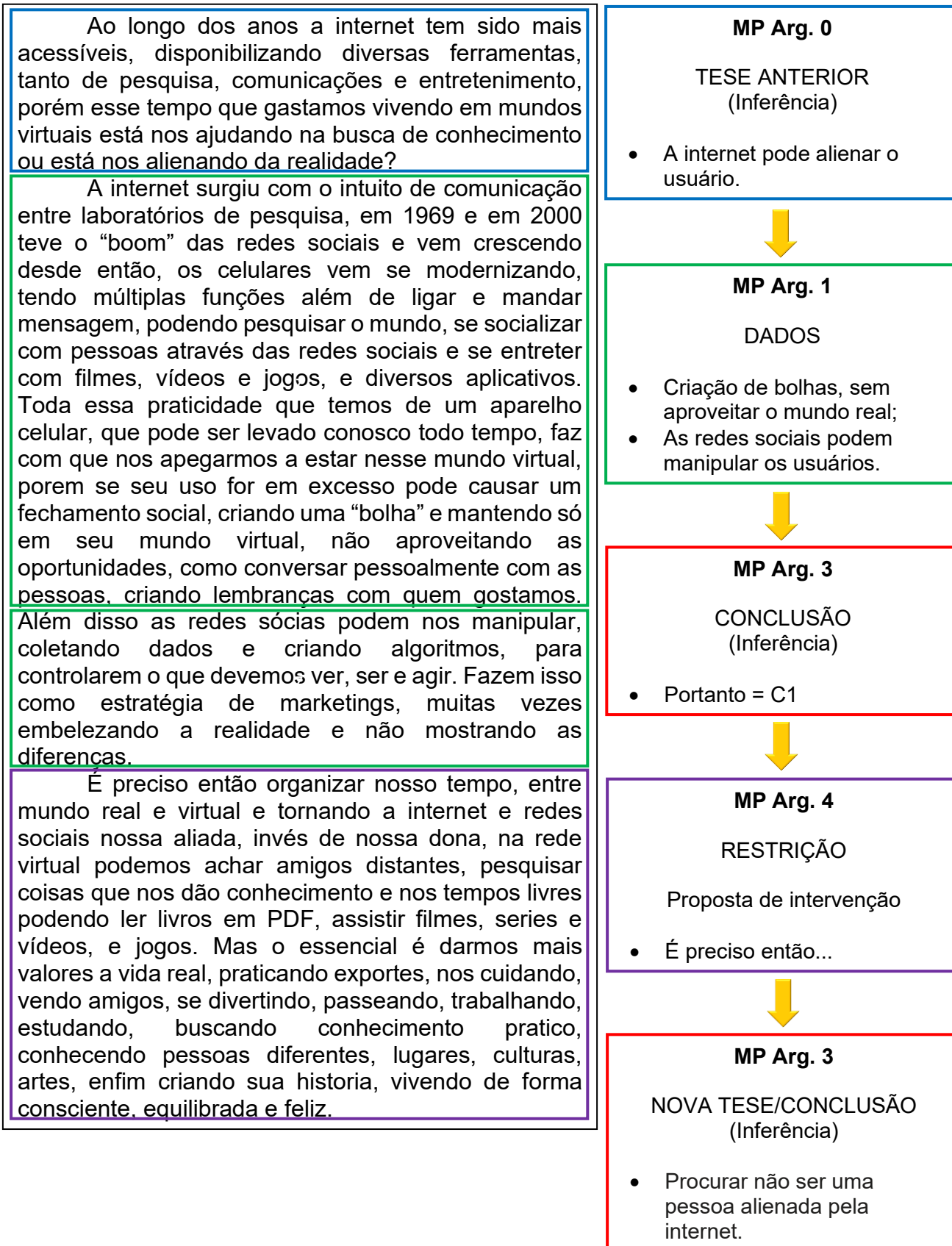
NOVA TESE/CONCLUSÃO

- ser possível sair da caverna platônica e ver o que realmente existe fora.

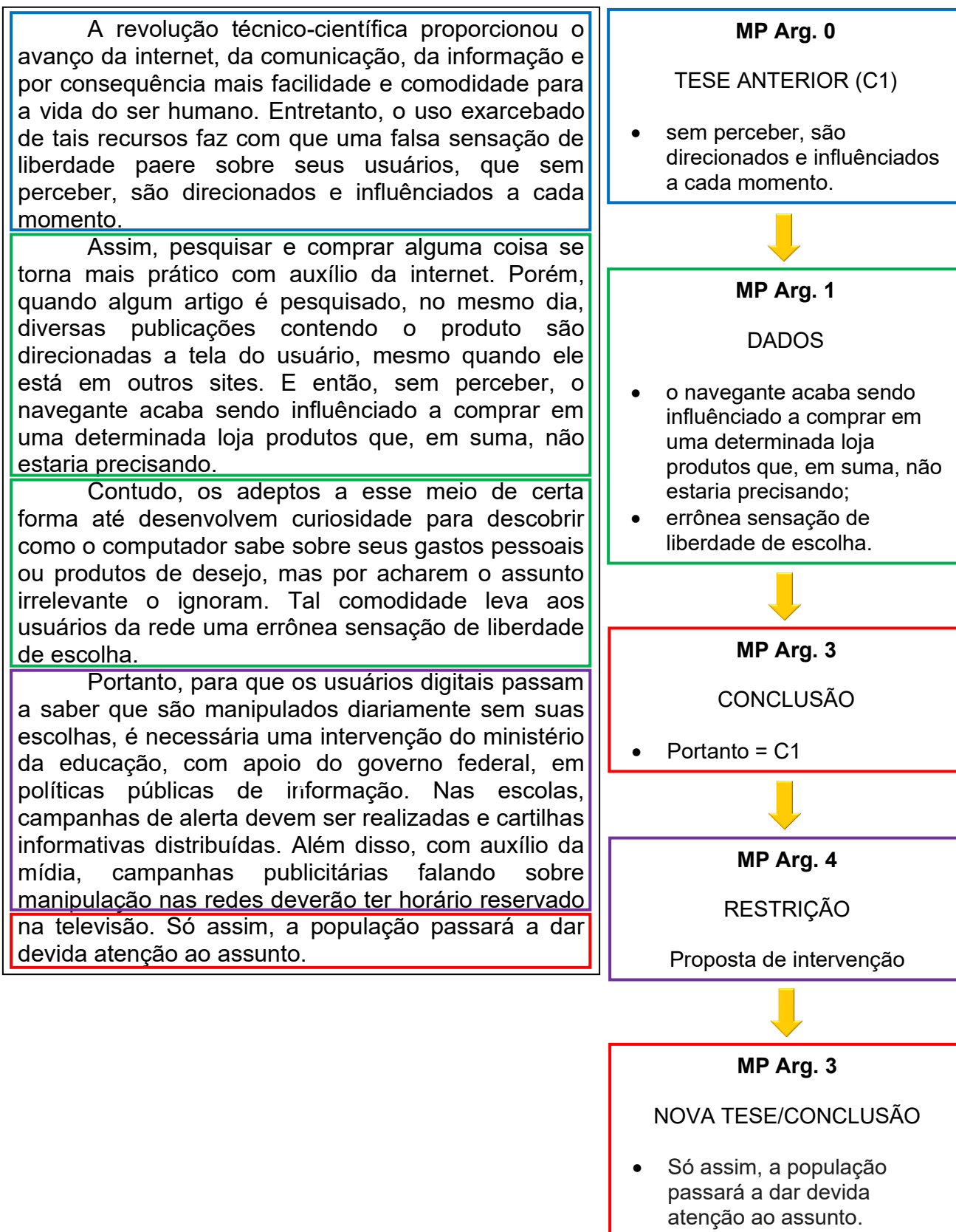
APÊNDICE I – REDAÇÃO 16



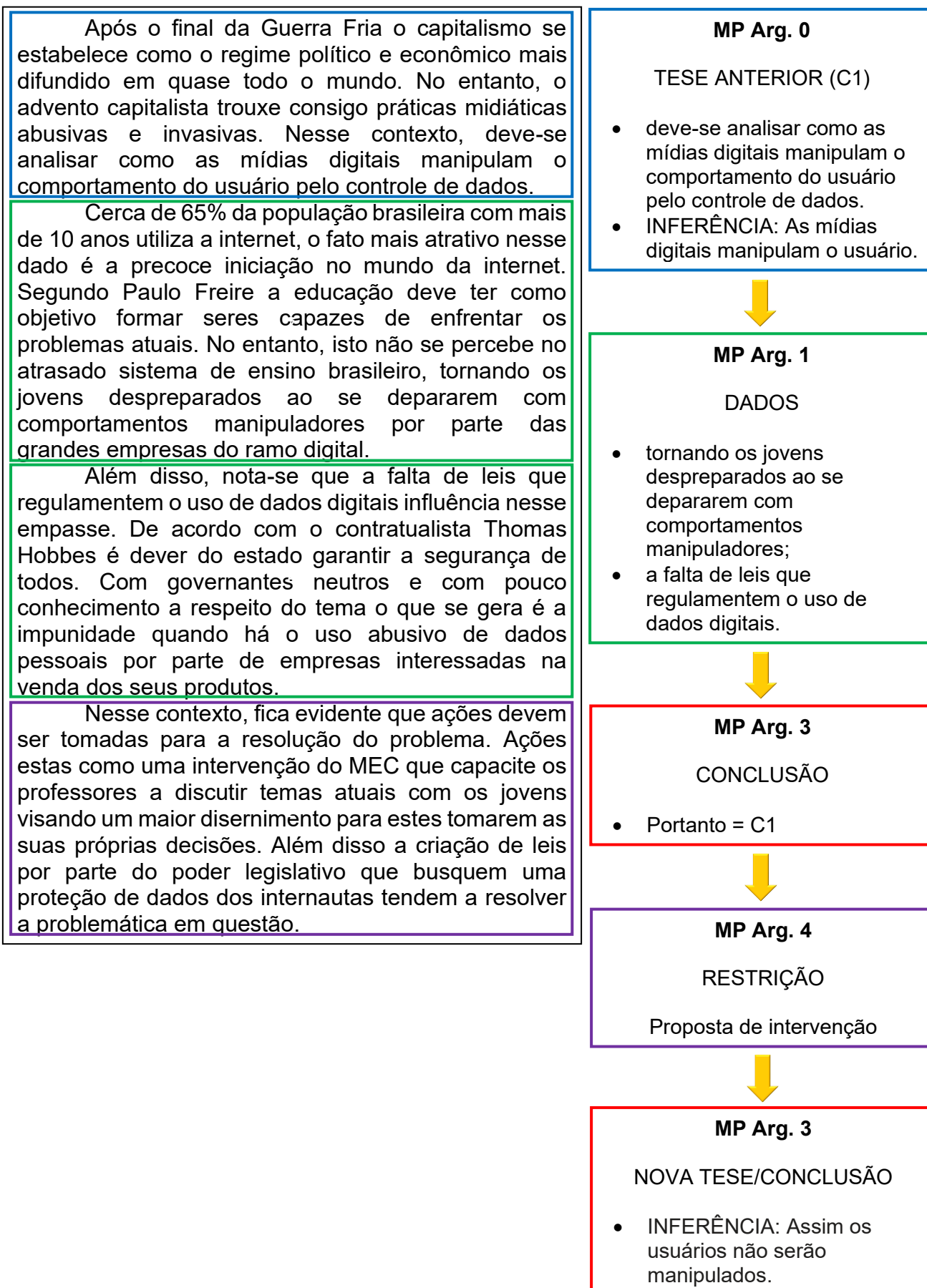
APÊNDICE J – REDAÇÃO 17



APÊNDICE K – REDAÇÃO 19



APÊNDICE L – REDAÇÃO 20



ANEXO A – PROPOSTA DE REDAÇÃO: ENEM 2019



enem2019

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta preta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para a contagem de linhas.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
 - 4.2. fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.
 - 4.4. apresentar nome, assinatura, rubrica ou outras formas de identificação no espaço destinado ao texto.

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

No dia da primeira exibição pública de cinema — 28 de dezembro de 1895, em Paris —, um homem de teatro que trabalhava com mágicas, Georges Méliès, foi falar com Lumière, um dos inventores do cinema; queria adquirir um aparelho, e Lumière desencorajou-o, disse-lhe que o "Cinematógrafo" não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas. Mesmo que o público, no início, se divertisse com ele, seria uma novidade de vida breve, logo cansaria. Lumière enganou-se. Como essa estranha máquina de austeros cientistas virou uma máquina de contar histórias para enormes platelas, de geração em geração, durante já quase um século?

BERNARDET, Jean-Claude. O que é Cinema. In BERNARDET, Jean-Claude; ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo, O que é Editora, O que é Cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TEXTO II

Edgar Morin define o cinema como uma máquina que registra a existência e a restitui como tal, porém levando em consideração o indivíduo, ou seja, o cinema seria um meio de transpor para a tela o universo pessoal, solicitando a participação do espectador.

GUTFREIND, C. F. O filme e a representação do real. **E-Compós**, v. 6, 11, 2006 (adaptado).

TEXTO III



Disponível em: www.meloemensagem.com. Acesso em: 12 jun. 2019 (adaptado).

TEXTO IV

O Brasil já teve um parque exibidor vigoroso e descentralizado: quase 3 300 salas em 1975, uma para cada 30 000 habitantes, 80% em cidades do interior. Desde então, o país mudou. Quase 120 milhões de pessoas a mais passaram a viver nas cidades. A urbanização acelerada, a falta de investimentos em infraestrutura urbana, a baixa capitalização das empresas exibidoras, as mudanças tecnológicas, entre outros fatores, alteraram a geografia do cinema. Em 1997, chegamos a pouco mais de 1 000 salas. Com a expansão dos shopping centers, a atividade de exibição se reorganizou. O número de cinemas duplicou, até chegar às atuais 2 200 salas. Esse crescimento, porém, além de insuficiente (o Brasil é apenas o 60º país na relação habitantes por sala), ocorreu de forma concentrada. Foram privilegiadas as áreas de renda mais alta das grandes cidades. Populações inteiras foram excluídas do universo do cinema ou continuam mal atendidas: o Norte e o Nordeste, as periferias urbanas, as cidades pequenas e médias do interior.

Disponível em: <https://cinemapertodevoce.ancine.gov.br>. Acesso em: 13 jun. 2019 (fragmento).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Democratização do acesso ao cinema no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

ANEXO B – PROPOSTA DE REDAÇÃO: ENEM 2018

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
 - 4.2. fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

Às segundas-feiras pela manhã, os usuários de um serviço de música digital recebem uma lista personalizada de músicas que lhe permite descobrir novidades. Assim como os sistemas de outros aplicativos e redes sociais, este cérebro artificial consegue traçar um retrato automatizado do gosto de seus assinantes e constrói uma máquina de sugestões que não costuma falhar. O sistema se baseia em um algoritmo cuja evolução e usos aplicados ao consumo cultural são infinitos. De fato, plataformas de transmissão de vídeos on-line começam a desenhar suas séries de sucesso rastreando o banco de dados gerado por todos os movimentos dos usuários para analisar o que os satisfaz. O algoritmo constrói assim um universo cultural adequado e complacente com o gosto do consumidor, que pode avançar até chegar sempre a lugares reconhecíveis. Dessa forma, a filtragem de informações feita pelas redes sociais ou pelos sistemas de busca pode moldar nossa maneira de pensar. E esse é o problema principal: a ilusão de liberdade de escolha que muitas vezes é gerada pelos algoritmos.

VERDÚ, Daniel. *O gosto na era do algoritmo*. Disponível em: <https://brasilempais.com>. Acesso em: 11 jun. 2018 (adaptado).

TEXTO II

Nos sistemas dos gigantes da internet, a filtragem de dados é transferida para um exército de moderadores em empresas localizadas do Oriente Médio ao Sul da Ásia, que têm um papel importante no controle daquilo que deve ser eliminado da rede social, a partir de sinalizações dos usuários. Mas a informação é então processada por um algoritmo, que tem a decisão final. Os algoritmos são literais. Em poucas palavras, são uma opinião embrulhada em código. E estamos caminhando para um estágio em que é a máquina que decide qual notícia deve ou não ser lida.

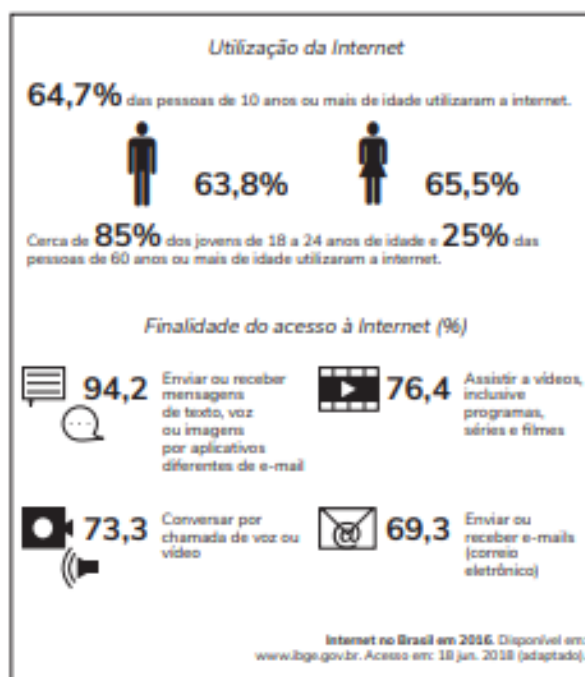
PEPE ESCOBAR. *A silenciosa ditadura do algoritmo*. Disponível em: <http://outspalavras.net>. Acesso em: 5 jun. 2017 (adaptado).

TEXTO III

Mudanças sutis nas informações às quais somos expostos podem transformar nosso comportamento. As redes têm selecionado as notícias sob títulos chamativos como "trending topics" ou critérios como "relevância". Mas nós praticamente não sabemos como isso tudo é filtrado. Quanto mais informações relevantes tivermos nas pontas dos dedos, melhor equipados estamos para tomar decisões. No entanto, surgem algumas tensões fundamentais: entre a conveniência e a deliberação; entre o que o usuário deseja e o que é melhor para ele; entre a transparência e o lado comercial. Quanto mais os sistemas souberem sobre você em comparação ao que você sabe sobre eles, há mais riscos de suas escolhas se tornarem apenas uma série de reações a "cutucadas" invisíveis. O que está em jogo não é tanto a questão "homem versus máquina", mas sim a disputa "decisão informada versus obediência influenciada".

CHATFIELD, Tom. *Como a internet influencia secretamente nossas escolhas*. Disponível em: www.bbc.com. Acesso em: 3 jun. 2017 (adaptado).

TEXTO III



PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.